



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Faculdade de Formação de Professores

Programa de Pós-graduação em História Social

*Neofascismo e neointegralismo no Brasil: um estudo sobre
a atuação da Frente Integralista Brasileira (2004-2022)*

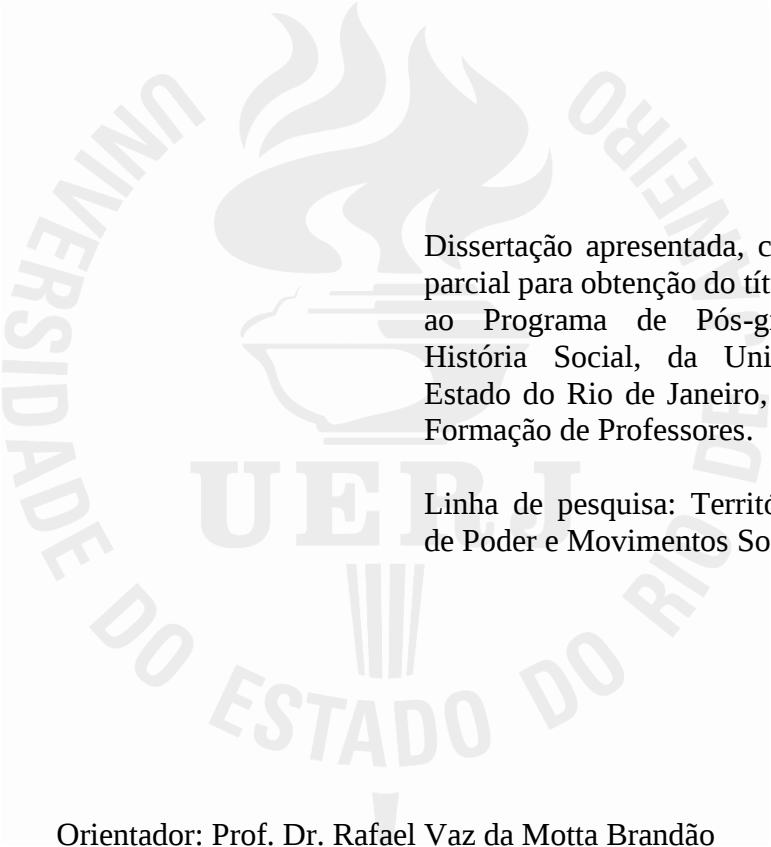
Júlio Cezar de Andrade Silva

São Gonçalo

2026

Júlio Cezar de Andrade Silva

*Neofascismo e neointegralismo no Brasil: um estudo sobre a
atuação da Frente Integralista Brasileira (2004-2022)*



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

Linha de pesquisa: Território, Relações de Poder e Movimentos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão

São Gonçalo

2026

Júlio Cezar de Andrade Silva

Neofascismo e neointegralismo no Brasil: um estudo sobre a atuação da Frente Integralista Brasileira (2004-2022)

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

Linha de pesquisa: Território, Relações de Poder e Movimentos Sociais.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rafael Vaz da Motta Brandão (Orientador – UERJ)

Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto (Arguidor – UFJF)

Prof. Dr. Ricardo Figueiredo de Castro (Arguidor – UFRJ)

Prof. Dr. Gelsom Rozentino de Almeida (Suplente – UERJ)

DEDICATÓRIA:

A todos que caminharam comigo até aqui.

AGRADECIMENTOS:

Estou entre os que acreditam que sozinho não é possível chegar a lugar nenhum. Nesta pesquisa, contei com uma rede de apoio fundamental, que permitiu que eu pudesse dar prosseguimento à minha formação. Todos os méritos desta pesquisa compartilho com vocês; todas as falhas são exclusivamente minhas.

Ao meu irmão e melhor amigo, Davih: costumam dizer que nos parecemos, e aceito isso como um grande elogio. Você é meu maior orgulho, pode contar comigo sempre. Agradeço ao meu pai, Ailton, por se mostrar sempre presente, valorizando e incentivando meus estudos e formação. À minha mãe, Greice: seu compromisso com a educação me inspira todos os dias; sua trajetória e dedicação são o farol que me guiou até aqui. Em todos os sentidos, posso dizer que “não existe Júlio sem Greice”.

À minha namorada, Maria Olivia, cuja companhia nesse período não poderia deixar de ser registrada. Agradeço pelos conselhos e pelas leituras atentas. Você merece o mundo e, se depender de mim, ele é todo seu.

Entendo que parte do papel do orientador consiste em auxiliar o orientando a atravessar os desafios que a vida acadêmica impõe. Nesse sentido, registro meus agradecimentos ao meu orientador e amigo, Rafael Vaz da Motta Brandão, cuja orientação foi fundamental ao longo de todo o processo de trabalho.

Um agradecimento especial aos professores Odilon Caldeira Neto e Ricardo Figueiredo de Castro, por aceitarem reservar um pouco de seu tempo para compor minha banca de qualificação e defesa. Suas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento desta dissertação de mestrado.

Agradeço também ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGHS/UERJ-FFP), e aos professores com quem tive a oportunidade de cursar disciplinas.

Por fim, registro meu reconhecimento à Capes e ao CNPq, pelo fomento e apoio, essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

SILVA, Júlio Cezar de Andrade. Neofascismo e neointegralismo no Brasil: um estudo sobre a atuação da Frente Integralista Brasileira (2004-2022) Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2026.

Esta dissertação tem como objetivo analisar o fenômeno do neointegralismo e do neofascismo brasileiro no século XXI, com foco na atuação da Frente Integralista Brasileira (FIB). A pesquisa busca compreender a trajetória histórica, a estrutura e as formas de atuação da FIB, bem como suas relações com partidos políticos e movimentos da extrema-direita. Nesse sentido, analisa-se a produção ideológica do grupo, com destaque para seus manifestos, redes sociais, ações públicas e alianças políticas. Embora o trabalho recupere os principais momentos do integralismo brasileiro desde a década de 1920, a delimitação temporal da pesquisa concentra-se no período entre 2004, marcado pela realização do "I Congresso Integralista para o Século XXI", que evidenciou fragmentações do neointegralismo e levou à posterior criação da FIB, e 2022, marco político caracterizado pela eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para a Presidência da República, derrotando Jair Messias Bolsonaro, candidato à reeleição e apoiado por setores da extrema-direita.

Palavras-Chave: Fascismo; Integralismo; Neofascismo; Neointegralismo; Frente Integralista Brasileira.

ABSTRACT

SILVA, Júlio Cezar de Andrade. *Neofascism and Neointegralism in Brazil: a study on the activities of the Brazilian Integralist Front (2004-2022)*. Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2026.

This dissertation aims to analyze Brazilian neointegralism and neofascism in the twenty first century, with a focus on the activities of the Brazilian Integralist Front (FIB). The research seeks to understand the historical trajectory, structure and forms of action of the FIB, as well as its relations with political parties and far right movements. In this sense, the study examines the group's ideological production, with emphasis on its manifestos, social media presence, public actions and political alliances. Although the research revisits key moments of Brazilian integralism since the 1920s, its temporal scope is concentrated on the period between 2004, marked by the First Integralist Congress for the Twenty First Century, which revealed fragmentations within neointegralism and led to the subsequent creation of the FIB, and 2022, a political milestone characterized by the election of Luiz Inácio Lula da Silva to the Presidency of the Republic, defeating Jair Messias Bolsonaro, a reelection candidate supported by sectors of the far right.

Keywords: Fascism; Integralism; Neofascism; Neointegralism; Brazilian Integralist Front.

RESUMEN

SILVA, Júlio Cezar de Andrade. *Neofascismo y neointegralismo en Brasil: un estudio sobre las actividades del Frente Integralista Brasileño (2004-2022)*. Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-graduação em História Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2026.

Esta disertación tiene como objetivo analizar el neointegralismo y el neofascismo brasileños en el siglo veintiuno, con énfasis en la actuación del Frente Integralista Brasileño (FIB). La investigación busca comprender la trayectoria histórica, la estructura y las formas de actuación de la FIB, así como sus relaciones con partidos políticos y movimientos de la extrema derecha. En este sentido, se analiza la producción ideológica del grupo, con especial atención a sus manifiestos, redes sociales, acciones públicas y alianzas políticas. Aunque el trabajo recupera los principales momentos del integralismo brasileño desde la década de mil novecientos veinte, la delimitación temporal de la investigación se concentra en el período comprendido entre 2004, marcado por la realización del Primer Congreso Integralista para el Siglo Veintiuno, que evidenció fragmentaciones del neointegralismo y condujo a la posterior creación de la FIB, y 2022, hito político caracterizado por la elección de Luiz Inácio Lula da Silva para la Presidencia de la República, derrotando a Jair Messias Bolsonaro, candidato a la reelección apoyado por sectores de la extrema-derecha.

Palabras clave: Fascismo; Integralismo; Neofascismo; Neointegralismo; Frente Integralista Brasileño.

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1: Anésio Lara.....	72
Figura 2: Logo da MIL-B.....	83
Figura 3: Tupã, o Galo Verde Integralista e Linearista, esmaga o Verme Comunista-Liberal, gerado no ventre do Grande Capital Financeiro Internacional.....	84
Figura 4: Logo da Frente Integralista Brasileira.....	91
Figura 5: Postagem no Twitter/X oficial da FIB sobre Médici.....	94
Figura 6: Foto tirada no ato em 7 de setembro de 2022, postada no X/Twitter da FIB.....	99
Figura 7: Disposição da primeira parte do site da Frente Integralista Brasileira.....	113
Figura 8: Disposição da segunda parte do site da Frente Integralista Brasileira.....	113
Figura 9: Disposição da terceira parte do site da Frente Integralista Brasileira.....	114
Figura 10: X/Twitter oficial da Frente Integralista Brasileira.....	116
Figura 11: Telegram oficial da Frente Integralista Brasileira.....	117
Figura 12: Drive Biblioteca Nacionalista.....	118
Figura 13: Canal do YouTube oficial da Frente Integralista Brasileira.....	121
Figura 14: Canal do YouTube de Moisés Lima.....	122
Figura 15: Arte religiosa postada no Telegram da FIB.....	126
Figura 16: Banner de divulgação do curso disponibilizado pela FIB.....	128
Figura 17: Arte Soviética.....	131
Figura 18: Divulgação de panfletagem contra o governo Lula.....	131
Figura 19: Ação de Propaganda da FIB no dia 7 de setembro de 2008.....	132
Figura 20: FIB na Marcha da Família com Deus pela Liberdade.....	136
Figura 21: Victor Barbuy discursando em manifestação contra o PT.....	137
Figura 22: Palestra sobre integralismo em escola de São Paulo.....	139

Figura 23: “Santinho” da campanha de Paulo Fernando 2006.....	142
Figura 24: Levy Fidelix segura livro integralista ao lado do então presidente nacional da FIB, Victor Emanuel Vilela Barbuy.....	144
Figura 25: Moisés Lima, presidente da FIB e Roberto Jefferson, presidente do PTB em cerimônia de posse.....	145
Figura 26: Meme sobre a economia brasileira postado nas redes da FIB.....	149
Figura 27: Integralismo: intercâmbio na Europa.....	154

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS:

ABC: Associação Brasileira de Cultura

ABEPS: Associação Brasileira de Estudos de Plínio Salgado

AIB: Ação Integralista Brasileira

AI-1: Ato Institucional nº 1

AI-2: Ato Institucional nº 2

AIR: Ação Integralista Revolucionária

ARENA: Aliança Renovadora Nacional

CCPS: Centro Cultural Plínio Salgado

CEDI: Centro de Estudos e Debates Integralistas

CONAD: Conselho Nacional de Política contra as Drogas

CPS: Casa Plínio Salgado

EAD: Ensino à Distância

FIB: Frente Integralista Brasileira

FNB: Frente Negra Brasileira

FOSP: Federação Operária de São Paulo

FUA: Frente Única Antifascista

FUNAP-DF: Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso do Distrito Federal

INIC: Instituto Nacional de Imigração e Colonização

IPASE: Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Servidores do Estado

IPS: Instituto Plínio Salgado

DST's: Doenças Sexualmente Transmissíveis

LC: Liga Comunista

LGBTQIAPN+: Lésbicas, Gays, Transexuais/Travestis, Queers, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e +

MDB: Movimento Democrático Brasileiro

MIB: Movimento Integralista Brasileiro

MIL-B: Movimento Integralista Linearista Brasileiro

MPAPS: Movimento Popular de Apoio à Fundação Plínio Salgado

MPL: Movimento Passe Livre

MST: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONU: Organização das Nações Unidas

PAI: Partido de Ação Integralista

PAN: Partido de Ação Nacionalista

PCB: Partido Comunista Brasileiro

PL: Partido Liberal

PMDB: Partido do Desenvolvimento Democrático Brasileiro

PNSB: Partido Nacional Socialista Brasileiro

PR: Partido da República

PRONA: Partido de Reedificação da Ordem Nacional

PRP: Partido Republicano Paulista

PRP: Partido de Representação Popular

PRTB: Partido Renovador Trabalhista Brasileiro

PSB: Partido Socialista Brasileiro

PSDB: Partido da Social-Democracia Brasileira

PT: Partido dos Trabalhadores

PTB: Partido Trabalhista Brasileiro

SEP: Sociedade de Estudos Políticos

TFP: Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade

UDN: União Democrática Nacional

USP: Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
Capítulo 1- O “INTEGRALISMO HISTÓRICO”: A TRAJETÓRIA DO FASCISMO BRASILEIRO.....	23
1.1- As origens do integralismo: Plínio Salgado e os anos 1920	23
1.2- A Ação Integralista Brasileira: lideranças e ideologia.....	29
1.3- Do Estado Novo ao PRP: tentativas de sobrevivência	40
1.4 - Do PRP à ditadura civil-militar:.....	46
1.5- A caracterização do integralismo como um movimento fascista	50
Capítulo 2- NEOINTEGRALISMO E O NEOFASCISMO: ENTRE HERANÇAS E DISPUTAS	61
2.1- O Conceito de Neointegralismo: definições e usos	61
2.2- Carmela Salgado e a preservação da memória integralista	67
2.3- Anésio Lara: as tentativas de institucionalização e a radicalização do movimento neointegralista.....	71
2.4- Marcelo Mendez: uma nova oportunidade.....	76
2.5- O “I Congresso Integralista para o Século XXI”: MIL-B e AIR.....	79
2.6- O Neofascismo no Brasil	85
Capítulo 3- A FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA: O NEOFASCISMO BRASILEIRO NAS REDES E NAS RUAS.....	89
3.1- Frente Integralista Brasileira: história, estrutura e militância.....	89
3.2- Doutrina e ideologia: análise dos manifestos da FIB	97
3.3- A atuação digital da FIB: redes sociais e a formação do militante neointegralista.....	107
3.4- A presença nas ruas: ações públicas e performances políticas	130
3.5- A FIB e os partidos políticos: alianças, tensões e pragmatismo.....	140
3.6- A FIB e o neofascismo: conexões com a extrema-direita internacional	151
CONCLUSÃO.....	156
FONTES PRIMÁRIAS	163
BIBLIOGRAFIA	171

INTRODUÇÃO

O início do século XXI foi acompanhado por grandes expectativas de transformações sociais, marcadas pela crença na consolidação da democracia e na superação das experiências autoritárias do século XX. No caso do Brasil, o país deixava para trás o período da ditadura civil-militar que foi responsável pela destruição de um projeto de sociedade menos desigual. Os primeiros anos dessa nova república vieram acompanhados de instabilidades políticas e econômicas, mas que gradualmente se estabilizavam à medida que a democracia brasileira parecia se consolidar. A eleição de Luiz Inácio Lula da Silva e a ampliação de sua popularidade, associadas aos avanços sociais promovidos por seu governo, contribuíram para a difusão da percepção de que a extrema-direita teria perdido definitivamente relevância no cenário político brasileiro, mesmo que grupos de orientação autoritária e neofascista ainda continuassem ativos e buscando se reorganizar.

As manifestações de 2013 e, sobretudo, o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, em 2016, marcaram o reaparecimento de forma definitiva desses grupos, tornando visível o fortalecimento de movimentos e organizações de extrema-direita no Brasil, que já cresciam também em outras partes do mundo. Esses grupos foram beneficiados pelo uso intensivo da internet como espaço privilegiado de divulgação ideológica e de mobilização dos militantes, inclusive muitas vezes com o apoio das próprias *big techs*.¹ As plataformas digitais e redes sociais passaram a funcionar como instrumentos centrais para a circulação de discursos reacionários e antidemocráticos, permitindo que ideias antes restritas a círculos específicos alcançassem públicos cada vez mais amplos.

Nesse contexto, tornou-se possível observar o reaparecimento de grupos integralistas em manifestações e mobilizações associadas à extrema direita brasileira. A presença de símbolos e referências ao integralismo em atos públicos e no ambiente virtual chamou a atenção da “opinião pública”, sobretudo porque, durante muito tempo, difundiu-se a ideia de que o integralismo teria sido um fenômeno restrito à década de

¹ ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. Extrema direita, Big Techs, redes sociais e fake news. In: SILVA, Bruna Giovanna da; MACHADO, Gabriel Benedito; FIGUEIRA, Giovanna de Andrade; BALESTRO, Mayara (org.). *A fabricação da verdade: a ascensão da extrema direita e a guerra de informação*. Santa Maria, RS: Arco Editores, 2025. p. 106-131.

1930, sem continuidade após o fim da Ação Integralista Brasileira (AIB) ou a morte de Plínio Salgado, ocorrida em 1975. Essa interpretação, no entanto, não se sustenta quando se observa a trajetória histórica do movimento e o trabalho desenvolvido por pesquisadores do tema. O integralismo nunca deixou de existir, mesmo em contextos adversos, como o Estado Novo, o processo de redemocratização no pós-1945 e a ditadura civil-militar de 1964, o movimento conseguiu encontrar formas de se manter vivo na sociedade. Antigos militantes e simpatizantes mantiveram redes, lugares de memória e buscaram formas de atuação política, ainda que de maneira fragmentada e com alcance limitado.

O que hoje se compreende como neointegralismo sobreviveu, ao longo do século XX, marcado por disputas internas e dificuldades de reorganização. No entanto, no século XXI, especialmente com a consolidação da internet como ferramenta política fundamental e com o crescimento das direitas no Brasil, o neointegralismo passou a se tornar novamente visível no espaço público. Das margens da sociedade, o movimento retornou com força às ruas, aos grandes portais de notícia e às páginas policiais, a partir principalmente do atentado à sede da produtora Porta dos Fundos,² e até mesmo ao interior do governo federal, por meio da atuação de Damare Alves, ministra do governo Bolsonaro.

A eleição de Jair Messias Bolsonaro, em 2018, marcou a chegada da extrema-direita ao poder no Brasil, apoiada por setores da direita liberal, conservadora e inclusive por grupos pertencentes ao neofascismo, mesmo aqueles que discordavam da perspectiva econômica liberal do futuro governo. Entre os grupos neofascistas que declararam apoio a Jair Bolsonaro, destacou-se a Frente Integralista Brasileira (FIB), considerada por muito tempo a principal organização neointegralista do Brasil.

Embora não possua um número de militantes comparável ao de outros movimentos da extrema-direita brasileira, a FIB demonstrou, sobretudo no período entre 2013 e 2022, capacidade de atuação no ambiente digital, conseguindo furar bolhas e alcançar maior circulação de suas postagens, algumas delas com significativo grau de visualização. Além disso, o grupo buscou marcar presença em diferentes manifestações da extrema-direita, sempre tentando aumentar o número de filiados e estabelecendo relações com movimentos mais consolidados na sociedade. Nessas manifestações, a FIB

² “Produtora do Porta dos Fundos no Rio sofre ataque com coquetel molotov”. *El Pais Brasil*, 24 dez 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019-12-24/produtora-do-porta-dos-fundos-no-rio-sofre-ataque-com-coquetel-molotov.html>. Acesso em: 08 jan. 2026

buscava evidenciar pautas comuns com outros movimentos, como o anticomunismo e o antipetismo, o ultranacionalismo, a mobilização de elementos religiosos, a defesa da ditadura civil-militar, além de um discurso “anticorrupção” característico desse momento histórico.

Com base neste cenário, a pesquisa que resultou nesta dissertação de mestrado tem como objetivo analisar o movimento neointegralista brasileiro, com especial atenção à atuação da Frente Integralista Brasileira, fundada em 22 de janeiro de 2005, pouco depois da realização do “I Congresso Integralista para o Século XXI”, evento que teve como objetivo unificar o conflituoso movimento neointegralista em uma organização única, o Movimento Integralista Brasileiro (MIB). Embora o trabalho apresente uma revisão histórica do integralismo, abordando suas origens, principais lideranças, ideologia e trajetória do movimento no século XX, o foco central recai sobre a análise da FIB, classificado nessa pesquisa como uma organização neointegralista e neofascista brasileira, buscando compreender sua estrutura, formas de atuação e especificidades do grupo e de suas principais lideranças dentro do neointegralismo.

Para tanto, a investigação adota como principal conjunto de fontes as redes sociais da FIB, bem como aquelas mantidas por suas principais lideranças e colaboradores. Em razão do caráter instável das fontes digitais e da frequente modificação e exclusão de conteúdos publicados na internet, a pesquisa também recorreu ao uso do *Wayback Machine*, ferramenta mantida pelo *Internet Archive*, que permite o acesso a versões arquivadas de páginas da web. O uso desse recurso possibilitou a recuperação e a análise de conteúdos anteriormente disponibilizados em páginas da FIB, mas que foram posteriormente removidos ou alterados. Assim, o *Wayback Machine* foi utilizado como instrumento fundamental para a reconstrução da atuação digital do grupo ao longo do tempo. Esta pesquisa entende que o ambiente digital se configura como o principal espaço de sociabilidade, disseminação ideológica, recrutamento e formação política de novos militantes neointegralistas, desempenhando papel central na tentativa de reorganização do movimento no século XXI.

A delimitação temporal do estudo concentra-se principalmente no período compreendido entre 2004 e 2022. O ano de 2004 marca a realização do “I Congresso Integralista para o Século XXI”, evento que, a partir principalmente das divergências entre diferentes correntes do neointegralismo brasileiro, culminou na fundação de três grupos neointegralistas: a Ação Integralista Revolucionária (AIR); o Movimento Integralista Linearista Brasileiro (MIL-B) e a Frente Integralista Brasileira (FIB). Já o ano

de 2022 constitui um marco político relevante, com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para seu terceiro mandato como presidente da República, derrotando Jair Messias Bolsonaro, candidato à reeleição que contou com o apoio de setores da extrema direita, incluindo grupos neofascistas.

De modo geral, os objetivos da pesquisa consistem em examinar a trajetória do neointegralismo no contexto político e social brasileiro contemporâneo, avaliando o impacto político e social dos grupos neointegralistas, considerando sua atuação em atividades políticas, bem como suas relações com outros grupos da direita e extrema-direita brasileira. De maneira mais específica, o trabalho busca analisar as principais características da FIB, sua trajetória, formas de atuação, relação com outros grupos políticos, contradições com o integralismo histórico e a forma como as permanências e adaptações se manifestam em seus discursos e práticas. Pretende-se, ainda, compreender a utilização e relevância das redes sociais e outras plataformas digitais para a sobrevivência, disseminação da ideologia e recrutamento de seguidores.

A hipótese central da pesquisa é que a FIB, embora se apresente aparentemente como um grupo conservador, buscou combinar elementos centrais do integralismo histórico com adaptações às condições políticas e principalmente comunicacionais contemporâneas, buscando relevância e inserção no cenário atual. Segundo a hipótese desenvolvida, a presença ativa da FIB nas redes sociais e em plataformas digitais revela-se como estratégia fundamental da organização para o crescimento do grupo e sustentação do movimento no século XXI, sendo essencial inclusive na formação do militante neointegralista. Além disso, o trabalho defende a pertinência da mobilização dos conceitos de neointegralismo e de neofascismo de forma responsável e rigorosa do ponto de vista acadêmico, argumentando que a FIB pode ser caracterizada como uma organização neointegralista e neofascista brasileira.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, a pesquisa baseia-se na análise de fontes primárias disponíveis em ambiente digital, com ênfase nos documentos publicados nos sites, plataformas oficiais da FIB e em suas redes sociais. A análise concentra-se principalmente em notas oficiais, artigos de opinião, textos e manifestos doutrinários, imagens e outros tipos de materiais audiovisuais produzidos e divulgados pela organização, bem como nas postagens, comentários e interações presentes em suas redes. Em diálogo com as críticas de Robert Paxton às abordagens que reduzem o

fascismo à esfera discursiva,³ a escolha dessas fontes não implica a compreensão do discurso como um fim em si mesmo, mas como uma via de acesso às estratégias e formas de atuação efetiva da FIB no tempo presente. Nesse sentido, também são analisados o canal da FIB no *YouTube* e o canal de Moisés Lima, presidente nacional da organização, cuja atuação é central para a coordenação e formulação das estratégias do grupo na atualidade. Dessa forma, a pesquisa prioriza, embora não se limite, as fontes disponíveis nas plataformas digitais da FIB e de suas lideranças, considerando esses materiais como fundamentais para compreender o discurso e principalmente sua atuação política no século XXI.

A dissertação, além desta introdução e de uma conclusão, está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “**O integralismo histórico: a trajetória do fascismo brasileiro**”, é dedicado à apresentação de um panorama das origens do movimento integralista, de suas principais características ideológicas, da atuação de suas lideranças centrais e das diferentes estratégias adotadas pelo movimento em distintos contextos históricos, desde sua fundação até a morte de Plínio Salgado, em 1975. Dessa forma, a pesquisa avança sobre a viagem de Plínio Salgado à Itália, a criação da Ação Integralista Brasileira (AIB), a relação do integralismo com o Estado Novo, o autoexílio de Plínio Salgado em Portugal, a fundação do Partido de Representação Popular (PRP) e o integralismo no contexto da ditadura civil-militar. Além disso, o capítulo realiza o debate que, embora já consolidado, ainda se mostra relevante acerca da caracterização do integralismo como um movimento fascista brasileiro. O capítulo tem como objetivo, portanto, compreender o integralismo enquanto um fenômeno histórico fascista, destacando suas continuidades e adaptações até a morte de Plínio Salgado e o surgimento do neointegralismo.

A análise desenvolvida no primeiro capítulo dialoga com um conjunto de estudos dedicados à compreensão do contexto político no qual o integralismo histórico emergiu até a morte de Plínio Salgado. Para a contextualização do período foram mobilizadas obras que analisam a história do Brasil e do século XX, como os trabalhos de Eric Hobsbawm, Boris Fausto, Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, Mary Del Priore, Rodrigo Patto Sá Motta, Ricardo de Figueiredo Castros e Renato Venancio, além das contribuições de Cláudia Viscardi e Francisco Carlos Teixeira.

³ PAXTON, Robert O. *A Anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

O capítulo 1, assim como a primeira parte do capítulo 2, dialoga com a historiografia dedicada ao período da ditadura civil-militar brasileira, considerando estudos como os de Daniel Aarão Reis, João Fábio Bertonha, Célia Costa Cardoso, Lúcia Grinberg, Eduardo dos Santos Chaves e Lucas Pedretti, além da obra referência “Brasil Nunca Mais”⁴. Esses estudos permitem compreender as transformações políticas pelas quais passou o integralismo histórico e o neointegralismo, decorrentes dos fatos ocorridos no Brasil durante o período da ditadura civil-militar.

A compreensão da trajetória e do pensamento de Plínio Salgado baseia-se principalmente nos trabalhos de Leandro Gonçalves e João Fábio Bertonha. Esses autores investigam a formação intelectual e política do líder integralista, bem como o desenvolvimento de suas ideias e sua atuação em diferentes contextos. Além da figura de Plínio Salgado, a pesquisa também considera estudos dedicados a outras lideranças e intelectuais integralistas, por compreender que, apesar da importância do “Chefe Nacional”, o integralismo foi uma construção coletiva, com participação de diversas lideranças e de seus militantes. Nesse sentido, foram mobilizadas as contribuições de Rodrigo Pinho acerca do pensamento político de Miguel Reale, de Diego da Silva Ramos sobre Raymundo Padilha, bem como a pesquisa de Camila Freire sobre a trajetória intelectual de Gustavo Barroso e de suas redes de sociabilidade.

No que diz respeito especificamente ao integralismo histórico o capítulo dialoga com uma vasta produção historiográfica dedicada ao tema. Entre os trabalhos pioneiros destaca-se a pesquisa de Héliog Trindade, que entende o integralismo como um movimento fascista brasileiro. Após o trabalho de Trindade, novos estudos ampliaram o campo de pesquisa sobre o integralismo, abordando diferentes recortes cronológicos e locais. Assim, a pesquisa se debruça sobre trabalhos de Gilberto Grassi Calil, Roney Cytrynowicz, Pedro Fagundes, Rodrigo Oliveira, Edegar Serrato, Leandro Gonçalves e Odilon Caldeira Neto.

Por fim, o capítulo também dialoga com o importante debate historiográfico acerca da caracterização do integralismo como um movimento fascista. Para essa discussão foram consideradas contribuições clássicas sobre o fascismo no século XX, sendo principalmente mobilizado os estudos de Robert Paxton, mas também Leandro Konder, David Renton e Francisco Carlos Teixeira da Silva. Na análise específica do

⁴ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil Nunca Mais*. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1985.

integralismo como um movimento fascista brasileiro, destaca-se o debate sobre os trabalhos de José Chasin e Héglio Trindade.

O segundo capítulo, sob o título de “**Neointegralismo e neofascismo: entre heranças e disputas**”, dedica-se à análise do impacto da morte de Plínio Salgado para o movimento integralista brasileiro e o desenvolvimento do neointegralismo. O capítulo busca, dessa forma, compreender as transformações, permanências e dificuldades enfrentadas pelo movimento nessa nova fase, especialmente no contexto da redemocratização no pós ditadura, marcada por um ambiente de rejeição pública a ideologias autoritárias e por uma valorização dos princípios democráticos. Um dos eixos centrais do capítulo é a análise das disputas internas que marcaram o neointegralismo brasileiro desde sua origem. Essas disputas, que envolveram divergências quanto às formas de atuação, lideranças e rumos políticos do movimento dos camisas-verdes, tornaram-se um elemento definidor dessa nova fase. Assim, o capítulo apresenta algumas das principais lideranças e grupos neointegralistas do período, evidenciando como a fragmentação dificultou a consolidação de um movimento coeso. Além da análise da trajetória histórica do neointegralismo, o capítulo também apresenta importantes debates sobre o conceito de neointegralismo e de neofascismo.

Os estudos sobre o neointegralismo se ampliaram nas últimas décadas, com uma grande quantidade de trabalhos sendo publicados todos os anos. Nesta pesquisa, para a discussão sobre o conceito e a trajetória do neointegralismo, foram mobilizados principalmente os trabalhos de Jefferson Rodrigues Barbosa, Natália dos Reis Cruz, Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro, Leandro Gonçalves e Odilon Caldeira Neto, que se constitui como a principal referência para se pensar o conceito de neointegralismo nessa pesquisa. Esses autores figuram atualmente entre as principais referências no estudo do tema e, embora suas análises dialoguem diretamente, apresentam suas próprias especificidades e divergências.

Apesar de não ser o foco do trabalho, o capítulo dialoga com o campo teórico dos estudos sobre memória, fundamental para compreender as disputas em torno da herança do integralismo. Assim, foram considerados os trabalhos de Michael Pollak, Pierre Nora e Mauro Amoroso. Ademais, a análise se debruça sobre uma historiografia mais ampla sobre as direitas no Brasil, mobilizando contribuições como as de René Armand Dreifuss e Márcia Regina da Costa. Também são consideradas reflexões mais recentes sobre a reconfiguração das direitas no Brasil contemporâneo, como a coletânea organizada por Gelsom Rozentino de Almeida, Pedro Henrique Pedreira Campos e Rafael Vaz da Motta

Brandão, que analisa o contexto político que envolve a ascensão de forças conservadoras nas últimas décadas. Ainda, o capítulo dialoga com a literatura dedicada ao estudo do neofascismo, conceito fundamental para compreender o neointegralismo em uma perspectiva mais ampla. Nesse sentido, foram mobilizadas as contribuições de Michael Mann, Michael Löwy, Walter Laqueur, Roger Griffin, Robert Paxton e Odilon Caldeira Neto.

Por fim, o terceiro capítulo, com o título de “**A Frente Integralista Brasileira: o neofascismo brasileiro nas redes e nas ruas**” é dedicado exclusivamente à análise da Frente Integralista Brasileira (FIB), tomando a organização como objeto central de nossa investigação e buscando compreendê-la em suas especificidades no interior do neointegralismo brasileiro. O capítulo examina as particularidades da FIB em relação a outros grupos neointegralistas, atentando tanto para seus discursos quanto para suas práticas políticas. Nesse sentido, também serão analisadas as relações estabelecidas pela FIB com grupos, movimentos e partidos políticos da direita e da extrema direita brasileira. Um eixo central da análise será a atuação digital da organização, especialmente o uso sistemático da internet e das redes sociais como instrumentos de difusão ideológica, recrutamento e, sobretudo, de formação de novos militantes. A internet aparece, assim, como uma ferramenta fundamental para a sobrevivência, e expansão da FIB no começo do século XXI. Por fim, o capítulo avança sobre as relações da FIB com o neofascismo internacional.

Diferentemente dos capítulos anteriores, o terceiro capítulo desta dissertação, por tratar diretamente do objeto central da pesquisa, se fundamenta principalmente a partir da análise das fontes. Ainda assim, a análise dialoga com uma produção acadêmica que se debruça sobre o neointegralismo e principalmente a Frente Integralista Brasileira. Destacam-se, nesse sentido, os trabalhos de Leandro Gonçalves, Odilon Caldeira Neto, Natália dos Reis Cruz, Tainá Agostinho Cardoso, Laís Charski de Oliva e Jefferson Rodrigues Barbosa, que oferecem importantes contribuições para a compreensão da atuação da FIB.

A análise também se torna possível a partir de uma bibliografia dedicada ao estudo das redes e das transformações políticas e comunicacionais oriundas do ambiente digital, aspecto central para compreender a atuação do neointegralismo. Nesse sentido, foram mobilizadas as contribuições clássicas de Manuel Castells e Pierre Lévy, que discutem a sociedade em rede e à cibercultura no início do século, bem como reflexões mais recentes sobre o impacto das tecnologias digitais na política, como as de David

Runciman e Letícia Cesarino. Além disso, também foi considerado trabalho de Sérgio Amadeu da Silveira, Joyce Souza e João Francisco Cassino na coletânea sobre colonialismo de dados, assim como o trabalho de Alex Primo, que avança sobre as dinâmicas digitais em uma Web 2.0.

No que se refere ao contexto político brasileiro contemporâneo, o capítulo dialoga novamente com a coletânea organizada por Gelsom Rozentino de Almeida, Pedro Henrique Pedreira Campos e Rafael Vaz da Motta Brandão. Também foram consideradas análises específicas sobre as jornadas de junho de 2013, como o trabalho de Gilberto Calil, que contribuem para compreender as transformações no cenário político e social brasileiro que possibilitaram o crescimento da FIB. Por fim, o capítulo conversa com uma literatura dedicada ao estudo do neofascismo, dessa vez pensando a partir da atuação política e das relações da FIB. Nesse sentido, foram mobilizadas principalmente as contribuições de Robert Paxton, Francisco Carlos Teixeira da Silva e Odilon Caldeira Neto.

Capítulo 1- O “INTEGRALISMO HISTÓRICO”: A TRAJETÓRIA DO FASCISMO BRASILEIRO

Este capítulo tem como objetivo analisar a trajetória do que a historiografia convencionou denominar como “integralismo histórico”, compreendendo o movimento como uma experiência fascista brasileira. O surgimento do integralismo ocorreu em um contexto de crise de alcance mundial, marcado pelo esgotamento do liberalismo e pela instabilidade política. Nesse cenário, movimentos autoritários, em especial os movimentos fascistas, ganharam força em diferentes países. Inserido nesse contexto, o integralismo vivenciou uma rápida ascensão que, embora breve, deixou marcas significativas na história política brasileira.

A compreensão do que foi o “integralismo histórico” é fundamental para aqueles que buscam entender o Brasil da década de 1930 e a trajetória das direitas brasileiras, assim como para análises acerca do Brasil contemporâneo. Longe de supervalorizar a importância do movimento, como procuram fazer os grupos neointegralistas, ao atribuir ao integralismo realizações que não passaram por sua atuação, é inegável a sua relevância enquanto o primeiro movimento político de massas no país e o movimento fascista de maior sucesso fora da Europa.

Dessa forma, ao reconstruir a trajetória do integralismo brasileiro até a morte de Plínio Salgado, este capítulo busca compreender e apresentar os principais elementos que caracterizaram o movimento dos camisas-verdes. Nesse sentido, o capítulo estabelece também as bases necessárias para compreender as referências que seguem mobilizando grupos neointegralistas na atualidade. Assim, constrói o suporte que permitirá, nos capítulos seguintes desta dissertação, avançar na discussão sobre o neointegralismo e sua trajetória.

1.1- As origens do integralismo: Plínio Salgado e os anos 1920

A década de 1920 é comumente identificada como um período de profundas transformações políticas, econômicas e sociais, tanto no Brasil quanto no cenário internacional. O pós-Primeira Guerra Mundial inaugurou um novo contexto histórico, marcado por instabilidades e redefinições. No plano global, o mundo havia experimentado o impacto da Grande Guerra e da Revolução Russa de 1917, marcando o

início do “breve século XX”.⁵ Paralelamente, já no final da década de 1920, a crise econômica de 1929, resultante da quebra da Bolsa de Valores de Nova York, abalou definitivamente as estruturas e a credibilidade do modelo liberal, provocando recessão, desemprego e questionamentos sobre a eficiência do capitalismo. Dessa forma,

Os anos entre o início da Primeira e as sequelas da Segunda Guerra Mundial foram um período de crise e convulsões extraordinárias na História. A melhor maneira de considerá-lo é como uma era em que o modelo mundial da Era dos Impérios ruiu sob o impacto de explosões que ela mesma gerara em silêncio durante os longos anos de paz e prosperidade. O que ruiu é evidente: o sistema mundial liberal e a sociedade burguesa do século XIX como norma à qual, por assim dizer, qualquer tipo de “civilização” aspirava. Foi, afinal de contas, a era do fascismo.⁶

Nesse ambiente de incertezas e frustrações, embora alguns acreditassem na expansão do comunismo como solução para o contexto de crise, também ganhou forças o movimento fascista, que se consolidou como uma alternativa política baseada na mobilização das massas, no ultranacionalismo, no culto ao líder, no anticomunismo, na exaltação da primazia do grupo e na ideia de coesão social em oposição à luta de classes. O fascismo, através de suas “paixões mobilizadoras”, como denomina Robert Paxton,⁷ conquistou espaços relevantes dentro do cenário mundial, chegando ao poder na Itália e Alemanha. É dentro desse quadro de crise das democracias liberais e do crescimento do fascismo que se estabeleceu o terreno fértil para a experiência do integralismo no Brasil.

É possível identificar os anos 1920 no Brasil como um momento de forte investimento e expansão industrial. Segundo Boris Fausto, embora o período da Primeira Guerra seja frequentemente citado como um marco do incentivo às indústrias, é impossível dissociar a década de 1920 desse processo, uma vez que, ao longo desses anos, foram feitas diversas tentativas de superar os limites da expansão industrial.⁸ Por outro lado, a década de 1920 foi marcada pela contestação ao regime vigente e pela eclosão de diversas manifestações e revoltas protagonizadas por camadas médias da sociedade, que expressavam a insatisfação com o sistema político. São exemplos dessas mobilizações, a Revolta dos 18 do Forte, a Revolução Paulista de 1924 e a Coluna Prestes. Além disso,

⁵ HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

⁶ _____. *Era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005, p. 508.

⁷ PAXTON, Robert. *A anatomia do...* Op. cit.

⁸ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 1994.

também se tornava cada vez mais evidente as divergências entre as oligarquias, que iam muito além da simples alternância de poder entre Minas Gerais e São Paulo.⁹

Além disso, a busca pela construção de uma “identidade nacional” foi um marco do início da década. Dessa forma, cabe ressaltar a importância do movimento modernista entre os principais acontecimentos do período. O modernismo foi diretamente responsável por fomentar uma consciência nacionalista entre os intelectuais brasileiros. De modo geral, para os modernistas, era necessário criar uma arte verdadeiramente brasileira, rompendo com convenções artísticas já estabelecidas. Embora existam divergências historiográficas em relação ao início do modernismo, sendo preferível analisá-lo muitas vezes como um processo histórico de longa duração, é com o lançamento do programa pelos seus principais expoentes e, sobretudo, com a organização da Semana de Arte Moderna de 1922, que o movimento ganhou seus principais desdobramentos. O evento ocorreu entre os dias 13 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo. De acordo com Francisco Alambert, a Semana de Arte Moderna, representou para o Brasil,

a conscientização de que o desenvolvimento intelectual se encontrava defasado diante do desenvolvimento material. Seus eufóricos participantes lançaram essas questões à espantada plateia: por que, apesar de tudo, estamos atrasados? Qual a nossa visão do que somos, de nosso papel no mundo, política e culturalmente? Assim, a Semana de Arte Moderna e seus artífices, talvez sem saber e com muitas contradições, comandaram uma revolta contravalores burgueses em nome de um ideal artístico. Era o prenúncio de algumas das grandes transformações sociais e o apelo à ideia de revolução que viria surgir nos anos posteriores.¹⁰

É dentro deste contexto que se insere a figura de Plínio Salgado, filho de uma família de tradição política conservadora, Salgado foi fortemente influenciado pelo modernismo brasileiro, tendo participado, ainda que de forma discreta e pontual, da Semana de Arte Moderna de 1922.

Sua atuação no evento foi limitada, uma vez que, naquele momento, ainda não possuía a projeção intelectual que alcançaria posteriormente, especialmente a partir dos debates e produções que se seguiram ao evento. No modernismo paulista, Plínio Salgado se vinculou aos nacionalistas do grupo “Verde-Amarelo”. Os intelectuais associados a essa corrente,

⁹ VISCARDI, Cláudia. *Teatro das oligarquias: uma revisão da política do café com leite*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

¹⁰ ALAMBERT, Francisco. *A Semana de 22: a aventura modernista no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1992, p. 27.

Idealizavam uma cultura xenófoba, ultranacionalista, reticente a toda influência exterior. Na ânsia de procurar interpretar o Brasil, baseavam-se em mitos que se tornavam dogmas irracionais; com apelos à Terra, à Raça, ao Sangue. Em nome de uma suposta integridade nacional, rejeitavam a liberdade de expressão e a pesquisa estética, para celebrar a subserviência da criação aos parâmetros da brasilidade que eles mesmos definiam e impunham como valor incontestável de verdade. Aos olhos para o futuro, que o primeiro tempo modernista indicava, os verde-amarelos opõem os olhos voltados para o passado, um passado mítico, irreal, idealizado, povoado por uma disciplina opressiva, no qual, paradoxalmente, queriam inventar o futuro.¹¹

Plínio Salgado levou esse modernismo a um patamar ainda mais radical ao organizar o grupo *Anta*, o novo grupo intensificou ainda mais o ultranacionalismo verde-amarelo. Conforme Leandro Gonçalves,

Para Plínio Salgado, esse momento representa o rompimento com os modernistas e com os verde-amarelos, iniciando com o *Anta* a radicalização do pensamento, que curiosamente denomina como ala esquerda do movimento, uma vez que as concepções políticas do autor estão pautadas no ultranacionalismo de base direita extremista. Para Plínio Salgado era preciso criar a consciência da nacionalidade, pois a Revolução do *Anta* cumpria o papel de criador do pensamento, uma vez que a gênese da AIB começava a ser desenvolvida.¹²

Salgado jamais ocultou a influência decisiva do modernismo em sua formação intelectual; ao contrário, procurou constantemente enfatizar a importância desse movimento em sua trajetória e, simultaneamente, destacar sua própria contribuição. Essa tentativa de reafirmação manifesta-se, por vezes, de forma enfática, como na defesa de que seu romance *O Estrangeiro* representaria o primeiro grande romance modernista brasileiro, sendo subestimado e boicotado pela crítica.¹³ Não cabe a este trabalho discutir a validade dessa afirmação, tampouco avaliar se, como defendia o próprio Salgado e os grupos neointegralistas, a obra teria sido negligenciada pela crítica do período. O que importa destacar é que, tanto em *O Estrangeiro*, quanto em sua participação no *Anta*, é possível identificar o ultranacionalismo que posteriormente se consolidou como um dos pilares ideológicos do movimento integralista.

Além de sua atuação como jornalista e escritor, Plínio Salgado também desenvolveu uma carreira política no Partido Republicano Paulista (PRP), chegando a exercer o cargo de deputado pela legenda. No interior do partido, Salgado buscou promover reformas, mas seus esforços não obtiveram êxito, seja em razão de sua posição

¹¹ *Ibidem*, p. 67.

¹² GONÇALVES, Leandro Pereira. A formação do integralismo brasileiro e a literatura de Plínio Salgado. *Albuquerque*, v. 4, n. 8, 2017, p. 62.

¹³ SALGADO, Plínio. *O estrangeiro*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1936.

marginal dentro da estrutura partidária, seja pelas limitações impostas pelo próprio sistema político da época. Nesse sentido, de forma gradual, Salgado se afastou do PRP, processo que, segundo João Fábio Bertonha, resultou da sua própria percepção de que não seria possível transformar a legenda partidária e nem alcançar a ascensão social e política almejada em seu interior.¹⁴

Segundo as historiadoras Lilia Schwarcz e Heloisa Starling, ao final da década de 1920, a Primeira República estava desgastada, sendo uma década marcada por lutas por melhores condições de vida, repressão, industrialização e urbanização. Para Schwarcz e Starling, “se o país começou a República encantado com a modernidade, terminou seus anos 1920 entre angustiado e ansioso para conhecer certa ‘brasilidade’, rever seu passado e projetar um novo futuro”.¹⁵ Nesse contexto, em 1930, Plínio Salgado partiu para uma viagem ao exterior, embora tenha visitado diversos países com sistemas políticos distintos, foi no fascismo italiano que encontrou sua principal fonte de inspiração e referência. Durante sua viagem, Salgado conheceu a Itália fascista e teve contato direto com o próprio *Duce*, Benito Mussolini. De acordo com Leandro Gonçalves e Odilon Caldeira Neto, “o encontro com Mussolini teve grande importância, pois, a partir dessa aproximação, foi possível consolidar elementos políticos e intelectuais que estavam em formação nas décadas anteriores”.¹⁶

Apesar de já manter, ainda antes da viagem, relações com círculos fascistas em São Paulo, foi a experiência no exterior que tornou nítido para Salgado o tipo de movimento que desejava organizar ao retornar ao Brasil. Não se tratava de uma simples cópia, mas um movimento nacional, fortemente influenciado pelo modernismo e tendo como base o fascismo. Ao longo da década de 1930, Salgado publicou diversos artigos e notas elogiando o fascismo italiano e o próprio Mussolini, entusiasmo que diminuiria nas décadas seguintes, acompanhando a mudança da percepção social sobre o fascismo. Em carta de Plínio Salgado para Manoel Pinto, apesar de negar influência, fica evidente a inspiração do fascismo na criação do integralismo brasileiro:

Estou hoje convencido de que o Brasil não póde continuar a viver na comedia democratica. [...] E' necessario agirmos com tempo de salvarmos o Brasil. Tenho estudado muito o fascismo: não é exatamente esse o regimen que precisamos ahi, mas é cousa semelhante. O fascismo, aqui veio no momento preciso, deslocando o centro de gravidade da política, que passou da

¹⁴ BERTONHA, João Fábio. *Plínio Salgado: biografia política (1895-1975)*. São Paulo: Edusp, 2018.

¹⁵ SCHWARCZ, Lilia Moritz e STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras. 2015 p. 461

¹⁶ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020, p.10

metaphysica juridica, para as instituições das realidades imperativas. O Estado Fascista. sendo uma concepção mais ampla do que os limites traçados ao conceito do Estado nos regimens de indole liberal-democratica, veio interferir em varias actividades, modificando lineamentos anteriores do direito constitucional, do direito administrativo, e influindo mesmo na esfera civil, comercial e criminal, porque o Fascismo não é propriamente uma dictadura (como está sendo o governo da Russia, emquanto não chega á pratica pura do Estado Marxista), e sim um regimen. Penso que o Ministerio das Corporações é a machina mais preciosa. O capital é admiravelmente controlado. O parlaento é constituído pela representação de classes. [...] Ha outras cousas interessantissimas aqui. Volto para o Brasil disposto a organizar as forças intellectuaes esparsas, coordenal-as, dando-lhes uma direcção, iniciando um apostolado. Contando eu a Mussolini o que tenho feito, elle achou admiravel o meu processo, dada a situação differente do nosso paiz. Tambem como eu, elle pensa que, antes da organização de um partido, é necessario o movimento de idéias.¹⁷

A passagem, preservada em sua ortografia original, evidencia a aversão de Salgado à democracia liberal e sua defesa explícita de um modelo político “semelhante” ao fascismo para o Brasil. A admiração pelo regime de Mussolini aparece ao suavizar o caráter ditatorial do fascismo italiano e ao exaltar o corporativismo, o controle estatal e a reorganização das instituições. Além disso, ao citar a suposta aprovação de Mussolini às suas iniciativas, mesmo que esses elogios não possam ser plenamente confirmados, Salgado revela a necessidade de reforçar sua autoridade recorrendo à figura do líder fascista italiano. Para João Fábio Bertonha, o encontro com Mussolini permitiu que Salgado passasse a se imaginar como o equivalente brasileiro do líder fascista italiano.¹⁸ Este trabalho segue a perspectiva defendida por diversos pesquisadores da extrema-direita, do fascismo e do integralismo histórico ao classificar o movimento dos camisas-verdes como uma expressão fascista brasileira, discussão que será desenvolvida no último tópico deste capítulo, embora as relações do integralismo com o fascismo sejam mobilizadas durante todo o percurso.

Ao retornar ao Brasil, em 04 de outubro de 1930, Plínio Salgado logo se deparou com a revolução de 1930. O movimento depôs o ainda então presidente Washinton Luís e impediu a posse de seu sucessor, Júlio Prestes. A revolução de 1930, não foi responsável por grandes rupturas, mas se distinguiu do estado oligárquico vigente,

não apenas pela centralização e pelo maior grau de autonomia como também por outros elementos. Devemos acentuar pelo menos três dentre eles: 1. a atuação econômica, voltada gradativamente para os objetivos de promover a industrialização; 2. a atuação social, tendente a dar algum tipo de proteção aos trabalhadores urbanos, incorporando-os, a seguir, a uma aliança de classes promovida pelo poder estatal; 3. o papel central atribuído às Forças Armadas em especial o Exército - como suporte da criação de uma indústria de base e

¹⁷ Vários autores, *Plínio Salgado*, 1936, p. 18-21.

¹⁸ BERTONHA, João Fábio. *Plínio Salgado...* Op. cit.

sobretudo como fator de garantia da ordem interna. Tentando juntar estes elementos em uma síntese, poderíamos dizer que o Estado getulista promoveu o capitalismo nacional, tendo dois suportes: no aparelho de Estado, as Forças Armadas; na sociedade, uma aliança entre a burguesia industrial e setores da classe trabalhadora urbana.¹⁹

Ao retornar ao Brasil, Plínio Salgado se dedicou a sua atuação intelectual, atuando no jornal *A Razão*. Segundo Rodrigo Oliveira, a imprensa teria um lugar de destaque dentro da visão de Plínio Salgado, sendo fundamental na formação de uma identidade nacionalista e construção de uma concepção nacional.²⁰ No periódico formou as bases para a criação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP). De acordo com João Fábio Bertonha,

Plínio Salgado viu, na SEP, a ferramenta crucial para articular as forças dispersas da direita. Ele contava que sua popularidade e liderança nesse meio, consolidadas graças ao jornal *A Razão*, lhes permitiriam reunir todas essas forças em uma associação e, a partir de então, atuar no processo político.²¹

Através dos debates promovidos na SEP, foi realizada a elaboração de um manifesto e definido a criação de um grupo mais atuante, a Ação Integralista Brasileira (AIB). Assim, no dia 7 de outubro de 1932, no Teatro Municipal de São Paulo, foi realizada a leitura do *Manifesto de Outubro*, documento que definia as principais diretrizes da Ação Integralista Brasileira. De acordo com Trindade, “a fundação da A.I.B em 1932 não é um fato isolado, mas resulta da cristalização das ideias radicais de direita no Brasil nos anos 1930 e da convergência dos movimentos precursores que Salgado buscará integrar”.²²

1.2- A Ação Integralista Brasileira: lideranças e ideologia

O *Manifesto de Outubro*, publicado em 1932, constituiu-se como o documento fundador da AIB, apresentando os princípios gerais da doutrina integralista.²³ Além da introdução, o texto é estruturado em nove tópicos: “Concepção do Universo e do Homem”, “Como entendemos a Nação Brasileira”, “O nosso nacionalismo”, “Nós, os

¹⁹ FAUSTO, Boris. *História do...* Op. cit., p. 327.

²⁰ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. O jornal *A Razão*: o ventre fecundo que criou o modelo de totalitarismo integralista. *Historiae*, [S. l.], v. 7, n. 2, 2017.

²¹ BERTONHA, João Fábio. *Plínio Salgado...* Op. cit., p. 111.

²² TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1979, p. 134.

²³ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Manifesto de Outubro de 1932*. [S. l.]: Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1932.

partidos e o governo”, “O que pensamos das conspirações e da politicagem de grupos e facções”, “A família e a Nação”, “O Município, centro das famílias, célula da Nação” e “O Estado Integralista”. Essa divisão abarca desde fundamentos ideológicos e filosóficos até diretrizes políticas e institucionais.

O manifesto apresenta, de forma condensada, os eixos centrais do integralismo, que seriam posteriormente desenvolvidos em livros, discursos e artigos de Plínio Salgado e de outros intelectuais do movimento, como Miguel Reale e Gustavo Barroso. Entre esses elementos doutrinários, destacam-se: a) o ultranacionalismo; b) o antiliberalismo; c) o anticomunismo; e d) o anticapitalismo. Somam-se a estes um discurso de forte apelo moral e religioso, pautado pela exaltação da “família tradicional”, da hierarquia social e da centralidade da religião cristã como fundamento da ordem nacional. Dessa forma, o *Manifesto de Outubro* inaugura formalmente o integralismo como movimento político organizado, apresentando as primeiras bases para o seu projeto de construção de um Estado integral, autoritário, hierárquico e corporativo, um Estado fascista, liderado por Plínio Salgado.

A AIB defendia um nacionalismo conservador, cultural e anti-imperialista. Para Salgado, somente através desse ultranacionalismo seria possível criar uma unidade disciplinada e alcançar uma posição de superioridade dentro da América do Sul. O *Manifesto de Outubro* aponta o nacionalismo como uma característica central dentro do integralismo, denunciando um “estrangeirismo” que estaria supostamente corroendo a sociedade brasileira.²⁴ O nacionalismo integralista para o movimento teria como função evidenciar o valor do Brasil, unir os brasileiros e construir uma nação, a partir do combate a influências consideradas nocivas. O discurso nacionalista foi uma pilar fundamental durante toda a trajetória do integralismo, embora não permanecesse estática, alterando-se conforme a necessidade e a conjuntura do movimento e da sociedade. Nesse sentido, Gilberto Calil, realiza uma análise da metamorfose do nacionalismo integralista. De acordo com o autor,

em um primeiro momento encontramos um tratamento semelhante ao dos fascismos europeus, concentrado na crítica ao “capitalismo internacional”, mas destituída de um projeto econômico consistente, articulado a uma propaganda patriótica e ufanista de defesa dos valores e da cultura nacionais. A partir de 1939, no contexto do exílio de Plínio Salgado em Portugal, sua elaboração doutrinária passou a reivindicar a unidade histórica entre Brasil e Portugal [...]. Finalmente, no pós-guerra, em um contexto em que forçosamente tinha que se apresentar como democrático e no qual intervia institucionalmente através de um partido político, o integralismo abandonou definitivamente os traços de nacionalismo econômico e assumiu uma plataforma estritamente liberal,

²⁴ *Ibidem*.

aliando-se à bloco privatista e internacionalizante, o que era compensado simbolicamente com a reivindicação do nacionalismo em termos culturais e simbólicos.²⁵

A religião desempenhou um importante papel dentro do integralismo brasileiro, constituindo-se como uma das principais bases de sustentação do movimento. O lema “Deus, Pátria e Família”, incorporado posteriormente por outras organizações e grupos de extrema-direita brasileira, enfatizava a relação entre o integralismo e a religião, tal como a afirmação que “Deus dirige o destino dos povos”, presente no próprio *Manifesto de Outubro*.

A religião sempre foi um “porto-seguro” do movimento, sendo mobilizada principalmente em momentos de dificuldade do integralismo. Desde seu início, o Integralismo buscou alinhar-se com o cristianismo, especialmente com o catolicismo, religião majoritária no Brasil da década de 30 e no interior da AIB.²⁶ No entanto, segundo Calil, “apesar da presença evidente de elementos do catolicismo no discurso integralista, Salgado jamais conseguiu obter apoio explícito da hierarquia católica, embora a tenha procurado continuamente”.²⁷ Embora a dimensão religiosa sempre tivesse desempenhado um papel significativo no integralismo, sobretudo nas formulações de Plínio Salgado, foi durante o período de seu autoexílio que esse componente se desenvolveu de maneira mais sistemática e central dentro da doutrina integralista.

Entre 1932 e 1937, a AIB passou por um processo contínuo de expansão, consolidando-se como um dos principais movimentos políticos do Brasil e o principal movimento fascista fora da Europa. A agremiação possuía uma representação visual marcante, com camisas predominantemente verde-caqui, a saudação integralista “Anauê”, cujo significado é “você é meu parente”, no idioma tupi-guarani, e a letra grega sigma (Σ).

A explicação da utilização da letra grega sigma pelo integralismo pode ser encontrada no livro *O que é o integralismo*, escrito por Plínio Salgado. Conforme o líder fascista,

²⁵ CALIL, Gilberto Grassi. Peculiaridades e paradoxos do nacionalismo integralista (1932-1964). *História: Debates e Tendências*, v. 13, n. 1, jan./jun. 2013, p. 43-44.

²⁶ Segundo Trindade, apesar do número de protestantes no movimento não ser irrelevante, a grande maioria dos militantes da AIB se declaravam católicos. TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo...* Op. cit., p. 134.

²⁷ CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no processo político brasileiro. O PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005, p. 139.

O sinal que adotamos nos uniformes dos "camisas-verdes" e na bandeira do integralismo (sigma), indica em matemática o símbolo do cálculo integral. Quer dizer que a nossa preocupação é somar tudo, considerar tudo, nem nos perdendo na esfera exclusivista da metafísica, nem nos deixando arrastar pela unilateralidade do materialismo.²⁸

O integralismo investiu intensamente em estratégias de propaganda e comunicação, utilizando jornais, revistas, programas radiofônicos e materiais de circulação interna. Para além da instrução política, tais periódicos desempenhavam também funções de sociabilidade e entretenimento. Paralelamente, a mobilização pública era um elemento central na estratégia integralista, em que as marchas e desfiles buscavam demonstrar a força do movimento. A aparência de grandeza era, portanto, uma estratégia política fundamental: mais do que crescer numericamente, tratava-se de parecer forte e coeso. A dimensão real dessa força, contudo, é objeto de debate historiográfico. Como observa Roney Cytrynowicz, as estimativas de militância integralista variam, indo de cerca de 100 mil a mais de 1 milhão de integrantes, dependendo das fontes e critérios utilizados.²⁹ Ainda assim, mesmo considerando os números exagerados, estes demonstram a percepção de um movimento de massas.

Dentro da AIB, Plínio Salgado possuía o título de chefe nacional, tendo como função a “direção total e indivisível do movimento, tornando seu poder centralizado, total e permanente. Um aspecto que caracteriza muito bem a natureza de seu poder é a função de ser inatingível, perpétuo e com uma fidelidade ilimitada”.³⁰ Por essa razão, críticas ao grande líder não eram admitidas; quaisquer vitórias do integralismo deveriam ser atribuídas às orientações e posicionamento do Salgado, quaisquer erros ou excessos, no entanto, deveriam ser responsabilidade dos subalternos ou dos inimigos.

A partir da análise dos *Protocolos e Rituais da AIB*, é possível observar a existência de ritos e normas de devoção em torno do líder dos camisas-verdes.³¹ Esse documento tinha como objetivo codificar os dispositivos gerais e mais importantes do regulamento da AIB e “estabelecer normas, fórmulas e usos que regulem os atos públicos e os cerimoniais integralistas e bem assim fixar honras, regalias, direitos e deveres relativos a todas as autoridades do Sigma”.³² O documento detalha diversos aspectos do

²⁸ SALGADO, Plínio. *O que é o integralismo?* Rio de Janeiro: Schmidt, 1933, p. 18.

²⁹ CYTRYNOWICZ, Roney. O fascismo brasileiro entre as oligarquias e a modernidade. In: GUERRA, Luiz Felipe Hirtz; SOMBRA, Luiz Henrique. *Imagens do sigma*. Rio de Janeiro: APERJ, 1998, p. 9.

³⁰ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas...* Op. cit., p. 15.

³¹ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocolos e Rituais da AIB*. 1937. Disponível em: <https://archive.org/details/protocolos-e-rituais-aib-1937>. Acesso em: 21 nov., 2025

³² *Ibidem*, p. 3.

movimento, abordando temas como o caráter ideológico, os símbolos, os uniformes e insígnias, os hinos e canções, as saudações, a organização das sedes, as sessões, os ritos, as ocasiões especiais, a imprensa integralista e as atribuições do chefe nacional, buscando organizar o movimento e consolidar a estrutura hierárquica e a devoção ao líder.

De acordo com o manual, como Chefe Nacional da AIB, Salgado detinha plenos poderes deliberativos e era considerado, nas palavras do estatuto, "a síntese dos anseios de todos os integralistas, o intérprete e o defensor supremo da Doutrina do Sigma".³³ Sua liderança era intangível e qualquer crítica ou questionamento a seus atos era estritamente proibido, sob pena de exclusão automática da organização. Essa centralização de poder em torno de Salgado refletia o papel de sua liderança de moldes fascista, que transcendia a figura de um simples líder para se tornar o próprio integralismo. Essa importância excessiva dentro do movimento, característica comum dos movimentos fascistas, seria responsável, após a morte de Plínio Salgado, pela fragmentação dos camisas-verdes.

Além de Plínio Salgado, entendido pelos integralistas como o grande chefe nacional, que encarnava o destino histórico do movimento, a AIB contou com duas lideranças de grande relevância intelectual e organizativa: Miguel Reale e Gustavo Barroso. Embora compartilhassem a defesa do projeto integralista e atuassem na consolidação da doutrina, cada um desses nomes ocupava posições específicas na estrutura do movimento, formulando interpretações distintas e perseguindo objetivos que nem sempre convergiam de maneira plena.

Miguel Reale, foi uma das principais lideranças do integralismo brasileiro, destacando-se como o principal teórico do Estado Integral. Formado na Faculdade de Direito de São Paulo, Reale foi um jurista influente. Ainda no período da graduação, Miguel Reale se filiou a AIB e rapidamente cresceu dentro do integralismo, movimento que ele não via problema em reconhecer como fascista, chegando a alcançar o cargo de Secretário da Doutrina, além de coordenar jornais e revistas integralistas como o *Ação* e o *Panorama*.

Miguel Reale defendia a construção de um Estado integral, autoritário, hierárquico e organizado segundo princípios corporativistas, elementos que ele identificava como virtudes do fascismo italiano e que, em sua visão, seriam capazes de restaurar a ordem social e garantir a unidade nacional. Para Trindade, a concepção integralista de Estado Integral se apresenta como uma modalidade de Estado Fascista,

³³ *Ibidem*, p. 7.

Sua distinção repousa na crença de que uma das características da unidade orgânica é integrar discriminando: o todo não deve absorver as partes (totalitarismo), mas integrar os valores comuns, respeitando os valores específicos e exclusivos (Integralismo).³⁴

Segundo Rodrigo Pinho, o Estado integral proposto por Reale se contrapõe ao Estado liberal, entendido como uma forma de organização política marcada pela atuação mínima diante do indivíduo. Nesse modelo liberal, o Estado limita-se a preservar direitos naturais e assegurar a igualdade formal perante a lei, funcionando como um “mal necessário” guiado pelos princípios do *laissez-faire*. Diferentemente disso, Reale defende que o Estado integral deve ser ativo, orgânico e responsável pela harmonização dos interesses sociais, superando o individualismo liberal e assumindo um papel central na construção da unidade nacional.³⁵ Segundo Trindade, a crítica de Reale ao Estado liberal se refere “à apatia do Estado diante da evolução econômica e social. O liberalismo é a doutrina que sistematiza o que o Estado deve se abster de fazer”.³⁶

Além de Plínio Salgado e Miguel Reale, Gustavo Barroso também possuía uma posição de destaque dentro do integralismo brasileiro. Formado em Direito, Barroso foi um dos responsáveis pela criação do Museu Histórico Nacional. Em 1933, ingressou no integralismo, tornando-se uma das principais lideranças do movimento. Dentro da AIB, teve como principal função o controle das milícias integralistas.

Empossado como comandante geral das milícias integralistas, Gustavo Barroso dedicou grande parte da sua trajetória intelectual dentro do integralismo na difusão do antissemitismo dentro das fileiras do sigma. Segundo Camila Freire, “Barroso se via como um eleito, um ser especial destinado a guiar as massas. Percebe-se isso ainda mais quando ele fala dos judeus e sua suposta conspiração de dominação mundial que ele, Barroso, estaria denunciando para o público em suas obras”.³⁷ Embora reconhecesse que o integralismo fizesse parte da mesma família ideológica dos fascismos europeus, chegando inclusive a defender a cooperação entre esses movimentos, Barroso procurou diferenciar o antissemitismo integralista que buscava difundir daquele formulado pelo nazismo. Para justificar essa posição, afirmava que o antissemitismo integralista não tinha fundamento racial e que derivava de fatores políticos e econômicos. Em suas obras, os

³⁴ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo...* Op. cit., p. 255.

³⁵ PINHO, Rodrigo Maiolini Rebello. O pensamento integralista de Miguel Reale. *Revista Verinotio*, v. 25, n. 2, 2019.

³⁶ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo...* Op. cit., p. 263

³⁷ FREIRE, Camila de Sousa. *O pensamento e a trajetória intelectual de Gustavo Barroso: identidade regional, redes de sociabilidade, integralismo e escrita de si (1910-1940)*. 2023. 267 f. Tese (Doutorado em História Social) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023, p. 145.

judeus eram associados ao capitalismo financeiro internacional, ao comunismo e às instabilidades que afetavam o mundo. Embora o tema apareça com frequência em seus escritos, é em *Brasil: Colônia de Banqueiros*, obra marcada pela influência do panfleto antissemita intitulado *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, que Barroso apresenta de modo mais direto sua visão conspiracionista e antissemitista, descrevendo os judeus como agentes de um suposto projeto de dominação econômica mundial.³⁸

De acordo com Robert Paxton, o antissemitismo não pode ser considerado uma característica essencial da anatomia do fascismo.³⁹ O fascismo italiano, por exemplo, só o adotou, de maneira mais significativa, após o estreitamento das ligações com a Alemanha nazista. No caso do integralismo, apesar de ter tido apoio de parte de seus militantes, não houve um consenso absoluto⁴⁰. Porém, o discurso antissemita de Gustavo Barroso e sua influência na AIB não podem ser minimizados, pois se infiltraram de maneira significativa dentro do movimento, aparecendo em diferentes grupos e contextos, inclusive em organizações neointegralistas. De acordo com Héglio Trindade, o antissemitismo se incorporou ao integralismo devido a recepção entre os militantes de base.

Os resultados demonstram que os preconceitos antissemitas e antimaçônicos são profundamente enraizados nos antigos integralistas, mesmo quando o medo do judeu considerado uma ameaça seja menos forte do que a ideia de uma conspiração judaica. Quanto à visão hierárquica, se ela se manifesta claramente ao nível da desigualdade natural entre os homens, é repelida por mais de um terço dos integralistas quando se trata de aceitar o direito de subjugar os povos inferiores. Esse último aspecto prova que a influência do nacional-socialismo não era negligenciável entre os militantes.⁴¹

Assim como os movimentos fascistas europeus, a AIB iniciava sua trajetória com alguns inimigos declarados. A construção de opositores desempenhava um papel essencial dentro da ideologia e estratégia de atuação integralista. Nesse sentido, o liberalismo, o socialismo/comunismo e o capitalismo internacional apareciam como os adversários centrais.

³⁸ BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros: história dos empréstimos de 1824 a 1934*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

³⁹ PAXTON, Robert. *A anatomia do...* Op. cit.

⁴⁰ Plínio Salgado, por exemplo, não adotava completamente os discursos de Gustavo Barroso em relação aos judeus, embora também não tenha realizado movimentos relevantes para restringir a presença do líder das milícias ou do antissemitismo barrosiano dentro do próprio movimento. Dessa forma, a pesquisa concorda com a tese de Natália dos Reis Cruz de que não haveria uma ala não-antissemita no integralismo. CRUZ, Natália dos Reis. *O Integralismo e a Questão Racial: a intolerância como princípio*. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

⁴¹ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo...* Op. cit., p. 294.

Para os integralistas, assim como para os fascistas europeus, o liberalismo não apresentaria soluções para os problemas dos trabalhadores; estaria, na verdade, os ludibriando, prometendo liberdade e entregando apenas a uma pequena parcela da sociedade. Ao se referir ao liberalismo, Plínio Salgado afirmava que a liberal-democracia tinha como objetivo iludir as massas trabalhadoras, pela ostentação de fundo moral e de critérios materialistas. Para Plínio Salgado, o liberalismo seria diretamente responsável por diversos males da sociedade, entre eles:

a Grande Guerra, que sacrificou milhões de vidas; a tragédia russa; as revoluções sul-americanas; a masorca chinesa; o banditismo no território norte-americano; as perturbações sociais em todo o planeta; a chamada "superprodução" de mercadorias; as legiões de desempregados, que sobem hoje a muitas dezenas de milhões; o pânico do capital e o desespero do trabalho; enfim, a angústia universal.⁴²

Além disso, segundo os integralistas, o pluralismo liberal seria diretamente responsável pelo crescimento do socialismo/comunismo na sociedade. Em relação ao liberalismo, Robert Paxton, ao analisar a estrutura dos movimentos e governos fascistas, observa que,

com seu governo não-intervencionista, sua crença no debate aberto, seu pouco controle sobre a opinião das massas e sua relutância a recorrer ao uso da força, os liberais, aos olhos dos fascistas eram guardiões da nação culposamente incompetente no combate à luta de classes desencadeada pelos socialistas.⁴³

De acordo com Edgar Serrato, essa perspectiva era defendida também pelas principais lideranças dentro do movimento integralista. O liberalismo, através de sua ânsia materialista, seria o precursor do comunismo e, por essa razão, ao impedir “o avanço do Estado Liberal, também se impede não somente o avanço do comunismo, mas também a sua própria formação como ideia dentro de uma sociedade”.⁴⁴ Assim, para os integralistas, o comunismo seria uma resposta à crise da sociedade liberal, uma resposta antinacional e inaceitável.

De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta, o anticomunismo se configura como um fenômeno duradouro com grande força nas lutas políticas pelo mundo ao longo da história.⁴⁵ Da mesma forma que para os marxistas o comunismo era a concretização de

⁴² SALGADO, Plínio. *O que é o integralismo?* Rio de Janeiro. Schmidt, 1933. p.23

⁴³ PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo...* Op. cit., p. 45.

⁴⁴ SERRATO, Edgar B. F. *A Ação Integralista Brasileira e Getúlio Vargas: antiliberalismo e anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008, p. 68.

⁴⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo. Perspectiva; Fapesp, 2002.

um ideal de mundo, para seus opositores era a destruição das bases de uma sociedade funcional. A preocupação com o comunismo era uma questão presente no contexto da década de 1930 e contribuiu para o fortalecimento do integralismo dentro da sociedade brasileira.

Desde sua fundação, o integralismo se posicionou contra o comunismo, fato que se intensificou a partir da “Batalha da Praça da Sé”, em 1934, e com o levante comunista de 1935. Os integralistas se apresentavam no debate público como os únicos com capacidade de enfrentar os comunistas, um inimigo natural, colocando-se como o principal escudo frente ao avanço de seu projeto internacionalista e de luta de classes.

Os integralistas, assim como os fascistas europeus, abominavam a concepção marxista de luta de classes, considerada fragmentária e sectária. Além disso, o internacionalismo comunista era extremamente repudiado pela ideologia dos camisas-verdes. O *Manifesto de Outubro* de 1932 já enfatizava os supostos malefícios do comunismo para a sociedade brasileira, afirmando que este “destrói a família para melhor escravizar o operário ao Estado; destrói a personalidade humana; destrói a religião; destrói a iniciativa de cada um”.⁴⁶ De acordo com Francisco Carlos Teixeira, a narrativa do “perigo comunista”, que destruiria as famílias e a nação se não fosse rapidamente exterminado, foi amplamente disseminada pelos fascistas.⁴⁷ Segundo Héliog Trindade, na ideologia integralista, o anticomunismo se manifestaria de três maneiras,

Na primeira, mais comum entre os teóricos integralistas, socialismo e liberalismo são considerados expressões de uma mesma concepção filosófica: o materialismo. Na segunda, o socialismo e sua estrutura socioeconômica são considerados concepções ligadas às doutrinas “fragmentárias” do século XIX e superadas pela experiência fascista “integral”. A terceira, enfim, pretende, por meio de um anticomunismo primário, provocar o medo ao comunismo entre os militantes integralistas.⁴⁸

O integralismo, durante toda sua trajetória, mobilizou o anticomunismo, seja por acreditar que o “perigo era real”, seja pelas benesses que esse discurso trazia para o movimento ou mesmo por ambos os fatores. O fato é que a AIB conquistou grande parte de seus militantes através do anticomunismo.⁴⁹ De acordo com Trindade, cerca de dois

⁴⁶ AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Manifesto de Outubro de 1932*. [S. I.]: Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1932.

⁴⁷ TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Revoluções conservadoras, terror e fundamentalismo: regressões do indivíduo na modernidade. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos (org.). *O século sombrio: uma história geral do século XX*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier.

⁴⁸ TRINDADE, Héliog. *Integralismo: o fascismo...* Op. cit., p. 269.

⁴⁹ Segundo Christofletti, no discurso integralista, “a invasão ou infiltração comunista estaria, portanto, presente em todos os setores da sociedade, atuando - em todos os períodos de atuação integralista - de maneira mais organizada nos partidos políticos (com exceção, é claro, do “incorrutível” integralismo) e

terços da adesão ao integralismo se deram por conta do anticomunismo, seguido respectivamente pela simpatia ao fascismo e pelo nacionalismo do movimento.⁵⁰ Ainda, segundo Christofoletti, na década de 1930, o anticomunismo possibilitou também “o fortalecimento da relação do integralismo com a Igreja Católica”,⁵¹ um objetivo que Salgado perseguiu durante toda trajetória, embora nunca tenha alcançado plenamente. De acordo com Gonçalves e Neto, o movimento integralista chegou a receber quantias financeiras de grupos que viam na AIB e no integralismo um movimento com condições de combater o comunismo, seja no campo das disputas das ideias ou da violência, de forma verbal ou física.⁵²

A AIB nunca excluiu a possibilidade e a importância da utilização da violência física, apostando na mobilização das massas somada à militarização da militância. O grupo possuía sua própria estrutura paramilitar, treinada dentro do próprio movimento e com alistamento obrigatório para todo homem integralista de 14 até 42 anos, uma milícia sob o comando total de Gustavo Barroso. Segundo Simões e Goellner,

Pela defesa da Pátria e do Sigma, o integralismo aprovou, no 1o Congresso Integralista Brasileiro, o regulamento do Departamento de Milícia Integralista que funcionou com uma estrutura inspirada nos moldes do exército e com atuação semelhante à das brigadas paramilitares fascistas, conforme a orientação do seu organizador, o capitão Mourão Filho, que havia concluído o curso do Estado-Maior do Exército. O Departamento da Milícia Integralista, criado em 1934, que mais tarde se tornaria Secretaria de Educação (moral, cívica e física), constituiu-se como um órgão cuja função maior era preparar os integralistas com base na cultura física, desenvolvendo um treinamento paramilitar que envolvia desde a instrução de “técnica, tática e moral” até a elaboração de planos de combate.⁵³

De acordo com Francisco Carlos Teixeira, “o terrorismo, as razias, as lutas de rua foram as armas básicas das milícias fascistas na destruição do Estado Liberal e, ao mesmo tempo, uma forma exacerbada de fazer política, capaz de liberar todos os ódios existentes”.⁵⁴ A AIB teve diversos conflitos com organizações e militantes antifascistas, sendo o conflito mais famoso o da “Batalha da Praça da Sé” ou, para os opositores do

nos jornais[...], bem como em alguns setores públicos.” CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *Enciclopédia do Integralismo: o dogma do sigma*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021, p. 173.

⁵⁰ TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo...* Op. cit.

⁵¹ CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. *Integralismo: o fascismo...* Op. cit., p. 173.

⁵² GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas...* Op. cit.

⁵³ SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação do corpo para o “soldado integral”, “forte de físico, culto de cérebro e grande de alma”. *Motriz: Revista de Educação Física*, v. 18, n. 2, p. 328-329, abr. 2012.

⁵⁴ TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (orgs.). *O Século XX: o tempo das crises*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, vol. 2, p. 138.

integralismo, a “revoada das galinhas-verdes”, uma ironia às cores do uniforme e à fuga dos camisas-verdes do local.

A Batalha da Praça da Sé ocorreu em 7 de outubro de 1934, data de aniversário do *Manifesto de Outubro* de 1932. Os camisas-verdes e os grupos antifascistas já haviam protagonizado confrontos no mesmo ano, com mortos e feridos do lado integralista. No entanto, foi na Praça da Sé, em São Paulo, que o maior conflito entre os grupos ocorreu. De um lado se encontravam integralistas da AIB, do outro, militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), da Federação Operária de São Paulo (FOSP) e da Frente Única Antifascista (FUA), experiência de frente única de esquerda, tendo como alguns de seus principais membros a Liga Comunista (LC) e o Partido Socialista Brasileiro (PSB). O encontro resultou em uma intensa troca de tiros entre os dois grupos, resultando em seis mortes e dezenas de feridos de ambos os lados. Após o fim da batalha, militantes integralistas mortos se tornaram mártires dentro movimento, sendo lembrados e exaltados até os dias atuais entre os grupos neointegralistas. Do lado dos anti-integralistas, a batalha “tornou-se um símbolo da luta antifascista e da luta contra os aspectos reacionários da política nacional”.⁵⁵

Um ponto de debates em relação aos movimentos fascistas é o seu suposto caráter anticapitalista. Segundo Robert Paxton, é evidente o que os movimentos fascistas possuem como uma de suas características a retórica anticapitalista. Apesar disso, tal como Paxton, esse trabalho defende a análise do fascismo, mais do que apenas através de sua retórica, que é indiscutivelmente relevante, mas também através de suas ações práticas. Nesse sentido, em relação ao discurso anticapitalista, é possível afirmar que, quando os fascistas chegavam ao poder, “nada fizeram para cumprir essas ameaças anticapitalistas”.⁵⁶

Esse dado se deve ao fato de que a crítica do fascismo em relação ao capitalismo estava mais ligada à sua indiferença, incapacidade de comandar as massas e falta de rigor para evitar com que ideologias como o comunismo florescessem. Dessa forma, as promessas de confisco de propriedade, por exemplo, se restringiram aos inimigos declarados do regime, sem alterar de maneira substancial a estrutura e hierarquia social. Ainda, para chegar ao poder e após conquistá-lo, muitas vezes os fascistas se alinharam

⁵⁵ CASTRO, Ricardo Figueiredo de. *Contra a guerra ou contra o fascismo: as esquerdas brasileiras e o antifascismo, 1933-1935*. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999, p. 59.

⁵⁶ PAXTON, Robert. *A anatomia do...* Op. cit. p. 34.

à classe burguesa contra os socialistas e comunistas. Nesse sentido, o historiador David Renton é ainda mais enfático ao afirmar que o fascismo levou à expansão do domínio capitalista, expandindo o controle social da burguesia sobre os trabalhadores.⁵⁷

Em relação ao integralismo também é possível observar, a partir da fala dos principais ideólogos da AIB, um claro discurso anticapitalista. Apesar disso, embora a AIB não tenha alcançado o que Paxton define como a etapa da “chegada ao poder”, é possível afirmar que a organização ideológica proposta para o Estado Integral integralista, de caráter burocrático, autoritário, reacionário e mobilizador das massas, não se opunha, de fato, ao capitalismo. De acordo com Héglio Trindade, a reforma no capitalismo proposto pela AIB se apresentava em três níveis:

primeiro, subordinando a produção aos “interesses nacionais”, a fim de romper seus vínculos com o capitalismo internacional; segundo, estabelecendo o controle do Estado sobre a economia liberal; terceiro, introduzindo uma finalidade ética no desenvolvimento da economia. Entretanto o essencial do sistema capitalista permanece na medida em que o Integralismo não põe em questão a iniciativa individual.⁵⁸

Dessa forma, é possível perceber que o projeto integralista, apesar do discurso que muitas vezes reivindicava uma ruptura profunda com a ordem existente, estava mais voltado para uma crítica ao capitalismo internacional e para a reformulação do capitalismo liberal, do que para sua superação definitiva. A retórica de transformação radical aparecia como elemento mobilizador, mas o conteúdo programático apontava para a construção de um modelo corporativista que mantinha a estrutura capitalista e aprofundava ainda mais a exploração do trabalhador. Assim, o movimento buscava, no máximo, uma reorganização do capitalismo que atendesse a seus objetivos autoritários e nacionalistas, sem a criação de um sistema inteiramente novo.

1.3- Do Estado Novo ao PRP: tentativas de sobrevivência

Em seu início, entre os anos de 1932 e 1935, o integralismo se apresentava como um movimento cívico-moral e crítico aos partidos políticos. Na obra “*O que é integralismo?*”, Plínio Salgado criticava o sistema partidário e o voto, defendendo que o integralismo traria a verdadeira representação, ou seja, a representação corporativa. Para

⁵⁷ RENTON, David. *Fascismo: história e teoria*. São Paulo: Usina Editorial, 2024, p. 65.

⁵⁸ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo...* Op. cit., p. 265.

o autor, o voto é a “grande mentira que serve de instrumento à opressão das massas trabalhadoras iludidas na sua boa fé”.⁵⁹ Contudo, a partir do II Congresso Nacional da AIB, ocorre sua transformação em partido político. Segundo Héglio Trindade,

A transformação do movimento em partido político coincide com a passagem da fase “revolucionária” do Integralismo à sua fase “eleitoral”. A partir desse momento, a mensagem ideológica não se dirige somente a militantes consagrados à “revolução integral”, mas a eleitores potenciais.⁶⁰

Essa mudança garantiu efeitos diretos nas eleições de 1936, quando integralistas conquistaram expressiva representação: “quase três mil vereadores no país, 20 prefeitos e quatro deputados estaduais”.⁶¹ Plínio Salgado, por sua vez, foi lançado como candidato pelo partido à presidência na eleição prevista para 1938. Entretanto, o processo eleitoral foi interrompido pelo golpe de 1937, que instaurou o Estado Novo. Assim,

Sob a alegação de que uma nova intentona era tramada, Getúlio revoga a Constituição. O golpe, porém, contraria importantes interesses políticos, que levam, anos mais tarde, ao colapso o Estado Novo. Eram previstas eleições presidenciais em 1938. No momento em que Getúlio impõe seu governo ditatorial, três candidatos haviam sido lançados: Armando de Salles Oliveira, congregando facções políticas paulistas e gaúchas, assim como segmentos de oligarquias baianas e pernambucanas; José Américo de Almeida, representando grupos políticos de Minas Gerais, Paraíba e Pernambuco, além de facções oligárquicas de São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul; e Plínio Salgado, chefe da Ação Integralista Brasileira, versão nacional do fascismo europeu.⁶²

Os integralistas tiveram participação no golpe, através do *Plano Cohen*, um documento falso produzido pelo integralista e capitão do exército, Olympio Mourão Filho. O documento apresentava uma suposta tentativa de golpe dos comunistas para derrubar Getúlio Vargas e assumirem o poder, servindo como pretexto para o golpe do Estado Novo.

O Estado Novo representou uma janela de esperança para os integralistas. Muitos militantes acreditavam que o movimento poderia alcançar posições de destaque dentro do novo regime. A convergência em torno principalmente dos inimigos comuns garantiu um apoio nessa fase inicial. Conforme Neto,

A relação entre a AIB e Getúlio Vargas foi marcada por momentos de aproximações e aparente caminhos em comum e outros de profundas rupturas. A aproximação existente entre ambos era amplamente dinamizada devido a

⁵⁹ SALGADO, Plínio. *O que é o integralismo?* Rio de Janeiro: Schmidt, 1933, p. 24.

⁶⁰ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo...* Op. cit., p. 197.

⁶¹ CRISTOFOLETTI, Rodrigo. *Integralismo: o fascismo...* Op. cit., p. 9.

⁶² PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. *Uma Breve História do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2010, p. 252-253.

inimigos em comum, expresso pelo discurso antiliberal e anticomunista, assim como algumas reivindicações e plataformas próximas, repletas de um evidente discurso nacionalista, com a defesa da implantação de um Estado forte e centralizador e o grande apelo às classes populares, em especial os trabalhadores.⁶³

Além de uma suposta aproximação ideológica, principalmente através do anticomunismo, Plínio Salgado acreditava que teria espaço dentro do novo arranjo político inaugurado em 1937. Entre suas expectativas, estava a possibilidade de assumir o Ministério da Educação, promessa atribuída a Vargas, mas que nunca se cumpriu, provocando frustração e alimentando tensões dentro dos círculos integralistas. Ainda segundo Neto,

Vargas protelou de todas as formas uma decisão oficial. Era bem claro que o presidente não concederia o poder a Plínio Salgado e apenas usou da força dos militantes integralistas para auxiliar a consolidação do Estado Novo, que dissolveu todos os partidos políticos, além de proibir milícias cívicas e restringir o uso de uniformes e simbologias dessas entidades, entre as quais a AIB.⁶⁴

Nesse contexto, Plínio Salgado buscou criar grupos integralistas dentro do limite da lei, não obtendo sucesso. O sentimento de traição levou os integralistas a prepararem uma ação armada contra Vargas. De acordo com Gonçalves e Neto, “era uma grande articulação envolvendo as principais lideranças do movimento, como Plínio Salgado – que negou sua participação até a morte –, Gustavo Barroso e Belmiro Valverde, que teve papel central nas ações”.⁶⁵

O levante integralista de 1938 teve como objetivo central capturar Getúlio Vargas. Os militantes organizaram uma operação armada de grande porte, reunindo arsenal e explosivos, e definiram entre seus alvos a Rádio Mayrink Veiga, o Quartel-General do Exército e da Polícia Militar e, sobretudo, o Palácio Guanabara, residência oficial do presidente da República. A ofensiva resultou em intenso confronto armado no Palácio Guanabara, provocando mortes entre integralistas e forças de segurança. A ação fracassou rapidamente, e a repressão desencadeada pelo governo levou à prisão e detenção de mais de 1500 integrantes da AIB.

O levante integralista de 1938 representou a única reação armada ao regime do Estado Novo, até o alijamento de Vargas do poder pelas forças armadas em 1945. Embora tenha contado com a participação de uma maioria de

⁶³ CALDEIRA NETO, Odilon. *Integralismo, neointegralismo e antisemitismo: entre a relativização e o esquecimento*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011, p. 36.

⁶⁴ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas...*, p. 59.

⁶⁵ Ibidem, p.61

integralistas, o levante envolveu, no tocante ao seu planejamento e direção, elementos não filiados ao integralismo.⁶⁶

Plínio Salgado permaneceu foragido por vários meses após o fracasso da intentona integralista. Durante esse período, tentou evitar a sua captura deslocando-se entre diferentes locais e contando com a ajuda de simpatizantes do movimento. A estratégia, porém, não se sustentou por muito tempo. Salgado foi localizado e preso na capital paulista em 30 de maio e permaneceu detido até 22 de junho, quando recebeu autorização para deixar o país e seguir para Portugal, onde se estabeleceu em autoexílio. De acordo com Gonçalves,

Portugal era um espaço aberto para o líder integralista. As relações de amizade intelectual e políticas eram evidentes, e Getúlio Vargas entendia que, com um governo ditatorial, como o de Oliveira Salazar, Plínio Salgado não representaria perigo à ordem vigente do Estado Novo, tanto o brasileiro quanto o português.⁶⁷

Plínio Salgado e sua esposa, Carmela Salgado, desembarcaram em Portugal no dia 7 de julho, a saída do país representou um enfraquecimento profundo do integralismo, cuja direção em solo brasileiro ficou sem seu principal líder e articulador. O autoexílio de Salgado marcou um novo período para o integralismo, que jamais voltaria a possuir a força da década de 1930. Em Portugal, Salgado buscou manter-se politicamente ativo, embora discreto em um primeiro momento, dedicando-se a criar e reforçar suas redes de sociabilidade. Segundo Leandro Gonçalves,

A experiência política adquirida no Brasil e o conhecimento da política portuguesa forneciam-lhe informações necessárias no sentido de criar um comportamento compatível com a política de Salazar, ou seja, o líder integralista era experiente a ponto de externar suas posições em uma sociedade como a de Portugal de Salazar.⁶⁸

Em seu período em Portugal, Plínio Salgado conseguiu realizar contatos com vários grupos da direita portuguesa. A relação com esses diferentes movimentos permitiu a circulação de suas ideias em ambientes conservadores do país. Ao mesmo tempo, Plínio Salgado sempre buscou melhorar sua relação com Getúlio Vargas com o intuito de viabilizar seu retorno ao Brasil, embora Vargas, avaliando o cenário político, tenha

⁶⁶ REVOLTA INTEGRALISTA. In: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

⁶⁷ GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento político de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012, p. 307.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 328.

alternado entre a indiferença e gestos protocolares que não ofereciam qualquer garantia concreta a Plínio Salgado. Não havia vantagem em trazer novamente para o cenário brasileiro o líder dos camisas-verdes.

Diante desse conjunto de dificuldades, Salgado passou a investir na elaboração de um discurso integralista adaptado ao contexto português. Em uma conjuntura marcada pela Segunda Guerra Mundial, o discurso abertamente fascista, característico da AIB, poderia gerar consequências para Plínio Salgado, tanto para sua permanência em Portugal, quanto para sua reputação no Brasil. De acordo com Neto e Gonçalves, em um primeiro momento, Salgado tentou, de maneira discreta, estabelecer vínculos com o nazismo, avaliando a possibilidade de obter ganhos políticos.⁶⁹ Essa iniciativa, porém, logo se mostrou arriscada, o contato com o eixo trazia a possibilidade de comprometer sua permanência em Portugal e prejudicar de forma definitiva sua imagem no Brasil, o que levou Salgado a recuar dessa aproximação. A partir desse afastamento, Plínio Salgado passou a aprofundar um pensamento marcadamente político-religioso. Em vez de insistir no discurso explicitamente fascista, procurou se apoiar na retórica cristã dominante em Portugal naquele período. Esse movimento o aproximou de elementos da democracia cristã salazarista, que ofereciam um repertório mais seguro e socialmente aceitável para sua tentativa de reconstrução doutrinária.

Assim, sua atuação intelectual em Portugal se deu a partir da aproximação com o cristianismo, ainda em maior intensidade do que no período da AIB. De acordo com Leandro Gonçalves, se em território brasileiro havia se consolidado como líder integralista, em Portugal, Salgado passou a ser reconhecido como um teólogo cristão. No entanto, apesar da imagem religiosa, o discurso integralista, e por conseguinte, fascista, permaneceria nas entrelinhas de seus escritos.⁷⁰ A mudança no discurso foi efetiva, garantindo a Salgado prestígio e boas relações dentro de Portugal, inclusive com membros do clero português.

O pensamento político-religioso que Salgado desenvolveu no exílio foi fundamental para “a cristalização de uma ‘nova’ doutrinação, embasada principalmente no efeito do cristianismo e assim mascarando a doutrina integralista e a tônica fascista”.⁷¹ É importante ter em mente que Salgado não deixou de lado o papel de líder integralista e nem o fascismo; seu novo momento estava muito mais relacionado a uma estratégia de

⁶⁹ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas...* Op. cit.

⁷⁰ GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal...* Op. cit.

⁷¹ *Ibidem*, p. 365

sobrevivência política. Entre suas obras desse período destaca-se *A Vida de Jesus*, considerada sua produção religiosa mais importante, atraindo a atenção de diversos grupos conservadores.⁷² O livro se tornou um sucesso de vendas, alcançando grande circulação e contribuindo para a consolidação de seu prestígio intelectual durante o autoexílio. Conforme Gonçalves,

A obra datilografada contém 638 páginas e, ao longo do texto, é possível encontrar diversos extratos de passagens bíblicas. A obra teve como objetivo relatar, em estilo narrativo, a experiência humana a partir da vida de Jesus Cristo em torno de um paralelismo entre a época de Cristo e do autor. Questões como nacionalismo, antimaterialismo, antiliberalismo, são constantes na obra que pretendia ser uma nova ordenação política; quando, na verdade, é a continuação do pensamento fascista de Plínio Salgado, mas em torno de uma máscara cristã.⁷³

Paralelamente a isso, durante o período de autoexílio de Plínio Salgado, com o afastamento progressivo de Miguel Reale e Gustavo Barroso, a liderança dos camisas-verdes ficou a cargo de Raymundo Padilha. Padilha foi um militante histórico da AIB e, embora tivesse formação em economia, sua trajetória esteve ligada à atuação política que desenvolveu ao longo de várias décadas, chegando a ocupar cargos de grande visibilidade, como deputado federal e, posteriormente, governador do Rio de Janeiro, durante o período da ditadura civil-militar.

Sua trajetória dentro do integralismo começou ainda no processo de criação do movimento. Dentro da AIB, Padilha assumiu responsabilidades significativas, como a direção dos núcleos de Niterói e da Guanabara, além de comandar a estrutura partidária no estado do Rio de Janeiro durante as campanhas eleitorais da organização. Essa posição de destaque o colocou entre o pequeno grupo de militantes que atuavam de maneira direta ao lado de Plínio Salgado, assessorando o líder dos camisas-verdes nas principais decisões internas. Após o levante integralista, Padilha foi preso junto com outros membros da AIB e, depois de sua libertação, em um contexto marcado pelo autoexílio de Plínio Salgado, assumiu a liderança do movimento em território brasileiro, papel que desempenhou em meio às dificuldades impostas pela repressão e pela ausência de seu principal líder. De acordo com Diego Ramos,

Nesse período, entre os anos de 1939 a 1945, os integralistas liderados por Padilha se envolveram em diversos episódios que deixaram claro como as forças integralistas se mantiveram-se ativas durante o período da ilegalidade. Além disso, ficou evidente como as autoridades acompanhavam de perto as movimentações dos militantes, embora pouco fizesse para coibi-los. O período

⁷² SALGADO, Plínio. *A vida de Jesus*. São Paulo: Panorama, 1942.

⁷³ GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal...* Op. cit., p. 396.

de ilegalidade vivido pelo movimento foi bastante agitado e permitiu que o “espírito” integralista se mantivesse vivo.⁷⁴

A partir de 1945, com o enfraquecimento de Estado Novo, teve início a articulação para o retorno de Plínio Salgado ao Brasil. No entanto, diferente da década de 1930, muito em razão das consequências da Segunda Guerra Mundial, vigorava na sociedade brasileira um forte sentimento antifascista. Além disso, o anti-integralismo se tornava cada vez mais um problema real para a sobrevivência dos camisas-verdes. Dessa forma, com o retorno de Plínio de Salgado e a necessidade de reinvenção do integralismo, deu-se a articulação definitiva para a criação do Partido de Representação Popular (PRP).

1.4 - Do PRP à ditadura civil-militar:

O PRP foi fundado em 26 de setembro de 1945 e, embora inicialmente a proposta não fosse necessariamente estruturar um partido integralista, essa ideia acabou sendo progressivamente adotada à medida que os antigos militantes foram convocados a ingressar na legenda. O PRP tinha uma função clara: adaptar os integralistas à nova conjuntura política da sociedade brasileira, permitindo uma atuação política dentro de uma estrutura democrática. Segundo Gilberto Calil,

o processo de formação do PRP e as diversas opções feitas por Salgado e pela direção integralista durante os primeiros anos de estruturação partidária garantiram a adequação do integralismo ao novo contexto político, permitindo a criação de instrumento adequado à sua intervenção cotidiana na vida política brasileira.⁷⁵

O PRP nasceu absorvendo principalmente um discurso político-religioso cristão que Plínio Salgado vinha desenvolvendo desde os tempos em que esteve exilado em Portugal. De modo geral, os eleitores do PRP permaneceram os mesmos da AIB: membros da classe média e profissionais liberais. A formação do PRP permitiu ao movimento integralista a sobrevivência em um novo contexto político, em que “os integralistas conseguiram estabelecer alianças e obter apoios com grupos políticos dominantes, os quais foram decisivos para a obtenção e manutenção do registro partidário”.⁷⁶

⁷⁴ RAMOS, Diego da Silva. *Raymundo Padilha: do Integralismo à Ditadura Militar*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020, p. 12.

⁷⁵ CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no processo político brasileiro...* Op. cit., p. 237.

⁷⁶ *Ibidem*.

Nas disputas partidárias, o PRP apresentou resultados eleitorais inferiores se comparado aos grandes partidos nacionais, mas permaneceu presente nos debates que ocorriam na sociedade brasileira do período. Nas eleições presidenciais de 1955, Plínio Salgado alcançou a marca de 714.379 votos, disputando principalmente com a União Democrática Nacional (UDN) o eleitorado conservador.

Em 1960, durante o governo de Jânio Quadros, apesar de se apresentar como oposição, buscou negociar cargos e benefícios no governo, mantendo integralistas em órgãos estratégicos, como o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Servidores do Estado (IPASE) e o Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC). Mesmo criticando a política externa de Jânio Quadros, Salgado preferiu adotar uma postura pragmática, garantindo presença administrativa em vez de sustentar uma oposição. Com a renúncia de Jânio e a posse de João Goulart, os integralistas novamente articularam alianças para conservar sua influência.

A partir de 1962, o discurso de Salgado radicalizou-se, defendendo a necessidade de derrubada do governo Jango. Para João Fábio Bertonha, Plínio e os perrepistas acreditavam que, a partir de um golpe, seria possível para o integralismo alcançar uma posição de poder, algo que o movimento nunca conseguiu obter durante uma ordem democrática. Conforme o autor,

os deputados do PRP fizeram inúmeros discursos na Câmara dos Deputados contra João Goulart e membros do partido colaboraram, em palestras e atos públicos por todo o país, na criação de uma atmosfera favorável ao golpe. Várias das Marcha da Família por Deus e pela Pátria conservadoras tiveram participação do PRP e Plínio Salgado foi especialmente atuante na de São Paulo.⁷⁷

Com o golpe de 1964, instalaram-se no Brasil as bases repressivas da ditadura civil-militar. A Constituição de 1946 foi colocada em segundo plano e submetida a medidas arbitrárias, inauguradas em 9 de abril de 1964, a partir da promulgação do Ato Institucional nº 1 (AI-1). Esse ato tinha como objetivos cassar mandatos, intimidar opositores e transferir o poder político aos militares golpistas, servindo-se de um Congresso Nacional coagido a legitimar a escolha de um novo presidente.⁷⁸ Após o golpe, o PRP formalizou apoio ao general Castelo Branco. Segundo Leandro Gonçalves e Odilon Neto, “com um discurso de defesa da soberania nacional e de um Brasil forte, a

⁷⁷ BERTONHA, João Fábio. Sobre fascismos e ditaduras: a herança fascista na formação dos regimes militares do Brasil, Argentina e Chile. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 9, 2015, p. 210.

⁷⁸ CARDOSO, Célia Costa. Governo Castelo Branco, contragolpe e Frente Ampla nas memórias de militares e civis (Brasil 194-68). *Revista Perseu*, ano 8, março, 2014.

doutrina militar possuía determinados focos que compactuavam com a proposta histórica integralista”.⁷⁹

De acordo com Daniel Aarão, o golpe que resultou na derrubada de João Goulart foi resultado de uma ampla aliança social entre civis e militares. Após a consolidação do golpe, os militares conseguiram mobilizar, em torno de seus propósitos, parcelas importantes dos setores político e empresarial. Segundo o autor, lideranças civis “ocupavam cargos no governo e em numerosas instituições direta ou indiretamente controladas por aquele poderoso Estado, frente ao qual tiveram de se curvar os princípios liberais que pareciam inspirar o início do governo Castello Branco”.⁸⁰

Em outubro de 1965, buscando consolidar seu domínio político, a ditadura civil-militar promulgou o Ato Institucional nº 2 (AI-2). Esse ato determinava o fim de todos os partidos políticos, concedia ao Executivo o poder de fechar o Congresso Nacional, estabelecia a eleição indireta para presidente e ampliava a jurisdição da justiça militar à população civil. Além disso, reduziu o sistema partidário a duas agremiações: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), de apoio ao regime, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), uma oposição controlada e com pouca capacidade de contestação.⁸¹

Nesse processo, o PRP foi extinto, assim como as demais siglas partidárias, em cumprimento ao AI-2. Para os militantes integralistas, a opção óbvia era a filiação à ARENA. Ainda assim, a transição do PRP, um partido marcado pela identidade integralista, para a ARENA não era algo simples. Muitos militantes demonstraram descontentamento, pois não aceitavam a condição de se tornarem minoria dentro de uma nova legenda. Apesar disso, figuras de destaque do PRP, incluindo Plínio Salgado, encontraram espaço na recém-criada ARENA.

Com a extinção do PRP, em 1965, Plínio Salgado buscou manter sua atuação política no novo sistema bipartidário, nesse contexto, filiou-se à ARENA. De acordo com Lúcia Grinberg, a agremiação política ARENA, não pode ser reduzida a uma simples criação institucional da ditadura ou a um “partido biônico”.⁸² Para a autora, o partido deve ser compreendido como expressão mais ampla do conservadorismo existente na sociedade brasileira. Nesse sentido, a ARENA não se encaixa na visão cristalizada pela

⁷⁹ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas...* Op. cit., p. 108.

⁸⁰ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p.44.

⁸¹ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil Nunca Mais*. 3º ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

⁸² GRINBERG, Lúcia. *Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2009.

memória social de um partido submisso, tendo funcionado efetivamente em diversos momentos como representação política, marcada também por conflitos e disputas internas.

Segundo Eduardo Chaves, a ARENA surgiu da reunião de antigas agremiações políticas que, ao longo da ditadura, disputaram tanto a direção partidária quanto os votos dos eleitores.⁸³ Conforme o autor, é evidente que seus membros atuaram ao lado do governo, apoiando projetos e defendendo os Atos Institucionais. Apesar disso, o partido não era uma entidade abstrata, mas fruto da prática de milhares de pessoas em todo o país, entre eleitores, simpatizantes, militantes e políticos diversos.

A atuação parlamentar de Plínio Salgado durante a ditadura civil-militar esteve fortemente vinculada a projetos de caráter moral, educativo e conservador, que revelavam a permanência de sua visão integralista adaptada ao contexto político. Como relator da Comissão de Educação e Cultura, Salgado utilizou o espaço legislativo para influenciar a formação escolar e a difusão de valores nacionalistas e moralizantes. Nesse sentido, destacou-se a publicação de sua obra *Compêndio de instrução moral e cívica*, cuja recepção foi determinante para a criação da disciplina de Educação Moral e Cívica nas escolas do país, estabelecida pelo decreto-lei nº 869, de 12 de dezembro de 1969. Em continuidade a essa agenda, Salgado apresentou, em 1970, o projeto nº 135/1970 da Comissão de Educação e Cultura, que propunha a censura prévia contra publicações consideradas eróticas ou pornográficas. A justificativa era de que tais conteúdos representavam uma ameaça à moralidade nacional. O projeto resultou na promulgação do decreto-lei nº 1.077, de 26 de janeiro de 1970, que estabeleceu a censura à “divulgação deletéria, imoral e pornográfica, coibindo uma verdadeira onda de desintegração social provocada pela imaginação mórbida dos agentes do chamado erotismo internacional”.⁸⁴

Em 1974, Salgado decidiu não concorrer à reeleição, indicando o deputado Antônio Henrique Cunha Bueno como herdeiro político. Plínio Salgado faleceu em 7 de dezembro de 1975 e sua morte representou um marco decisivo para o integralismo. A ausência de sua principal liderança desencadeou disputas pela memória e comando do movimento, dando início a uma nova fase, marcada pela fragmentação em diferentes grupos e pela consolidação do chamado neointegralismo.

⁸³ CHAVES, Eduardo dos Santos. A Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e a construção social da ditadura civil-militar no Rio Grande do Sul. *Temporalidades*, Belo Horizonte, v. 5, n. 3, p. 42–55, 2014.

⁸⁴ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas...* Op. cit., p. 111.

1.5- A caracterização do integralismo como um movimento fascista

A discussão sobre a caracterização ou não do integralismo como um movimento fascista brasileiro constitui uma prática constante entre aqueles que se dedicam ao estudo dos camisas-verdes e dos movimentos fascistas fora da Europa. Longe de permanecer como um debate efervescente, a interpretação do integralismo como expressão específica do fascismo no Brasil consolidou-se, ao longo das últimas décadas, como um entendimento hegemônico no campo acadêmico, apesar de ainda existirem pesquisadores que defendem leituras divergentes, fato que demonstra a relevância do debate.

Ao longo deste capítulo, a posição assumida pela pesquisa já foi delineada com base na leitura comparada de características comuns entre o integralismo e os fascismos europeus, bem como a partir da análise da ideologia e, principalmente, da trajetória integralista a partir de referenciais teóricos do estudo dos fascismos. Embora essa caracterização pareça evidente para uma parcela significativa dos estudiosos, entendemos que quatro motivos justificam a elaboração de um tópico específico dedicado a esse debate.

Em primeiro lugar, destaca-se a necessidade de demarcar uma posição em um campo de produção intelectual vasto, composto por correntes teóricas diversas que, em muitos casos, se contrapõem de forma direta. Esse posicionamento é importante para situar o presente trabalho dentro das discussões tanto sobre o fascismo quanto sobre o integralismo histórico.

Em segundo lugar, torna-se indispensável reafirmar essa escolha teórica em um contexto marcado por ataques ao trabalho dos historiadores. Tais ataques tem origem em diferentes setores do espectro político, embora sejam impulsionados de maneira mais intensa pela extrema-direita, sobretudo, no Brasil, pelo bolsonarismo. A hostilidade dirigida à historiografia, especialmente quando aborda temas sensíveis para determinados grupos, tem produzido um ambiente em que pesquisadores se tornam alvos de campanhas de desinformação e acusações, o que torna ainda mais necessário revisitar debates que muitos já consideravam encerrados. Dentro do cenário dessa pesquisa, os grupos neointegralistas desempenham um papel ativo na contestação da leitura que identifica o integralismo como um movimento fascista, frequentemente deslocando o debate para fora da esfera acadêmica e adotando estratégias baseadas em ataques pessoais, distorções históricas e circulação de *fake news*. Para esses grupos, a classificação do integralismo como fascista seria apenas um rótulo depreciativo, argumento que não se sustenta quando

confrontado com a ampla quantidade de produções acadêmicas e pela consistência das análises desenvolvidas.

Apesar disso, essa reação abre espaço para uma terceira reflexão, igualmente relevante: diante do crescimento acelerado da extrema direita em escala global, seria o conceito de fascismo utilizado com precisão analítica ou estaria se transformando em uma categoria usada de modo impreciso para rotular posições políticas, movimentos e indivíduos avessos a pautas como redistribuição de renda, redução da desigualdade e fortalecimento dos direitos sociais? Esse trabalho defende a utilização do conceito de fascismo, de forma responsável e acadêmica. No entanto, a existência desse dilema, que envolve tanto o crescimento real de células fascistas (ou neofascistas) quanto usos vulgarizados do termo, torna legítima uma exposição clara sobre a sua aplicação, especialmente em um campo tão suscetível a disputas.

Por fim, observa-se que os conceitos que serão mobilizados no próximo capítulo, entre eles neointegralismo e neofascismo, se inserem em debates contemporâneos mais abertos, com fronteiras analíticas em construção e disputas ainda intensas. A adoção desses conceitos, que orientará a direção assumida pela pesquisa daqui em diante, depende diretamente de uma definição sólida sobre a caracterização do integralismo como movimento fascista.

Justificado esse tópico, é importante esclarecer que o caminho adotado para responder a essa questão não reside em uma análise das distintas correntes teóricas e dos inúmeros pesquisadores dedicados ao estudo do fascismo. Essa proposta demandaria um trabalho inteiramente voltado a esse objetivo. Da mesma forma, não será o objetivo abordar exaustivamente cada um dos trabalhos responsáveis pela análise do integralismo como um movimento fascista. Assim, este tópico tem como objetivo evidenciar de maneira clara a posição assumida por esta pesquisa em relação a caracterização do integralismo como um movimento fascista, bem como a escolha do referencial teórico em relação ao conceito de “fascismo”.

Desde as primeiras interpretações sobre o fascismo, consolidou-se uma controvérsia entre pesquisadores da extrema-direita: seria o fascismo um produto específico das condições históricas europeias das décadas de 1920 e 1930, devendo ser entendido, portanto, como um evento exclusivo da Europa? Entre os defensores dessa posição encontra-se Ernst Nolte, representante de uma corrente conservadora, para quem o conceito de fascismo deveria ser aplicado exclusivamente aos movimentos de

Mussolini, na Itália, e de Hitler, na Alemanha.⁸⁵ Segundo o autor, o mundo interdependente do pós-guerra não ofereceria espaço para o ressurgimento desse fenômeno.

Para Leandro Konder, essa perspectiva seria responsável por “confundir e desarmar as forças antifascistas, levando-as a não poderem identificar claramente as dimensões mundiais com que o fenômeno fascista pode reaparecer, modificado, em nossa época, no interior do capitalismo monopolista de Estado”.⁸⁶ Konder integra o conjunto de pesquisadores que argumentam que, embora o fascismo tenha se originado na Europa, variações locais e temporais não impedem o seu ressurgimento. Essa abordagem é compartilhada por pesquisadores de diferentes correntes teóricas, que apesar de conceituarem o fascismo de maneiras distintas, concordam quanto à possibilidade de seu reaparecimento em outros recortes cronológicos, locais e quanto à relevância da análise desses fascismos para uma compreensão ampla do fenômeno. A partir dessa perspectiva, diferentes pesquisadores se dedicaram a examinar o integralismo brasileiro com o objetivo de avaliar a possibilidade de sua caracterização como um movimento fascista.

Apesar dos estudos sobre o integralismo serem anteriores à obra de Héglio Trindade, inclusive não sendo ele o primeiro a caracterizar academicamente o integralismo como um movimento fascista, é inegável que a partir deste autor ocorreu a popularização do integralismo como tema de pesquisa. Sua hipótese sobre o integralismo como fascismo brasileiro serviu como base para trabalhos que viriam a marcar a discussão sobre o tema. Apesar de divergências pontuais entre os diferentes autores, é hegemônico a compreensão do integralismo como movimento fascista dentro da academia, no entanto, divergências podem ser encontradas.

O principal trabalho a ser citado nesse sentido é a tese de doutorado de José Chasin.⁸⁷ Seu trabalho talvez seja o mais polêmico entre os principais trabalhos sobre o integralismo. Sua tese, ainda na epígrafe, introduziu o espírito da pesquisa ao afirmar que Plínio Salgado e o integralismo sempre foram condenados, mas que é necessário “sentenciá-los por aquilo que são, não por aquilo que seus válidos inimigos entenderam, ou puderam entender, que fossem”.⁸⁸

⁸⁵ NOLTE, Ernst. *Three faces of fascism*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1966.

⁸⁶ KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 107.

⁸⁷ CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo híper-tardio*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 16.

A obra de Chasin insere-se no campo dos estudos que rejeitam a identificação do integralismo como um movimento fascista, sendo o trabalho mais influente nesse sentido. Para o autor, tal equiparação constituiria uma condenação injusta, defendendo a incompatibilidade dos camisas-verdes com o fascismo e, por conseguinte, a imprecisão da análise dos pesquisadores que defendem essa conceituação.

Ao longo de sua obra, Chasin procura demonstrar as diferenças estruturais entre o integralismo e o fascismo histórico. Seu argumento central sustenta que o fascismo somente poderia emergir em sociedades marcadas por um capitalismo tardio submetido a intensas crises. Na perspectiva do autor, o Brasil dos anos 1930 encontrava-se em um estágio ainda mais atrasado de desenvolvimento capitalista do que aquele observado na Itália ou na Alemanha pré-fascistas, situação que Chasin denomina de “capitalismo hiper-tardio”. Nessa condição, segundo o autor, não haveria espaço para uma reação defensiva da burguesia nos moldes europeus, inviabilizando a formação de um movimento autenticamente fascista. Assim, o integralismo, embora apresentasse elementos miméticos, constituiria uma formação ideológica local. A obra de Chasin inaugurou uma nova vertente interpretativa sobre o integralismo que, ainda que não se tenha tornado predominante, passou a ser obrigatoriamente mencionada nos principais estudos sobre o tema.⁸⁹ De acordo com o autor,

o fascismo é uma ideologia de mobilização nacional para a guerra imperialista, que se põe nas formações de capitalismo tardio, quando estes emergem na condição de elos débeis da cadeia imperialista, e o integralismo uma manifestação de regressividade nas formações de capitalismo híper-tardio, uma proposta de frenagem do desenvolvimento das forças produtivas, com um apelo ruralista, no preciso momento em que estas principiam a objetivar o “capitalismo verdadeiro”; ou ainda, numa palavra, se o fascismo é um fenômeno de expansão da fase superior do capitalismo, e o integralismo se põe como fenômeno do capitalismo nascente, a traduzir uma proposta de regressão, em país de extração colonial que emerge como formação híper-tardia do “capitalismo verdadeiro”.⁹⁰

As críticas dirigidas a Chasin concentram-se sobretudo na adoção de uma concepção excessivamente restritiva do conceito de fascismo. Embora o autor não formule explicitamente sua definição, sua abordagem aproxima-se das interpretações conservadoras, como a de Ernst Nolte, que limitam o fascismo às experiências italiana e

⁸⁹ É possível citar Jefferson Rodrigues Barbosa como outro autor de referência que segue a perspectiva inaugurada por Chasin, desvinculando o integralismo do fascismo, a partir da interpretação do fascismo como fruto do imperialismo capitalista.

⁹⁰ CHASIN, José. *O integralismo de...* Op. cit., p. 647.

alemã. Outro ponto de questionamento refere-se ao peso atribuído por Chasin aos escritos de Plínio Salgado. De acordo com o autor,

Enquanto Plínio Salgado, ao longo do tempo, reiteradamente afirma a originalidade de seu pensamento, a raiz brasileira de suas idéias e sua distinção do fascismo europeu empenhando nisto um esforço contínuo e sistemático, os autores que a ele se referem têm primado em desconhecer por completo tais argumentos, insistindo exatamente em teses diametralmente opostas; quando muito procedem como quem efetua uma óbvia desmistificação. Reduzindo, portanto, os protestos e as afirmações de Salgado a mero resultado de dissimulações táticas, jamais efetivam propriamente uma análise de seus textos, enfrentando, em decorrência, com demasiada ligeireza a questão que, assim, definha em simples maquiavelismo, não sendo efetivamente alçada à condição de problema científico.⁹¹

Embora Salgado seja o principal formulador do integralismo, não era a única liderança ou intelectual relevante, e sua posição era, inclusive, a menos radicalizada se comparada às de Gustavo Barroso ou Miguel Reale. Além disso, muitos dos argumentos de Salgado sobre sua suposta oposição ao fascismo pertencem ao período posterior à Segunda Guerra Mundial, quando o líder integralista buscava reconstruir sua imagem e se reposicionar politicamente. Assim, mesmo considerando exclusivamente os textos de Salgado, elemento que os críticos apontam como problemático, é sobretudo na década de 1930 que se observa maior aproximação entre seu discurso e elementos do fascismo europeu.

Ao focar na figura de Plínio Salgado, frequentemente interpretado como a liderança menos explicitamente fascista da AIB, torna-se evidente que suas declarações não podem ser tomadas de forma literal, sobretudo porque levariam a contradições decorrentes das mudanças de postura de discurso ao longo do tempo. Ainda assim, tais posicionamentos são relevantes na medida em que evidenciam que, durante um longo período, os elogios e mesmo a identificação do integralismo com o fascismo não constituíam um problema para os camisas-verdes. Por outro lado, em contextos nos quais a identificação com o fascismo era socialmente rejeitada, os integralistas não hesitaram em recusar tal alcunha. Nesse sentido, é importante considerar que, na década de 1930, marcada pela ascensão internacional dos regimes fascistas, a vinculação a essas experiências ou mesmo o elogio explícito a elas representava um risco significativamente menor do que em períodos posteriores.

Além da carta de Salgado para Manoel Pinto, já mencionada neste capítulo, é possível citar *O Sofrimento Universal* como uma obra em que Salgado formula extensos

⁹¹ Ibidem, p. 33-34.

elogios ao Estado fascista. Não por acaso, o livro passou a ser cada vez menos citado pelos próprios integralistas, numa tentativa de silenciar os elogios que ocupam mais de um capítulo da obra. O livro reúne textos de Salgado anteriormente publicados no jornal *A Razão*, com comentários sobre o cenário mundial e os supostos males do comunismo e do liberalismo. Ao longo do capítulo dedicado ao fascismo, Salgado o caracteriza como verdadeiramente revolucionário, pois

a sua tendencia, cada vez mais, é para attingir o Estado Integral, chegar até ao integralismo, cuja base política é o funcionamento dos syndicatos como vehiculadores da opinião e dos interesses profissionaes, que circulam no organismo vivo e dymnamico das corporações.⁹²

Além disso, Salgado elogia o fascismo por fundir o espírito do Estado Romano, restaurando, segundo ele, tradições da expansão latina e cultivando o espírito militar e hierárquico, com o mecanismo do Estado Medieval, recuperando o “senso dos deveres” e atribuindo à religião um papel fundamental na vida social. O fascismo é ainda qualificado por Salgado como democrático e revolucionário, por supostamente preservar iniciativas individuais, limitando-as apenas pelas necessidades da coletividade e do Estado, ao mesmo tempo em que estabeleceria, no campo político, uma forma de representação. Por fim, argumenta que o fascismo, enquanto doutrina de Estado, “encerra uma synthese cultural e traz comsigo a possibilidade da restauração da autoridade governamental, sem a qual nada será possível fazer, nem no interior dos paizes, nem no panorama da vida internacional”.⁹³ De maneira ainda mais evidente, ao discursar no Congresso Integralista de São Paulo, em 1933, Salgado afirmou categoricamente que

Somente o fascismo, grande força organizadora e disciplinador, poderá reerguer o Brasil. O povo Brasileiro, para melhor trabalhar por este ideal, terá que se acolher sob a bandeira da AIB. Estou certo que nossas ideias patrióticas e elevadas vingarão e crescerão e, dentro de dois anos, o fascismo estará organizado de modo a poder lançar brilhantes vitórias.⁹⁴

A análise desses documentos evidencia que a relação entre Plínio Salgado e o fascismo é muito mais complexa do que a leitura proposta por Chasin permite admitir. Mesmo sendo a liderança menos radical dentro da AIB, em comparação com Gustavo Barroso e Miguel Reale, Salgado produziu, ao longo da década de 1930, elogios diretos e sistemáticos ao fascismo italiano, chegando a reivindicar afinidades diretas entre esse

⁹² SALGADO, Plínio. *O sofrimento universal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934, p. 119.

⁹³ *Ibidem*, p. 131.

⁹⁴ *Diário de Notícias*, São Paulo, 25 abr. 1933, apud GOÉS, Maria da Conceição Pinto. *A imprensa brasileira ante o fascismo: a tomada do poder na Alemanha*. 1983, pp. 88-89.

modelo e seu próprio projeto político. Esses posicionamentos, assumidos publicamente em um contexto de ascensão internacional do fascismo, foram posteriormente minimizados ou silenciados pelos próprios integralistas, à medida que o cenário político tornou esse vínculo cada vez mais custoso. A existência dessas manifestações, no entanto, revela que a recusa posterior da etiqueta “fascista” deve ser compreendida muito mais como uma estratégia de sobrevivência política.

A interpretação de Hélió Trindade constitui o principal contraponto à leitura de Chasin. Diferentemente da tese que nega a possibilidade de classificar o integralismo como fascismo, Trindade formula uma hipótese que situa o movimento dentro do espectro fascista. De acordo com Hélió Trindade,

o Integralismo seria um movimento fascista em função da composição social dos seus aderentes; das motivações de adesão de seus militantes; do tipo de organização do movimento; do conteúdo explícito do discurso ideológico; das atitudes ideológicas de seus aderentes; enfim, do sentimento de solidariedade do movimento em relação à corrente fascista internacional.⁹⁵

Para sustentar essa hipótese, o autor reconstrói o ambiente intelectual do pós-Primeira Guerra Mundial e o papel que ele exerceu sobre a formação do pensamento de Plínio Salgado. Embora reconheça que o fascismo europeu tenha sido decisivo na definição da ideologia integralista, Trindade destaca que o movimento não pode ser desvinculado das suas raízes nacionais.

Um dos pontos centrais da análise de Trindade é a trajetória pré-integralista de Salgado. O pesquisador demonstra que, após seu rompimento com o Partido Republicano Paulista, o escritor, muito influenciado pelo movimento modernista, buscou sistematizar uma doutrina política nacional, mas que ganhou contornos decisivos durante sua viagem à Itália. Trindade avança, então, para a análise da AIB, examinando desde a composição social de seus membros, o conteúdo do discurso ideológico, o estilo organizacional e a atuação política do movimento integralista. Essa abordagem o leva a reconhecer fortes correspondências com os modelos fascistas europeus. De acordo com o autor, “a influência do fascismo europeu foi, sem dúvida, crucial na configuração da A.I.B. enquanto movimento político”.⁹⁶

Além de examinar a AIB como organização e de reconstruir a trajetória intelectual de Plínio Salgado, Trindade ampliou sua análise ao incorporar Miguel Reale e Gustavo

⁹⁵ TRINDADE, Hélió. *Integralismo: o fascismo...* Op. cit., p. 42.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 308.

Barroso, duas lideranças fundamentais para compreender o movimento. Ao investigar esses três dirigentes o autor evidencia que o integralismo não pode ser reduzido exclusivamente ao pensamento de Salgado, já que Reale expressa de maneira explícita sua adesão ao Estado fascista e Barroso leva “mais longe a pregação da solidariedade entre o Integralismo e os movimentos fascistas europeus”, chegando a considerar o integralismo parte da “mesma família ideológica”.⁹⁷ Dessa forma, Trindade oferece um retrato mais completo do que foi, de fato, o integralismo enquanto movimento político do que Chasin.

Por fim, é importante ressaltar que, em seu trabalho, Chasin realiza uma crítica da ideia de mimetismo ideológico que estaria no trabalho de Trindade, ou seja, o integralismo como uma cópia total dos fascismos europeus. No entanto, o próprio Trindade afirma explicitamente que não pretende “afirmar que o Integralismo tenha sido exclusivamente fruto de um mimetismo ideológico”, destacando que a tradição do pensamento político autoritário brasileiro também exerceu papel decisivo na formação da doutrina.⁹⁸ Para Rodrigo Oliveira, “O integralismo, visto por Trindade não é uma cópia caricata, ou um mero fascismo ‘tupiniquim’. Mais do que isso é um movimento que possui influências do fascismo, contudo mantém suas peculiares frente ao fascismo italiano, alemão etc.”.⁹⁹

A partir de tudo que foi discutido, esta pesquisa opta por seguir a perspectiva defendida por Héliog Trindade, reconhecendo o integralismo como um fascismo brasileiro. A abordagem do autor se sustenta em ampla documentação, demonstrando que a AIB compartilha elementos estruturais e ideológicos fundamentais com os fascismos europeus, sendo, alguns desses, a sua composição social, organização hierárquica, culto ao chefe, discurso antiliberal e anticomunista, além da simpatia de suas principais lideranças e grande parte de seus militantes pelo fascismo italiano. Dessa forma, Trindade oferece uma interpretação que compreende o integralismo como um movimento ancorado na realidade brasileira, mas ainda assim, fascista.

Em relação especificamente ao conceito de fascismo, a pesquisa opta, embora não se furte ao diálogo com autores como Francisco Carlos Teixeira, Leandro Konder e David Renton, por adotar Robert Paxton como principal referência para o estudo desse

⁹⁷ Ibidem, p. 282.

⁹⁸ Ibidem, p. 308.

⁹⁹ OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A evolução dos estudos sobre o integralismo. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 36, n. 1, 2010, p.124-125.

fenômeno. Paxton observa o fenômeno a partir do desenvolvimento histórico como processo, buscando identificar uma anatomia entre os movimentos fascistas. Para o autor, apesar da relevância do estudo das ideias fascistas, é sobretudo por meio da prática que se pode compreender o movimento. Dessa forma, em contraposição a outros autores que discutem o fascismo, em especial aqueles vinculados a uma corrente culturalista, preocupada com a análise do discurso, Paxton apresenta uma posição crítica em relação à formulação de uma conceituação estática do fenômeno. Conforme o autor,

As definições são inerentemente limitantes. Delineiam um quadro estático de algo que é mais bem percebido em movimento, e mostram como “estátuas inertes” [...] A procura pela definição perfeita, reduzindo o fascismo a uma sentença cada vez mais precisa, parece calar as perguntas sobre sua origem e trajetória de desenvolvimento, mais que abrir espaço para elas.¹⁰⁰

De acordo com Robert Paxton, embora exista um conjunto de características essenciais, como a mobilização das massas, o discurso e as práticas fascistas variaram conforme a necessidade, produzindo muitas vezes contradições entre aquilo que se afirmava e a atuação efetiva. Segundo Demian Melo, a partir do desenvolvimento histórico proposto por Paxton, é possível observar que “muitas ideias e convicções originais de fascistas foram abandonadas em certas fases de seu desenvolvimento, enquanto outras ideias foram incorporadas pelo caminho”.¹⁰¹ A análise histórica de Paxton o leva à formulação dos cinco estágios de desenvolvimento do fascismo, que permitem explicar também as mudanças de posicionamento dos fascistas ao longo do tempo. Esses estágios seriam: 1) a criação do movimento fascista; 2) o enraizamento no sistema político; 3) a tomada de poder; 4) o exercício do poder; e 5) a radicalização ou entropia.

Para Robert Paxton, ainda que existam intelectuais fascistas, o movimento não se apoia em um sistema filosófico complexo, como o marxismo ou o liberalismo, mas sobretudo em emoções, rituais, no sentimento de injustiça e de superioridade. De acordo com o autor, “o fascismo era uma questão mais visceral que cerebral, e um estudo de suas raízes que trate apenas de pensadores e escritores perde de vista seus impulsos mais poderosos”.¹⁰² Dessa forma, a partir da criação de um movimento fascista, são mobilizadas aquilo que o autor denomina como “paixões mobilizadoras”. Entre as

¹⁰⁰ PAXTON, Robert. *A anatomia do...* Op. cit., p. 33.

¹⁰¹ MELO, Demian. Prefácio. In: RENTON, David. *Fascismo: história e teoria*. São Paulo. Usina Editorial, 2024, p. 13.

¹⁰² PAXTON, Robert. *A anatomia do...* Op. cit., p. 81.

“paixões mobilizadoras” listadas por Paxton, estão: 1) o sentimento de uma crise catastrófica; 2) a primazia de um grupo; 3) a crença de que o próprio grupo é uma vítima; 4) o pavor da decadência do grupo; 5) a necessidade da autoridade dos líderes naturais (um chefe nacional); 6) a superioridade dos instintos desse líder sobre a razão abstrata e universal; 7) a beleza da violência e a eficácia da vontade; 8) e o direito do povo eleito de dominar os demais sem limitações de qualquer natureza.

Robert Paxton, ao mesmo tempo que evita uma delimitação imutável, busca estabelecer uma compreensão geral do fascismo. Assim, para o autor, o fascismo pode ser definido como uma forma de comportamento político marcado por uma

preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas e passa a perseguir objetivos de limpeza étnica e expansão externa por meio de uma violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza.¹⁰³

A partir da análise do fascismo proposta por Robert Paxton, torna-se possível compreender o integralismo como uma expressão brasileira desse movimento histórico. Os elementos centrais identificados por Paxton encontram paralelo direto na trajetória da AIB. Além disso, as “paixões mobilizadoras” descritas pelo autor, como o sentimento de decadência, a crença de que o grupo é vítima, o pavor da desordem, a necessidade de um chefe providencial e a valorização da ação enérgica, também estiveram presentes no discurso, na prática e foram os responsáveis por mobilizar os integralistas. Assim, com suas especificidades nacionais, o integralismo reproduziu a anatomia que caracteriza o fascismo enquanto comportamento e movimento. Dessa forma, a perspectiva de Paxton confirma a pertinência de reconhecer o integralismo como um fascismo brasileiro.

A partir das etapas de desenvolvimento do fascismo propostas por Robert Paxton, é possível ainda situar o lugar do integralismo histórico brasileiro. Observando a trajetória do movimento até a morte de Plínio Salgado, é possível afirmar que o integralismo alcançou a primeira fase, com a criação da AIB, a mobilização de massas, a construção de rituais, símbolos e o chefe nacional. Também chegou ao segundo estágio, quando disputou eleições, estabeleceu diálogo com setores conservadores, ganhou capilaridade no debate político e tentou consolidar seu espaço na sociedade. Entretanto, o movimento

¹⁰³ Ibidem, p. 378.

não avançou para a fase de “tomada do poder”. O fim da AIB, em 1937, o fracasso do golpe integralista de 1938 e a ditadura civil-militar impediram qualquer pretensão de transição do movimento para o estágio três.

A partir das concepções de Paxton, torna-se evidente que os fascistas sempre dependeram do apoio das elites conservadoras para alcançar qualquer posição de poder. Como afirma o autor, “a verdade é que, até hoje, nenhuma insurreição golpista contra um Estado estabelecido levou fascistas ao poder”.¹⁰⁴ Em todas as experiências históricas, o êxito fascista ocorreu somente quando essas elites decidiram apoiar o movimento. A AIB manteve boas relações com setores das elites, recebendo incentivos financeiros e apoio político de grupos preocupados com o avanço da esquerda. Porém, quando chegou o momento de definir suas apostas, as elites brasileiras optaram por Getúlio Vargas, em 1937, e mais tarde, pela ditadura civil-militar instaurada a partir do golpe de 1964.

¹⁰⁴ Ibidem, p. 176.

Capítulo 2- NEOINTEGRALISMO E O NEOFASCISMO: ENTRE HERANÇAS E DISPUTAS

No imaginário público o integralismo brasileiro é frequentemente compreendido como um fenômeno encerrado com o fim da AIB ou com a morte de Plínio Salgado, em 1975. Essa percepção equivocada tende a tratar o integralismo como um episódio histórico sem desdobramentos posteriores. No entanto, tal leitura, que tem sido cada vez menos difundida graças ao trabalho de pesquisadores do tema, invisibiliza os processos de permanência e disputa em torno do integralismo, que se manifestam principalmente a partir do fim do século XX.

A análise do neointegralismo exige atenção às disputas em torno da herança do integralismo clássico, uma vez que o movimento se fragmenta em diferentes grupos que reivindicam e disputam o legado de Plínio Salgado. Essas disputas envolvem desde a escolha de lideranças, estratégias de atuação e formas de interpretar a doutrina integralista em um novo contexto brasileiro muitas vezes hostil ao autoritarismo, ao fascismo e ao próprio integralismo brasileiro.

Ao examinar o neointegralismo brasileiro, este capítulo busca compreender o impacto da morte de Plínio Salgado para o integralismo, a sua sobrevivência em um contexto de crise e os conflitos constantes dada a sua fragmentação. Dessa forma, ao apresentar a trajetória do neointegralismo, conceito que desenvolveremos neste capítulo, destacaremos a sua relevância para a compressão do tema central dessa dissertação: a Frente Integralista Brasileira (FIB).

2.1- O Conceito de Neointegralismo: definições e usos

A morte de Plínio Salgado representou um profundo desafio para o integralismo, uma vez que os camisas-verdes perderam não apenas o fundador do movimento, mas também seu principal teórico, estrategista e líder político. Reconhecido por diferentes correntes e gerações de militantes, Salgado era a única liderança capaz de articular as distintas perspectivas teóricas e divergências sobre a forma ideal de atuação no interior do movimento. Até a sua morte, todo o movimento dos camisas-verdes girava em torno de suas decisões e orientações, sua ausência evidenciou a inexistência entre os integralistas de uma liderança dotada de legitimidade e consenso suficientes para sucedê-lo de maneira unânime.

É importante destacar que, apesar de o integralismo ter assumido diferentes configurações ao longo de sua trajetória histórica, a centralidade do papel desempenhado por Plínio Salgado constituiu uma característica constante entre os seus militantes. Essa centralidade pode ser observada tanto no período denominado “revolucionário” e eleitoral da AIB, quanto durante a ilegalidade do Estado Novo e o autoexílio de Salgado em Portugal, bem como no pós-guerra, com a criação do PRP, e no contexto de repressão da ditadura civil-militar.

A partida de Plínio Salgado para as “milícias do além” deixou em aberto o futuro do integralismo e a definição do cargo de chefe nacional do movimento.¹⁰⁵ Embora em plena ditadura civil-militar o integralismo encontrava-se em um período de baixa visibilidade e atuação política, o movimento ainda contava com uma base militante fiel e potencialmente mobilizável. Essa base poderia conferir considerável capital àquele que viesse a ser reconhecido como nova liderança integralista. Entretanto, no momento da morte de Salgado, os militantes integralistas possuíam diferentes trajetórias e objetivos dentro do movimento. Essas distintas formações variavam, desde o militante que se interessou pelo integralismo a partir do fascismo, quanto do militante do PRP que buscava uma vida partidária. Essas diferentes perspectivas implicavam em visões divergentes, e muitas vezes conflitantes, acerca do futuro do integralismo.

De modo geral, é possível identificar a existência de duas correntes de atuação principais defendidas entre os militantes integralistas. A primeira, que acreditava que o futuro do integralismo residia em uma atuação não político-institucional, voltada para a rememoração, o estudo e a exaltação da memória de Plínio Salgado e do integralismo brasileiro. Essa corrente foi responsável pela criação de “lugares de memória integralista”, como a Casa Plínio Salgado (CPS). A segunda corrente acreditava na necessidade de um integralismo atuante por meio de organizações próprias, incluindo a recriação de siglas históricas, como a AIB. Entre os integrantes dessa corrente, existiam ainda aqueles que, a partir do processo de abertura política, defendiam a atuação institucional em um nível ainda mais elevado, incluindo a criação de partidos políticos integralistas.

No que diz respeito à disputa pela liderança do sigma, tanto figuras históricas do integralismo, quanto novas lideranças buscaram ocupar o espaço deixado por Plínio Salgado. Embora nenhuma tenha alcançado de forma definitiva esse objetivo, suas

¹⁰⁵ FAGUNDES, Pedro Ernesto. Morte e memória: a necrofilia política da Ação Integralista Brasileira (AIB). *Varia História*, vol. 28, nº. 48, jun./dez. 2012, p. 898.

trajetórias influenciaram os rumos do integralismo, suas redes de relações com outros grupos da extrema-direita, os discursos defendidos ou reinterpretados pelo movimento e a própria percepção pública do integralismo. Entre essas lideranças, destacam-se Carmela Salgado, Anésio Lara e Marcelo Mendez.

Antes de avançar nesta trajetória, torna-se necessário, para os propósitos desta pesquisa, justificar o uso do conceito de neointegralismo, explicitando o sentido atribuído a este. Uma análise do estado da arte sobre o tema foi desenvolvida de maneira mais sistemática por Odilon Caldeira Neto.¹⁰⁶ Ainda assim, alguns aspectos merecem ser retomados, assim como se faz pertinente observar de que maneira trabalhos mais recentes, especificamente aqueles voltados para o estudo da FIB, tem empregado esse conceito.

Além disso, apesar de o conceito de neointegralismo estar se consolidando progressivamente como hegemônico no âmbito acadêmico, ainda que persistam divergências pontuais entre os autores, como no caso de Natália Cruz e Odilon Neto, há pesquisadores que optam por empregar a noção de integralismo contemporâneo, como é o caso de Jefferson Rodrigues Barbosa. Em um primeiro momento, Barbosa recorreu ao conceito de neointegralismo em suas produções, adotando como referência a definição proposta por Natália Cruz. Posteriormente, contudo, o autor abandonou essa nomenclatura, passando a utilizar o termo “integralismo contemporâneo”. Segundo o autor,

O que está sendo colocada em pauta nas últimas décadas de forma polêmica entre os militantes é novamente o retorno a um movimento de dimensões nacionais, centralizado que agregue as tendências integralistas em atuação. Assim, compreende-se aqui que não existe um neointegralismo. Existe um integralismo contemporâneo ativo e organizado, porém dividido, que apresenta divergências entre suas lideranças sobre continuar com as pretensões de firmar um movimento político cultural sem fins eleitorais ou voltar a ser um partido político com pretensões de institucionalização e disputas eleitorais.¹⁰⁷

A opção pela utilização do termo “integralismo contemporâneo” em detrimento de neointegralismo se explica a partir de alguns fatores. Segundo o autor, a adoção do prefixo “neo” sugeriria um fenômeno político novo ou descontínuo em relação ao integralismo histórico. De acordo com Jefferson Barbosa, “o integralismo não experimentou nenhum momento de ostracismo e os seguidores de Plínio Salgado nunca deixaram de divulgar seus pressupostos ideológicos, desde sua propagação inicial

¹⁰⁶ CALDEIRA NETO, Odilon. Neointegralismo: do debate historiográfico a uma possível definição. *L'Ordinaire des Amériques*, n. 226, 2021.

¹⁰⁷ BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Intelectuais do Sigma e o integralismo contemporâneo – os herdeiros de Plínio Salgado. *Boletim Tempo Presente* (UFRJ), n. 4, 2013, p. 6-7.

enquanto proposta política”.¹⁰⁸ Dessa forma, segundo o autor, a noção de neointegralismo seria inadequada por mascarar essa continuidade histórica. Em seu lugar, o autor propõe a utilização da expressão “integralismo contemporâneo”, que permitiria delimitar o objeto de estudo sem sugerir ruptura, novidade ou reinvenção da ideologia do sigma, passando uma ideia de continuidade.

O conceito de neointegralismo foi utilizado pela primeira vez pelos próprios integralistas. Em um contexto de afastamento do PRP da estética fascista da AIB, surgiram iniciativas individuais de criação de grupos integralistas resgatando os elementos visuais da própria AIB, sem a aprovação de Plínio Salgado. Esses grupos dissidentes foram denominados como neo integralistas, em um tom pejorativo que sinalizava a ideia de “não integralistas”.¹⁰⁹

No entanto, foi Natália dos Reis Cruz a primeira a tratar academicamente o integralismo contemporâneo como neointegralismo. Para a autora, os neointegralistas buscam “reativar as ideias, concepções de mundo e de organização da sociedade do antigo movimento integralista, enfatizando a hierarquia, a desigualdade e os preconceitos raciais e sociais, amparados nos valores morais e cristãos”.¹¹⁰ Apesar da importância do trabalho da pesquisadora, algumas críticas à conceituação de Natália Cruz estão relacionadas à escolha por não estabelecer um fator detonador ou marco temporal preciso para o surgimento do neointegralismo. Além disso, Natália Cruz opta por trabalhar com o movimento neointegralista de forma ampla, não enfatizando necessariamente as particularidades dos diferentes grupos neointegralistas, como a MIL-B e a FIB. Esses grupos, no entanto, têm características próprias e trabalham questões como o antissemitismo e a atuação nas redes de maneira divergente, fato que justifica uma análise mais individualizada.

Márcia Carneiro também se utiliza o termo neointegralismo em suas análises, porém sem necessariamente lhe atribuir uma definição conceitual rígida. Seu trabalho é focado principalmente nos processos de reconstrução da memória integralista ao longo da história. Para dar conta dessas transformações, Carneiro adota uma perspectiva geracional, por meio da qual divide a trajetória do integralismo em quatro gerações: a

¹⁰⁸ _____. *Ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012, p. 39.

¹⁰⁹ Apesar do conceito de neointegralismo ser alvo de críticas pela FIB, o termo ainda é considerado válido se utilizado nesse sentido para classificar outros grupos neointegralistas, como o Movimento Integralista Linearista Brasileiro (MIL-B),

¹¹⁰ CRUZ, Natália dos Reis. A ideologia do Sigma hoje: neointegralismo, intolerância e memória. *História: Questões & Debates*, Curitiba, nº 46, 2007, p. 114.

primeira, composta pelos militantes da AIB; a segunda, formada pelos integralistas vinculados ao PRP; a terceira, correspondente aos integralistas atuantes após a morte de Plínio Salgado, a partir de 1975; e a quarta, “a de grupos que se formam independentes, a partir de janeiro de 2005, e que particularizam as suas interpretações, assimilações e divulgação doutrinária, concorrendo entre si pela posse do verdadeiro conhecimento da Doutrina do Sigma”.¹¹¹ Ainda que a autora se refira ao conceito de neointegralismo, a ausência de uma definição precisa faz com que o termo funcione mais como uma indicação sobre a possibilidade de se pensar o conceito de neointegralismo, a partir da divisão geracional proposta pela autora.

Odilon Caldeira Neto, por sua vez, discorda da interpretação de Jefferson Barbosa segundo a qual o uso do prefixo “neo” indicaria o surgimento de uma ideologia política nova. Para o autor, os grupos neointegralistas mantêm de forma indiscutível uma forte permanência doutrinária, o que inviabiliza a leitura do neointegralismo como uma formulação ideológica inédita. Ainda assim, Neto argumenta que não é possível tratar o fenômeno simplesmente como um “integralismo contemporâneo”. Em sua perspectiva, o neointegralismo deve ser compreendido como uma articulação entre três dimensões fundamentais: “o integralismo dos anos 1930, a atuação integralista na atualidade e a visão de mundo e estratégias típicas do neofascismo em escala internacional”.¹¹²

Diferente de outros autores, que optam por não identificar um fator detonador, Neto aponta como decisivo nessa definição a morte de Plínio Salgado, em 1975. A partir desse momento, embora os diferentes grupos neointegralistas concordem quanto à reverência à figura de Plínio Salgado, o integralismo deixa de contar com uma liderança centralizada e passa a se expressar por meio de múltiplas siglas e militantes. Esses grupos divergem entre si, tanto nas leituras da doutrina, quanto na incorporação de novas práticas e estratégias de atuação política. Nesse sentido, o autor destaca que o neointegralismo se constitui como um campo fragmentado e conflituoso, marcado por disputas internas e interpretações concorrentes do legado integralista. Segundo Leandro Gonçalves e Odilon Caldeira Neto, “o neointegralismo é caracterizado pela ausência e pela disputa, isto é, a ausência de Plínio Salgado, o grande líder e a encarnação da doutrina integralista, e a disputa, resultado imediato desse espaço vazio que surgiu com a ausência do líder”.¹¹³

¹¹¹ CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Uma velha novidade: o integralismo no século XXI. *Boletim do Tempo Presente*, [S. l.], n. 3, 2015. p. 2.

¹¹² CALDEIRA NETO, Odilon. Neointegralismo: do debate... Op. cit., p. 16.

¹¹³ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes*... Op. cit., p. 116.

O conceito de neointegralismo, portanto, permite compreender o integralismo após a morte de Plínio Salgado como um conjunto de experiências múltiplas, atravessadas por conflitos, disputas de memória e adaptações ao tempo presente. Dessa forma, segundo Odilon Caldeira Neto,

o neointegralismo (...), pode ser compreendido não como um neologismo fruto de mediação ou de possíveis modismos acadêmicos, mas a tentativa de construir ou aplicar um termo que implica a inteligibilidade de um fenômeno mais complexo e conflituoso. O integralismo após Plínio Salgado é não somente um integralismo contemporâneo, senão várias linhas organizacionais interpretativas, conflitantes entre si e nelas próprias.¹¹⁴

Essa conceituação é defendida nesta pesquisa, pois possibilita identificar um marco temporal claro e reconhecer as especificidades de cada grupo, sem cair na tentação de classificá-los como novas ideologias. Ao contrário, enfatiza a pluralidade de interpretações da doutrina e de formas de atuação que caracterizam o neointegralismo no período posterior a 1975, sem perder de vista a análise da visão de mundo neofascista desses grupos.

No que diz respeito aos trabalhos mais recentes que mencionam especificamente a FIB, ainda que também abordem outros grupos neointegralistas, destacam-se as pesquisas desenvolvidas por Tainá Agostinho Cardoso¹¹⁵ e Laís Zacharski de Oliva¹¹⁶. Ambas foram realizadas no âmbito de programas de pós-graduação que não pertencem especificamente à área de História, o que evidencia o caráter interdisciplinar do tema. A pesquisa de Tainá Cardoso parte da identificação e da análise dos “projetos de nação” formulados pelos grupos neointegralistas, buscando observar, tanto as diferenças existentes entre esses projetos, quanto as distinções em relação à AIB. Já Laís Oliva dedica-se a investigar as concepções defendidas pelo neointegralismo no que se refere à organização da sociedade e, a partir dessa análise, examina as propostas educacionais elaboradas pelos principais grupos neointegralistas. Embora Oliva e Cardoso não realizem um debate aprofundado sobre o conceito de neointegralismo, optando por

¹¹⁴ CALDEIRA NETO, Odilon. Integralismo contemporâneo ou Neointegralismo? Sobre a viabilidade e possibilidades de uma definição. In.: BOHOSLAVSKY, Ernesto; ECHEVERRÍA, Olga (eds.). *Las derechas en el cono sur, siglo XX*. Actas del quinto taller de discusión, Los Polvorines, 2014, p. 108.

¹¹⁵ CARDOSO, Tainá Agostinho. *O neointegralismo entre as permanências e atualizações de um “projeto” de nação*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico), Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2022

¹¹⁶ OLIVA, Laís Charski de. *Os novos contornos do sigma: neointegralismo e projeto de sociedade e educação no Brasil do século XXI*. 2023. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

privilegiar a análise da trajetória histórica dos grupos, ambas se posicionam a partir da definição proposta por Odilon Caldeira Neto.

2.2- Carmela Salgado e a preservação da memória integralista

A morte de Plínio Salgado, em 1975, ocorreu em um período de transição da ditadura. Os “anos de chumbo” começavam a ficar para trás, especialmente após o fim do governo Médici, e o regime, sob a presidência de Ernesto Geisel, passava a suavizar o seu discurso. Ainda assim, os aparelhos de controle do Estado continuavam operando de forma repressiva e violenta, o que limitava a reorganização de grupos e movimentos políticos.¹¹⁷ Nesse contexto, mesmo o integralismo, um movimento com pouco atrito com a ditadura, enfrentava dificuldades para se estruturar e atuar de forma mais ativa.

Apesar disso, em um primeiro momento, após a morte do grande líder, algumas tentativas de reorganização dos camisas-verdes podem ser citadas, como o jornal Renovação Nacional e o grupo Cruzada de Renovação Nacional, idealizado por Jader Madeiros,¹¹⁸ a criação do Movimento Popular de Apoio à Fundação Plínio Salgado (MPAPS), no Maranhão, e a Associação Cívico-Cultural Minuano, no Rio Grande do Sul. Essas iniciativas tiveram pouca adesão entre os neointegralistas, apresentando uma atuação predominantemente local. De acordo com Cruz,

Não havia uma unidade, assim como não havia uma liderança que definia em qual grupo os integralistas deveriam exercer a militância. Vários grupos concordavam que o integralismo era o caminho, mas eles não conseguiam concordar em como trilhar esse caminho.¹¹⁹

Após a morte de Plínio Salgado, a primeira liderança a despontar como uma possível sucessora foi Carmela Patti Salgado, viúva do líder integralista. Em um momento sem lideranças, a escolha de uma personalidade com laços diretos com Plínio Salgado, fazia sentido para os militantes. Carmela Salgado acreditava em um movimento neointegralista focado no estudo da doutrina do sigma e na exaltação da memória de Plínio Salgado.

A primeira organização neointegralista organizada pela viúva nesse período foi a Associação Brasileira de Estudos de Plínio Salgado (ABEPS), em 1976. A ABEPS foi

¹¹⁷ ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil Nunca...* Op. cit.

¹¹⁸ Jader Madeiros foi um integralista com bastante relevância dentro do movimento, tendo uma forte atuação local e participando da criação de diferentes grupos integralistas.

¹¹⁹ CRUZ, Natália dos Reis. *A Ideologia do Sigma...* Op. cit., p. 114.

criada com o objetivo de ser um grupo de transição para a criação de um grupo maior, a Fundação Plínio Salgado. No entanto, segundo Odilon Neto e Leandro Gonçalves, a ABEPS, na prática, “foi uma entidade que serviu para reunir os integralistas que se convalesciam da perda de seu líder. De fato, as reuniões do grupo não eram frequentes e serviam mais para congregar os militantes remanescentes do que para propor uma atividade política concreta”.¹²⁰

Carmela Salgado foi a responsável por refundar, também, a Associação Brasileira de Cultura (ABC), em 1980. A ABC possuía um papel mais relevante do que ABEPS, servindo como uma organização de transição para um grupo verdadeiramente importante para a trajetória neointegralista: a Casa Plínio Salgado (CPS).

Com o processo de abertura política a partir de 1979, a eleição de João Figueiredo e a promulgação da Lei da Anistia, uma nova questão passou a preocupar os neointegralistas: a baixa receptividade da sociedade a movimentos de caráter autoritário. Embora o neointegralismo se encontrasse, em teoria, em um contexto de maior liberdade política para difundir sua ideologia e recrutar militantes, enfrentava simultaneamente um cenário marcado pelo fortalecimento dos movimentos sociais em prol da democracia e da liberdade. Como mencionado anteriormente, a década de 1970 foi marcada pela luta a favor da anistia, que era constantemente abordada pelos movimentos sociais como elemento central dos debates. De acordo com Lucas Pedretti, “com as mudanças de conjuntura que acompanharam a abertura ‘lenta, gradual e segura’, novos atores sociais e políticos passaram a encampar a luta pela medida [...]”.¹²¹ Pedretti ainda aponta a forma como este período, marcado pela promulgação da Lei da Anistia, surge como um ponto importante no processo de mobilização dos movimentos sociais para a inserção do vocabulário dos direitos humanos para enquadrar as violências e violações às liberdades individuais promovidas pelo governo ditatorial.¹²²

Convém recordar que o integralismo manteve vínculos significativos, tanto com o golpe do Estado Novo, por meio do episódio do Plano Cohen, quanto com o golpe de 1964, ao qual ofereceu apoio por meio de manifestações públicas e discursos fortemente direcionados contra o governo de João Goulart, além da fracassada intentona integralista. Nesse contexto, o principal desafio do neointegralismo consistia em garantir sua

¹²⁰ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes...* Op. cit., p. 119.

¹²¹ LIMA, Lucas Pedretti. *As fronteiras da violência política: Movimentos sociais, militares e as representações sobre a ditadura militar (1970-1988)*. 2022. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 159.

¹²² Ibidem.

sobrevivência em um ambiente político em transformação, sem abdicar da ideologia integralista, ao mesmo tempo em que precisava redefinir seus rumos, agora sem a orientação de Plínio Salgado, e buscar a formação de novas lideranças hegemônicas no interior do movimento.

O período da redemocratização constituiu um momento em que o neointegralismo encontrou reduzido espaço no contexto social brasileiro para a circulação de suas narrativas e para a legitimação pública de suas memórias. Ainda que esta pesquisa não tenha como eixo central os debates teóricos sobre memória, algumas categorias analíticas formuladas por pesquisadores como Michael Pollak e Pierre Nora contribuem para a compreensão das estratégias e dificuldades enfrentadas pelo movimento neointegralista e seus militantes nesse contexto específico. O conceito de "memória subterrânea", proposto por Pollak, auxilia na interpretação da posição ocupada pelas narrativas neointegralistas durante esse período.¹²³ Embora frequentemente utilizado para o estudo de grupos vítimas de opressão e perseguição, “as lembranças submersas não dizem respeito apenas aos grupos dominados e oprimidos”.¹²⁴

A “memória subterrânea”, caracteriza-se pelo convívio conflituoso com a memória hegemônica e coletiva, descrevendo memórias mantidas por grupos não hegemônicos, que permanecem marginalizadas em relação ao discurso oficial. No contexto de transição democrática, as narrativas e a memória neointegralista encontravam-se nessa condição, marcadas pela baixa aceitação social e pela rejeição política ao passado autoritário e fascista do integralismo. Segundo Gonçalves e Neto,

Em um período de transição democrática, o integralismo era, com razão, reconhecido como uma das principais expressões da extrema direita brasileira. Ser integralista não era apenas um ato de interesse político como qualquer outro, e sim a persistência de uma atuação antidemocrática em um período em que a democracia era muito valorizada.¹²⁵

É possível identificar no interior do neointegralismo a presença do que pode ser compreendido como uma “memória envergonhada”. Os militantes demonstravam dificuldade em lidar com aspectos do passado do movimento, como os textos antisemitas de Gustavo Barroso, os elogios ao Estado fascista formulados por Miguel Reale, ou o

¹²³ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

¹²⁴ AMOROSO, Mauro. Por entre margens e lugares: sobre a materialidade da memória dos moradores de favelas. In: GONÇALVES, Rafael Soares, AMOROSO, Mauro & BRUM, Mario (orgs.). *Pensando as favelas cariocas: memória e outras abordagens teóricas*. Rio de Janeiro: PALLAS, 2022, p.130

¹²⁵ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes...* Op. cit., p. 116.

apoio de Plínio Salgado aos golpes de 1937 e de 1964. Nesse contexto, a ausência de uma liderança capaz de enfrentar essas contradições dificultava a reelaboração de uma narrativa que tornasse o passado integralista socialmente mais aceitável no novo contexto político, marcado pela redemocratização e pela luta dos movimentos sociais, tanto para a sociedade, quanto para os próprios militantes. Como observa Pollak, “as preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória”.¹²⁶ Nesse sentido, a criação da Casa Plínio Salgado (CPS) desempenhou um papel fundamental para o neointegralismo.

Fundada pelos militantes Pedro Baptista Carvalho e José Baptista Carvalho, com o apoio de Carmela Salgado e Rui Arruda Camargo, em 10 de outubro de 1981, na cidade de São Paulo, ao longo da década de 1980, a CPS desempenhou uma atuação relevante na socialização de militantes integralistas de diferentes gerações e na articulação do neointegralismo com outros movimentos da direita brasileira. Segundo Márcia Carneiro, “a ideia partiu de ex-águias brancas que pretendiam, além de formar um acervo importante das obras do integralismo, principalmente de Salgado, organizar um grupo de estudos e discussões sobre o movimento”.¹²⁷ A CPS exerceu uma função central para o neointegralismo ao possibilitar, também, a preservação e a transmissão da memória integralista. A partir da análise de sua atuação, é possível afirmar que a CPS cumpriu o papel de um “lugar de memória” neointegralista.

De acordo com Pierre Nora, os lugares de memória “são lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos”.¹²⁸ A CPS constituiu-se como um espaço carregado de forte simbolismo e dotado de uma função de (re)construir e manter vivas a memória do integralismo e a figura de Plínio Salgado. O espaço era frequentemente mobilizado para a realização de debates e eventos comemorativos, possibilitando a formação de redes de sociabilidade entre militantes. Segundo Caldeira Neto,

A CPS viria a ser um local de comemoração da memória militante, dotada de arquivo e biblioteca próprios, mas que funcionaria também como ponto de encontro e articulação política entre antigos e novos militantes. Embora a via institucional não fosse a razão de ser da CPS (o que, em tese, exprimiria a sobrepujança da ala contrária à institucionalização neointegralista), a

¹²⁶ POLLAK, Michael. Memória e identidade... Op. cit.

¹²⁷ CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do sigma ao sigma*: entre a anta, a águia, o leão e o galo. A construção de memórias integralistas. 2007. 424f. Tese (Doutorado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007, p. 150.

¹²⁸ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 27.

existência de um lugar da memória integralista possibilitou a construção de uma rede de sociabilidade, interesses e movimentações políticas.¹²⁹

Carmela Salgado faleceu em 1989 e, apesar de nunca ter conseguido alcançar a posição de liderança de seu marido ou unificar os diversos grupos neointegralistas, através da CPS conseguiu reunir militantes de diferentes gerações e variadas perspectivas em um local de socialização e diálogo militante.

2.3- Anésio Lara: as tentativas de institucionalização e a radicalização do movimento neointegralista

Apesar de ser reconhecido como um local de rememoração do integralismo e da memória de Plínio Salgado, frequentavam a CPS, da mesma forma, muitos militantes neointegralistas que reivindicavam uma atuação política mais ativa e marcante para o movimento como um todo. Deste modo, o local passou a servir, também, como berço para a criação de diferentes grupos neointegralistas. Nesse contexto, é possível citar a figura de Anésio Lara Campos Junior (Figura 1), meio-irmão do político de esquerda, Eduardo Matarazzo Suplicy, como um importante defensor de uma atuação política mais ávida e relevante para o neointegralismo brasileiro.

Anésio Lara foi um militante histórico integralista, tendo iniciado seu ativismo a partir do PRP e com atuação de relevância dentro da CPS. Anésio Lara buscou, dentro do espectro da extrema-direita, criar diversos grupos que acabaram não conseguindo alcançar grande sucesso, como a Ação Nacionalista Brasileira e a Liga Eleitoral Católica. A Ação Nacionalista Brasileira não conseguiu alcançar maior êxito, porém, demonstrou a busca de Anésio Lara por uma atuação mais ativa e institucional para o neointegralismo e o colocou em evidência como uma possível figura de liderança para o movimento dos camisas-verdes. Assim, Anésio Lara foi um dos principais responsáveis pela recriação da Ação Integralista Brasileira (AIB).

¹²⁹ CALDEIRA NETO, Odilon. Neointegralismo: do debate historiográfico a uma possível definição. *L'Ordinaire des Amériques*, n. 226, 2021, p. 4.

Figura 1: Anésio Lara



Disponível em: @Igrejalinear. *Anésio Lara*. 28 ago. 2024 <https://x.com/i/status/1828860232447001025>. Acesso em: 02 de jan. 2026.

Apesar do tempo passado, a AIB ainda se configurava como a principal organização integralista da história do movimento, sendo alvo de disputas e inúmeras tentativas de recriação ao longo da história integralismo. Uma das principais tentativas de refundar a AIB ocorreu em 1979, por meio da movimentação dos militantes Gurmeciando Dórea, Holanda Cunha e Walter Povoleri. Contudo, apesar dos esforços, a tentativa mostrou-se frustrada e acabou por não obter o sucesso desejado. Segundo Odilon Caldeira Neto,

Após o fracasso da Ação Nacionalista Brasileira, no ano de 1985, Anésio de Lara Campos Júnior formaliza a tentativa de retomada da Ação Integralista Brasileira, registrando a nova AIB em seu nome. No contexto de redemocratização da política brasileira, Anésio Lara busca articular a nova AIB em conjunto com alguns agrupamentos da extrema-direita então existentes no Brasil. Um destas organizações que mantiveram relações com a AIB de 1985, foi o Partido de Ação Nacionalista (PAN) que, de acordo com René Dreifuss, tinha como presidente Rômulo Augusto Romero Fontes e Antônio Carlos Meirelles no cargo de secretário geral.¹³⁰

Dentre essas organizações que mantiveram contato direto com a AIB, é possível citar o Partido de Ação Nacionalista (PAN), presidido por Rômulo Augusto Romero Fontes e que tinha como secretário-geral Antônio Carlos Meirelles, uma das lideranças

¹³⁰ CALDEIRA NETO, Odilon. *Sob o signo do Sigma: integralismo, neointegralismo e antissemitismo*. Maringá: Ed. UEM, 2014, p. 78.

da nova AIB. O PAN não era exclusivamente neointegralista, mas buscou atrair neointegralistas para sua estrutura partidária, tecendo críticas principalmente contra a atuação memorialista da Casa Plínio Salgado e reivindicando uma ação mais concreta para o movimento.¹³¹

A nova AIB conseguiu aglutinar alguns militantes históricos do integralismo, como Jader Madeiros, ao mesmo tempo que tinha uma forte preocupação em rejuvenescer a militância através da divulgação da doutrina em ambientes escolares e grupos *skinheads*. Em relação à estética e simbologias da AIB clássica, não houve consenso acerca da utilização de todos os elementos, como as tradicionais camisas verdes que, segundo alguns militantes, poderiam intensificar as comparações com os fascismos europeus. De modo geral, o neointegralismo buscava, e ainda busca, evitar ser identificado como um movimento fascista pela sociedade, mesmo que esses elementos ainda pudessem ser observados, procurando distanciar-se das conotações negativas associadas ao fascismo histórico em um período de busca por democracia e valorização dos ideais ligados aos direitos humanos.

Ao longo de sua trajetória, Anésio Lara disputou politicamente o controle e os rumos da nova AIB, sobretudo com essas correntes mais jovens que ingressaram no neointegralismo. Esses quadros acreditavam que o futuro do integralismo residia na disseminação de suas ideias em ambientes de formação de jovens, como escolas e universidades, disputando espaços com movimentos de esquerda. Em contrapartida, Anésio Lara defendia que o futuro do integralismo estava na arena partidária, chegando inclusive a manifestar a intenção de lançar um candidato integralista nas eleições de 1989.

A partir de 1985, com o processo de democratização e a aprovação da Lei Orgânica dos Partidos, que extinguiu o bipartidarismo da ARENA e do MDB e restabeleceu o pluripartidarismo, houve a liberação para a criação de partidos políticos. Dessa forma, a possibilidade de formação de um partido integralista passou a ser considerada de maneira concreta. Em um contexto marcado por uma “direita envergonhada”, diversos grupos mais radicais acreditavam que poderiam assumir um papel relevante, ocupando posições de destaque em um campo político relativamente esvaziado. Ainda assim, essa iniciativa não encontrava consenso entre os neointegralistas e era vista com ressalva por muitos que aspiravam à liderança do movimento.

¹³¹ DREIFUSS, René Armand. *O jogo da Direita*. Petrópolis: Vozes, 1989.

De acordo com a reportagem do jornal *Folha de São Paulo*, a própria Carmela Salgado se posicionava contra à ideia de criação de um partido neointegralista, defendendo que o movimento possuía “amigos” em todos os partidos políticos, inclusive no Partido do Desenvolvimento Democrático Brasileiro (PMDB) e no Partido dos Trabalhadores (PT).¹³² Assim, para lideranças como a de Carmela Salgado, a criação de um partido político integralista não traria benefícios ao movimento, que deveria focar na rememoração da figura de Plínio Salgado e do integralismo histórico.

Apesar disso, uma iniciativa vinculada à criação de um partido político merece destaque: o Partido de Ação Integralista (PAI). Diferente do PAN, o PAI poderia ser classificado como a tentativa de criação de um partido exclusivamente integralista. A tentativa de criação do PAI contou com o apoio de importantes militantes neointegralistas, entre eles Jader Madeiros. No entanto, as divergências internas do movimento, sobretudo entre aqueles que se opunham à formação de um partido integralista, impediram que a legenda partidária se consolidasse.

Além das divergências na forma de atuação da nova AIB, Anésio Lara defendia que o neointegralismo deveria estabelecer relações mais próximas com diversos grupos da extrema-direita brasileira, como os *skinheads* e grupos neonazistas, posição contestada por muitos neointegralistas. Anésio Lara mantinha contatos com grupos neonazistas e possuía uma relação particularmente próxima com o grupo *skinhead* “Carecas do Subúrbio”, considerado o principal do país.

Segundo Marcia Costa, os *Carecas do Subúrbio* surgiram como uma dissidência do movimento punk e construíram sua própria organização.¹³³ Em diversos momentos, o grupo estabeleceu alianças com outras organizações da extrema direita, como neointegralistas e neonazistas, atuando inclusive como força de segurança desses agrupamentos. Esses grupos *skinheads* se apresentavam por meio de um discurso conservador e nacionalista, com ideais a favor da “família tradicional”, falas contra a comunidade LGBTQIAPN+ e anticomunista. Ainda de acordo com Marcia Costa, embora não tenha ocorrido um movimento completo de aderência dos *Carecas do Subúrbio* ao neointegralismo, evidenciando, inclusive, uma resistência desses grupos a serem cooptados completamente por outros grupos da extrema-direita, é evidente que, em

¹³² NATALI, João Batista. Integralistas tem tímido "lobby" para a constituinte. *Folha de São Paulo*, 21 dez 1986, p. 5.

¹³³ COSTA, Márcia Regina da. *Os Carecas do Subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. São Paulo: Musa Editora, São Paulo, 1992.

diversos momentos, eles atuaram como uma milícia da nova AIB, fazendo um papel de segurança em reuniões e manifestações do grupo.

De acordo com Jefferson Barbosa, Anésio Lara não era bem visto pelas correntes mais jovens da AIB, assim como por nomes históricos ligados a Plínio Salgado, principalmente sua família.¹³⁴ Para esses críticos, Anésio Lara tinha usurpado a principal sigla do movimento ao registrar a nova AIB, legalmente em cartório, sem a anuência de nomes importantes do neointegralismo, como Carmela Salgado. Esse movimento, sem dúvidas, punha Anésio Lara em uma posição de destaque entre as lideranças que disputavam o controle do sigma.

A morte de Plínio Salgado determinou a possibilidade de uma disputa explícita e forjamentos de lideranças dos neointegralistas e acarretou consigo o aumento da necessidade de existência de laços históricos dessas prováveis lideranças e movimentos com as organizações e personalidades integralistas mais antigas. E, no caso dessa militância mais antigas dos integralismos, que era constituída desde ex-perrepistas, ex-águias-brancas e até ex-camisas-verdes, a mais significativa figura, sem dúvidas, era a da esposa do ‘chefe nacional’, além de sua filha e de militante mais próximos.¹³⁵

Além disso, Anésio Lara projetava-se como uma das principais lideranças do neofascismo brasileiro, condição que se tornou incômoda para parcela significativa dos neointegralistas da AIB. Neste contexto de crescentes críticas e escândalos relacionados a sua atuação, em 1989, articulou-se no interior da AIB um movimento em favor de sua expulsão, quando ainda ocupava o cargo de vice-presidente da organização. O episódio teria sido motivado por sua participação, trajando a camisa-verde integralista, em um evento que homenageava Adolf Hitler e sua trajetória, a partir principalmente de teorias antissemitas, como a da negação do holocausto. O evento teve como resultado a exposição definitiva da relação de Anésio Lara, e por tabela do neointegralismo, com o neonazismo brasileiro, representado principalmente pelo Partido Nacional Socialista Brasileiro (PNSB), fundado pelo neonazista Armando Zanine.¹³⁶

A relação da nova AIB com o neonazismo e com o antissemitismo era um tema malvisto por boa parte dos neointegralistas, pois dificultava a tarefa de desvincular a imagem do integralismo à um movimento fascista. A atuação de Anésio Lara na AIB buscava consolidar um neointegralismo antissemita e radical; sua relação com grupos neonazistas e *skinheads* foi responsável por reviver, na memória da sociedade, o caráter

¹³⁴ BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Ideologia autocrática chauvinista regressiva...* Op. cit.

¹³⁵ CALDEIRA NETO, Odilon, *Sob o signo do...* Op. cit., p. 87.

¹³⁶ O partido nazista brasileiro acabou nunca conseguindo alcançar o seu objetivo de efetivar o registro partidário, tendo sido barrado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

fascista dos integralistas. Por esta razão, sua atuação acabou contribuindo ainda mais para a desarticulação do movimento neointegralista nos anos 1990, obrigando a AIB a recuar em suas pretensões. Segundo Leandro Gonçalves e Odilon Neto, “o neointegralismo teria que retornar ao culto da memória como forma de reconstruir seus laços e possibilidades”.¹³⁷

2.4- Marcelo Mendez: uma nova oportunidade

Nesse mesmo momento, surgiu, em São Gonçalo, cidade do estado do Rio de Janeiro, um novo lugar de memória integralista. Assim como a CPS, o Centro Cultural Plínio Salgado (CCPS) desempenhou papel de suma importância na reconstrução dos laços entre os neointegralistas de todo o Brasil. O CCPS foi criado por Arcy Lopes Estrella, em 1995, com o objetivo de reunir neointegralistas de diferentes localidades, promovendo a socialização, o debate e o culto à memória de Plínio Salgado e do integralismo.¹³⁸ O CCPS produziu importantes boletins, como o *Alerta*, que possibilitaram o contato entre diferentes grupos e tendências neointegralistas.

Para Jefferson Barbosa, o CCPS constituiu um dos aparelhos mais relevantes no processo de reestruturação do movimento. Segundo o autor,

Estrella, segundo os objetivos expostos em seu boletim “Alerta” tinha de forma clara a finalidade organizar e difundir o integralismo e o êxito de suas perspectivas foi analisado e constatado através dos dados obtidos nas páginas de seu periódico que evidenciaram uma rede de relações entre o CCPS e intelectuais e organizações nacionalistas.¹³⁹

Além disso, o CCPS desempenhou um papel central na formação de novos militantes, que posteriormente viriam a ocupar posições de destaque no neointegralismo brasileiro. Entre os militantes formados no CCPS, destaca-se a figura de Marcelo Mendez Mendez tornou-se neointegralista a partir do contato com Arcy Estrella e por meio dos debates promovidos pelo CCPS. A jovem liderança representava os ideais de uma nova geração de jovens neointegralistas, sem ter, contudo, rompido o diálogo com os neointegralistas históricos.

¹³⁷ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes...* Op. cit., p. 80.

¹³⁸ Arcy Lopes Estrella foi uma importante liderança integralista, tendo feito parte da AIB e do PRP.

¹³⁹ BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Ideologia autocrática chauvinista...* Op. cit., p. 275.

Em uma perspectiva oposta à de Anésio Lara, Marcelo Mendez defendia um neointegralismo mais amplo e menos radical, buscando aproximar o movimento de outros grupos da direita e da extrema direita, ao mesmo tempo em que procurava se distanciar de grupos *skinheads* e neonazistas. Marcelo Mendez mantinha relações próximas com diversos grupos da direita, dentre eles, organizações vinculadas à Igreja Católica e grupos pró-monárquicos.

Além disso, foi por meio de Marcelo Mendez que a internet passou a ser utilizada como uma ferramenta fundamental para a disseminação da ideologia integralista, mesmo que ainda com uma função predominantemente panfletária. Mendez foi responsável pela criação do Centro de Estudos e Debates Integralistas (CEDI), considerado o principal grupo neointegralista do final do século XX e pioneiro no uso da internet para a difusão do neointegralismo. Foi a partir do CEDI que a internet se estabeleceu como um marco significativo na estratégia de atuação do neointegralismo brasileiro. A partir da construção de sites próprios e ativos, o neointegralismo obteve a capacidade de alcançar distâncias maiores, com pouca verba e sem a necessidade de grandes mobilizações de seus militantes. Assim, a incorporação das mídias digitais como estratégia dos grupos neointegralistas tornou-se um importante marco na trajetória política do movimento. Conforme Neto,

A presença do site do CEDI (que, na época, constava no endereço <<http://www.integralismo.org/>>) na internet o determinava como autêntico porta-voz do integralismo na rede. Possibilitava, dessa maneira, o contato e a troca de informações entre militantes das mais distantes localidades, além de defender o discurso que os militantes chamam de 'distorção da historiografia sobre o tema, ou seja, um contraponto em defesa do integralismo, uma militância no espaço cibernético. A inserção do site do CEDI neste meio possibilitava uma defesa constante do integralismo, pois o conteúdo do site estaria sempre (salvo problemas técnicos ocasionais) disponível para aqueles que buscassem informações sobre a 'doutrina do Sigma. Um dos aspectos mais vantajosos na criação de um espaço integralista na internet era a possibilidade de que diversas pessoas com dúvidas e curiosidades sobre o tema/movimento pudessem ver a opinião e o posicionamento dos próprios militantes, estimulando, assim, as possibilidades de configuração de um meio propagandístico para o integralismo, atraindo inclusive a atenção de jovens e possíveis novos integrantes.¹⁴⁰

O CEDI tinha como objetivo agregar militantes de diferentes grupos da direita e da extrema direita, entre eles membros de agremiações como a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP). A TFP era vista como uma das

¹⁴⁰CALDEIRA NETO, Odilon, *Sob o signo do Sigma: integralismo, neointegralismo e antissemitismo*. Maringá: Ed. UEM, 2014, p. 99.

principais organizações da extrema-direita brasileira, frequentemente sendo alvo de interesses de outros grupos do campo político que buscavam alianças e parcerias políticas, com a intenção de crescer e se consolidar em um campo disputado. De acordo com Odilon Caldeira Neto, é possível afirmar que

Os membros da CEDI buscavam consolidar efetivamente um provável apoio da TFP aos neointegralistas. Tal estratégia, no entanto, havia sido inócua, pois, de fato, uma provável relação entre ambos os movimentos provavelmente não era interessante – sequer necessária para a TFP.¹⁴¹

A atuação do CEDI influenciou diretamente o desenvolvimento do neointegralismo nas décadas seguintes. Apesar disso, existiam ainda correntes neointegralistas contrárias aos caminhos tomados por Estrella e Mendez, mantendo acesa disputas internas, principalmente de grupos ligados ao PSNB e aos *Carecas do Subúrbio*; segmentos que perderam prestígio dentro do movimento após a expulsão de Anésio Lara e a ascensão de Marcelo Mendez. No entanto, para muitos militantes, Arcy Lopes Estrella e, principalmente, Mendez representavam o futuro do integralismo, um possível herdeiro do legado deixado por Plínio Salgado e uma possibilidade real de unificação definitiva do movimento neointegralista.

Apesar disso, Marcelo Mendez faleceu em 2002, deixando uma mensagem na qual denunciava uma suposta infiltração neonazista no interior do movimento. Mendez cometeu suicídio no dia 28 de fevereiro, no cemitério do Caju, no local onde foram sepultados os militantes que participaram ativamente do levante integralista de 1938. De acordo com Marcia Carneiro,

Embora morto precocemente e com pouco tempo na organização do integralismo, Marcelo Mendez se tornou referência. Fundador do CEDI com a preocupação de agrupar movimentos conservadores, Mendez representou um impulso na expansão do integralismo via internet.¹⁴²

Ainda que Mendez não tenha conseguido concretizar uma unificação efetiva do neointegralismo, sua atuação apontava nessa direção e obtinha relativo êxito. Sua morte, contudo, acabou por provocar uma nova fragmentação do movimento neointegralista. Para Leandro Gonçalves e Odilon Neto,

O suicídio de Marcelo Mendez era um ato político que, no entendimento de Marcelo, era a favor do integralismo, que teria como efeito a resolução dos conflitos entre as diversas tendências dos camisas-verdes. A partir dessa ação,

¹⁴¹ Ibidem. p. 97.

¹⁴² CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do sigma ao sigma...* Op. cit., p. 278.

o Cedi seria uma espécie Fênix Integralista. A morte de Marcelo Mendez deveria significar o renascimento do integralismo.¹⁴³

A morte de Marcelo Mendez foi seguida pela de Arcy Lopes Estrella, que possuía um papel de guardião da memória integralista e, junto com Mendez, desfrutou de grande prestígio. Nesse contexto, a CCPS e todo acervo virou alvo de disputas entre familiares de Estrella e militantes do CEDI. Dessa forma, a CPS voltou a desempenhar um papel relevante na retomada do diálogo entre diferentes grupos e lideranças, reassumindo centralidade no interior do neointegralismo. Paralelamente, a internet, impulsionada pelo trabalho anteriormente desenvolvido por Mendez, já se encontrava consolidada como uma ferramenta usual no movimento, facilitando a comunicação e o intercâmbio entre grupos de diferentes localidades.

A partir dessas articulações, definiu-se a realização de um evento que possibilitasse o encontro entre diversas lideranças integralistas locais, com a participação de personalidades conhecidas da direita e extrema-direita brasileira.¹⁴⁴ Tal iniciativa tinha como objetivo criar uma organização que unificasse os principais grupos neointegralistas, mesmo os que possuíam diferentes perspectivas de atuação, formando um grupo único, com um caminho comum a ser seguido no século XXI: o Movimento Integralista Brasileiro (MIB).

2.5- O “I Congresso Integralista para o Século XXI”: MIL-B e AIR

O evento denominado “I Congresso Integralista para o Século XXI” ocorreu na cidade de São Paulo, em 4 de dezembro de 2004. Realizado na sede da União Nacionalista Democrática (UND), o encontro contou com a presença de importantes nomes do neointegralismo brasileiro, entre os quais Marcelo Silveira, então presidente do CEDI, José Baptista de Carvalho, presidente da CPS no período, e Anésio Lara. Além disso, também participaram representantes de grupos próximos ao neointegralismo, como a União Católica Democrática e o Partido de Representação da Ordem Nacional (PRONA).

Durante o evento, os participantes realizaram discursos e debates em torno de questões e problemáticas relacionadas ao passado e às perspectivas futuras do

¹⁴³ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes...* Op. cit., p. 153.

¹⁴⁴ Nesse momento, as articulações não se davam apenas entre neointegralistas, mas a partir do contato com outros grupos da extrema-direita, em especial com o Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), o maior partido da extrema-direita brasileira e que vivia um momento de ascensão política.

neointegralismo. Ao final das discussões, deliberou-se pela criação de um Conselho Nacional Integralista, com o objetivo de rearticular e propagar o neointegralismo em locais com pouca atuação. Além disso, foi decidido pela criação de um novo grupo integralista, denominado Movimento Integralista Brasileiro (MIB).

O MIB, contudo, jamais conseguiu atuar de forma efetiva como uma organização estruturada, pois, problemas relacionados ao registro da sigla, que aparentemente já havia sido realizado anteriormente pelo próprio Anésio Lara, dificultaram a consolidação do grupo. Mais do que questões formais, foram também as divergências internas e as disputas recorrentes no interior do neointegralismo, característica fundamental do movimento, que inviabilizaram a criação de uma organização única, conforme proposto no congresso. Em vez disso, três grupos principais surgiram a partir do evento: a Ação Integralista Revolucionária (AIR), o Movimento Integralista Linearista Brasileiro (MIL-B) e a Frente Integralista Brasileira (FIB). Embora compartilhassem referências comuns e integrassem um mesmo universo ideológico, essas três organizações apresentavam características próprias, com semelhanças e diferenças significativas entre si.

A Ação Integralista Revolucionária (AIR) foi fundada em 25 de dezembro de 2004, na cidade de Rio Claro, interior paulista, pelo militante Jenyberto Pizzotti. A cidade de Rio Claro possui importância significativa para o neointegralismo brasileiro, principalmente pelo Arquivo Histórico Municipal de Rio Claro, onde está localizado o Fundo Plínio Salgado. Pizzotti foi uma liderança neointegralista de atuação local, que manteve contatos com nomes relevantes do integralismo brasileiro, como Jader Madeiros, Arcy Lopes Estrella e José Barreto. Esse percurso, aliado ao domínio que afirmava possuir sobre a doutrina e o Estado Integral, era utilizado por Pizzotti como elemento legitimador de sua condição de liderança no neointegralismo.

Apesar de ter sido convidado para participar do “I Congresso Integralista para o Século XXI”, Pizzotti não compareceu ao evento, provavelmente por acreditar que por ser o sucessor legítimo, ir ao evento acabaria por legitimar as decisões do congresso, mesmo que essas não correspondem às suas próprias pretensões em relação ao neointegralismo. Após o fracasso do MIB, Jenyberto Pizzotti criou a Ação Integralista Revolucionária (AIR).

A AIR defendia um integralismo de caráter revolucionário, voltado às origens do movimento anteriores a 1935, e considerava um equívoco a transição do integralismo de sua fase revolucionária para a via eleitoral.

Nesse sentido, foram formuladas críticas às decisões tomadas por Plínio Salgado à frente da AIB e aos ideais ligados ao antissemitismo, principalmente oriundos de Gustavo Barroso. Ao analisar o antissemitismo dentro da AIR, Odilon Caldeira Neto observa que a relação do grupo com o antissemitismo é oposta ao dos outros dois principais grupos neointegralistas surgidos após o “I Congresso Integralista para o Século XXI”. Segundo o autor,

inicialmente pelo próprio 'reconhecimento' da existência de práticas antissemitas e principalmente pela busca da 'resolução' dessa questão no integralismo do século XXI, tanto em relação aos aspectos históricos da primeira fase institucional integralista quanto das novas práticas antissemitas presentes nos outros grupos contemporâneos.¹⁴⁵

A AIR foi o menor dos grupos surgidos a partir do “I Congresso Integralista para o Século XXI” e sua atuação ocorreu de maneira predominantemente local, com maior presença na internet e nas redes sociais. De acordo com Márcia Carneiro, a AIR deixou de se manifestar enquanto organização, permanecendo apenas seu fundador, Pizzotti, que eventualmente realiza comentários sobre o movimento atual e sobre a produção acadêmica referente ao integralismo, dirigindo críticas sobretudo aos militantes da FIB.¹⁴⁶

Diferentemente da AIR, o Movimento Integralista Linearista Brasileiro (MIL-B) permanece ativo. Fundado em 2004 por Cássio Guilherme Reis Silveira, o grupo teve como liderança um militante com passagem por organizações como a CPS e por núcleos integralistas em Juiz de Fora, Minas Gerais. Ao longo dos anos, embora tenha participado de manifestações da direita e da extrema direita, é principalmente nas redes sociais que o MIL-B desenvolve completamente sua atuação. Seu principal dirigente aparece com frequência em podcasts e mantém postagens no site oficial da organização.

Enquanto a AIR propunha um retorno à fase revolucionária do integralismo, o MIL-B defende a atualização da doutrina para o século XXI, modernizando-a. Segundo Leandro Gonçalves e Odilon Neto, “a proposta do grupo era combinar o integralismo da AIB com as discussões e os desenvolvimentos científicos em debates, levados pelos integrantes no início do século XXI”.¹⁴⁷ Na visão do MIL-B, a articulação entre a doutrina integralista e o campo científico seria fundamental para a sobrevivência e crescimento do movimento neointegralista no século XXI, possibilitando dessa forma a formulação de

¹⁴⁵ CALDEIRA NETO, Odilon Caldeira. *Sob o signo do Sigma...* Op. cit., p. 201-202.

¹⁴⁶ CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Uma velha novidade: o integralismo no século XXI. *Boletim do Tempo Presente*, [S. l.], n. 3, 2015.

¹⁴⁷ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes...* Op. cit., p. 167.

respostas aos problemas da sociedade brasileira. Essa síntese foi denominada como *linearismo* pelos militantes da organização:

Não estamos mais na década de 30. Várias questões foram colocadas no contexto político, sociológico e filosófico do mundo, em particular do nosso país. Fez-se urgente então os integralistas modernos se debruçarem sobre essas questões e proporem novos paradigmas concernentes a essa realidade atual. Questões como a Ideologia de gênero, o direito dos animais e da natureza, a cibernética como forma de troca de informações na velocidade da luz, a mídia de massa e a população, o papel da mulher na sociedade, o tecnicismo e o cientificismo, todas essas proposições precisavam ser enquadradas num novo arcabouço doutrinário e filosófico que contemplasse as razões e soluções engendrados para o presente e o futuro. Também novos pontos de interpretação de ideias e propostas, contidas no Movimento da década de 30, precisavam ser revistas e atualizadas dentro de um novo entendimento lúdico. Assim, questões que constituíram a base do movimento integralista, foram novamente debatidas e convalidadas ou refutadas, pelos Linearistas do MIL-B.¹⁴⁸

A partir das formulações presentes no site da MIL-B, observa-se que a dimensão religiosa ocupa um lugar central em suas propostas doutrinárias. O grupo afirma que o *linearismo* constitui a evolução natural do integralismo, apresentando-se, não apenas como um movimento político, mas também como uma nova cosmovisão do mundo, uma filosofia e uma religião. Nesse sentido, a MIL-B defende a ruptura com o cristianismo tradicional e com aquilo que denomina como “religiões judaizadas”, rejeitando, sobretudo, os preceitos presentes no Antigo Testamento. Em substituição a estas, propõe a chamada “Religião Linear”,¹⁴⁹ com base litúrgica na Igreja Linear, que declara fé no “*Espírito Santo Linear*” e no “*Deus Verdadeiro*”, além de atribuir à obra de Plínio Salgado o estatuto de “Quinto Evangelho cristão”.¹⁵⁰ Segundo Neto,

O posicionamento do MIL-B em relação à Igreja Católica é extremamente crítico, de modo que seus membros afirmam que a Igreja estaria contaminada pelas tendências esquerdistas, em especial a Teologia da Libertação, assim como pela 'farsa' do Velho Testamento, o qual renegam veementemente. Buscam, portanto, uma maior receptividade a outras religiões, desde que em acordo com o ideal linearista integralista. Embora haja uma série de fatores que distanciem o posicionamento do MIL-B ao integralismo tradicional dos anos 1930, esse laço é permanentemente almejado. Visualizam-se como a autêntica expressão integralista na contemporaneidade, até porque, para eles, o integralismo só não teria sido tal como o linearismo porque não teria contato

¹⁴⁸ Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/a-necessidade-de-se-atualizar-a-doutrina-integralista/>. Acesso em: 20 de jan. 2026.

¹⁴⁹ ANIL. *A IGREJA LINEAR, NOVA RELIGIÃO DO SEC XXI*. Integralismo Linear, 11 ago. 2021. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/a-igreja-linear-nova-religiao-do-sec-xxi/>. Acesso em: 03 de jan. de 2026

¹⁵⁰ TIGRE, Rod. *INTEGRALISMO LINEAR E O QUINTO EVANGELHO DE JESUS CRISTO VERDADEIRO*. Integralismo Linear, 7 fev. 2024. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/o-integralismo-linear-e-o-quinto-evangelho-do-jesus-cristo-verdadeiro/>. Acesso em 03 de jan. de 2026

(existência) com o arcabouço ideológico e científico na época da AIB de Plínio Salgado e companhia.¹⁵¹

A MIL-B, diferentemente dos demais grupos neointegralistas, possui uma estética própria, além da utilização da reconhecida letra grega *sigma*. Além disso, é possível observar a maneira como o grupo utiliza, principalmente, a letra latina *elo*, representando o linearismo anteriormente mencionado.

Além da proposta de atualização doutrinária, outro elemento central do MIL-B é o forte antissemitismo presente em seu discurso. O antissemitismo no MIL-B se apresenta de maneira mais explícita e constitui um dos pilares da organização, sendo notado, dentre os grupos neointegralistas, como o que mais dedica atenção para essa questão entre suas produções. Essa postura, em específico, aproxima o movimento principalmente das formulações antissemitas defendidas por Gustavo Barroso, durante sua atuação na AIB. Segundo Neto, “há vários pontos em comum entre o discurso antissemita do MIL-B e o da corrente interna da AIB dos anos 1930, sobretudo na constituição de um discurso conspiratório contra judeus e a argumentação de fundo religioso nessa prática”.¹⁵²

Figura 2: Logo da MIL-B



Fonte: MOVIMENTO INTEGRALISTA LINEARISTA BRASILEIRO. Logo da MIL-B Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/>. Acesso em: 06 de jan. 2026

O antissemitismo do MIL-B pode ser observado em diversas postagens que constam em seu site oficial, entre as quais se destaca a charge do Galo Tupã, mascote do grupo, criado com o objetivo de ressignificar o apelido pejorativo “galinha verde”, atribuído aos integralistas por adversários políticos após a Batalha da Praça da Sé. Na

¹⁵¹ CALDEIRA NETO, Odilon. *Sob o signo do Sigma...* Op. cit., p. 117.

¹⁵² Ibidem, p. 200.

imagem em questão, é possível notar um verme de duas cabeças, identificado como o “Verme Comunista-Liberal”, gerado no ventre do grande capital financeiro internacional. Cada uma dessas cabeças do verme é representada por figuras associadas ao judaísmo; sendo a primeira cabeça identificada como o “judeu comunista” Leon Trotsky, e a segunda, como o “judeu capitalista”, Rothschild. Ambas as figuras são retratadas como os responsáveis por “devorarem” o Brasil, sendo contidas pela ação do Galo Tupã, que finca suas garras no verme, impedindo seu avanço, restando a este apenas se debater e se lamuriar.

Figura 3: Tupã, o Galo Verde Integralista e Linearista, esmaga o Verme Comunista-Liberal, gerado no ventre do Grande Capital Financeiro Internacional



Fonte: MOVIMENTO INTEGRALISTA LINEARISTA BRASILEIRO. Sem Data. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Galo-Tup%C3%A3.jpg> Acesso em: 03 de jan. 2026

A MIL-B, da mesma forma que a AIR, se posiciona contra os partidos políticos e busca aproximação com núcleos pró-monárquicos. No entanto, apesar de ter alcançado maior visibilidade que a AIR, evidenciada inclusive pela permanência de seu site ativo, o MIL-B nunca obteve posição de destaque no campo da extrema-direita brasileira. Mesmo no interior do neointegralismo, o grupo é alvo frequente de críticas por parte de militantes de outras organizações.

Alguns fatores ajudam a explicar essa situação. Em primeiro lugar, tanto a AIR, quanto o MIL-B, surgiram com propostas de revisão do integralismo. A AIR formulava críticas contundentes à trajetória histórica do movimento e à atuação de suas principais lideranças, especialmente no que diz respeito à transição da fase revolucionária para a eleitoral. Já o MIL-B, por sua vez, buscava promover alterações significativas na

doutrina, incorporando novos elementos com o objetivo de adaptá-la aos desafios contemporâneos.

Essas tentativas de reformulação e as críticas à história do integralismo não foram bem recebidas pela maioria dos neointegralistas, que tendem a rejeitar questionamentos ou atualizações de uma doutrina considerada por eles como finalizada e perfeita. Soma-se a isto o antissemitismo explícito do MIL-B, aspecto altamente controverso no interior do neointegralismo, frequentemente associado às atuações mais polêmicas de Anésio Lara no período da nova AIB. Os conflitos e disputas entre os diferentes grupos permanecem como uma marca do neointegralismo brasileiro, sendo recorrentes os ataques e tentativas de deslegitimação mútua. A FIB, por exemplo, critica de forma constante a aproximação do MIL-B com grupos maçônicos, utilizando termos pejorativos como “pseudointegralismo” e até mesmo “neointegralismo” para designar essas organizações, em um sentido de negação de sua legitimidade enquanto grupos integralistas.

2.6- O Neofascismo no Brasil

Assim como o conceito de fascismo tem sido alvo de questionamentos e usos frequentemente desprovidos de intenção analítica, sendo muitas vezes empregado como um adjetivo político de caráter pejorativo,¹⁵³ o conceito de neofascismo não foge a essa lógica. Isso pois, nota-se que este termo tem sido utilizado para designar movimentos, grupos e personalidades políticas bastante distintas entre si, frequentemente marcados pela falta de critérios claramente definidos por aqueles que o mobilizam. Apesar disso, o conceito ainda possui historicidade própria e não deve ser indefinidamente reduzido à condição de mero xingamento, mostrando-se útil para a classificação e para a análise de determinados objetos e ideias. Nesse sentido, assim como ocorre com o fascismo, o neofascismo exige uma explicitação quanto à forma como é empregado.

No contexto da ascensão conservadora a partir de 2013, a direita brasileira, de forma geral, e não apenas o neofascismo, passou por um processo significativo de crescimento.¹⁵⁴ Esse processo, que não ocorreu de maneira simples e não pode ser

¹⁵³ MANN, Michael. *Fascistas*. São Paulo: Record, 2008.

¹⁵⁴ ALMEIDA, Gelsom Rozentino de; CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta (Orgs). *Miragem do Brasil: dos governos do PT ao golpe de 2016 e à ascensão conservadora*. Rio de Janeiro: Garamond, 2021.

explicado por um único fator, sendo abordado de maneira um pouco mais ampla no terceiro capítulo, culminou na eleição de Jair Messias Bolsonaro.

O cenário em torno das eleições de Bolsonaro, em 2018, contribuiu intensamente para o aumento de pesquisas sobre extrema-direita, fascismo e neofascismo. Nesse contexto, o sociólogo Michael Löwy buscou definir como neofascistas, os “líderes, partidos, movimentos ou governos que têm semelhanças significativas com o fascismo clássico dos anos 1930 – e, com frequência, raízes históricas nesse passado -, mas também algumas diferenças substanciais”.¹⁵⁵ Essa definição é mobilizada pelo autor para classificar o ex-presidente Jair Bolsonaro como uma liderança neofascista brasileira.

É inegável que Bolsonaro recebeu apoio de setores do neofascismo brasileiro durante sua candidatura para a presidência do Brasil. Ainda assim, é possível identificar diferenças significativas entre o bolsonarismo e os movimentos neofascistas. Segundo Odilon Caldeira Neto,

Não apenas por disputas entre representantes de um campo específico, qual seja, a extrema direita brasileira, mas também por questões filosóficas e ideológicas, as aproximações ou os apoios de grupos neofascistas a determinados aspectos de Jair Bolsonaro devem ser analisados à luz dos interesses desses grupos neofascistas, bem como de suas similaridades e diferenças.¹⁵⁶

É possível apontar que ao longo de sua trajetória, o neofascismo brasileiro, apesar de não ter conseguido consolidar uma liderança própria capaz de alcançar consenso e ultrapassar seus círculos restritos, sempre atuou no tabuleiro político por meio do apoio ao candidato que apresentasse maior proximidade ideológica. Ainda, nesse sentido, é possível citar o apoio dos neofascistas à figura de Enéas Ferreira Carneiro, líder do Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA).

O contexto de cooperação internacional seria aprofundado (inclusive pelas conquistas eleitorais), e por consequência isso também auxiliou ao fortalecimento das relações do Prona com organizações da direita radical brasileira, não somente aquelas que podem ser definidas como adeptas de um genérico radicalismo da direita militar ou de um nacionalismo autoritário, mas também de alguns grupos efetivamente neofascistas. [...] Há elementos que indicam que havia um sistema de trocas de informações, materiais, literatura, enfim, a constatação de que o campo político da extrema-direita brasileira acabaria por se relacionar, justamente por sua condição marginal e fragmentada.¹⁵⁷

¹⁵⁵ LÖWY, Michael. *Neofascismo: um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro*, 2019, p. 14.

¹⁵⁶ CALDEIRA NETO, Odilon. Neofascismo, “Nova República” e ascensão das direitas no Brasil. *Revista Conhecer: debate entre o público e o privado*, v. 10, nº 24, 2020, p. 135.

¹⁵⁷ _____. *Nosso nome é Enéas: Partido de Reedificação da Ordem Nacional (1989-2006)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016, p. 328.

A definição proposta por Michael Löwy, embora válida, apresenta-se para essa pesquisa de forma excessivamente ampla, uma vez que é possível identificar semelhanças com o fascismo clássico em diversos grupos e movimentos da extrema-direita brasileira. Com o objetivo de estabelecer uma definição mais restritiva, é possível classificar como neofascistas todos aqueles que “almejam realizar reformulações e retomadas de um arquétipo baseado nas experiências dos movimentos e das ditaduras fascistas do entreguerras”.¹⁵⁸ Dessa forma, a análise das conjunturas, articulada ao estudo da trajetória e atuação histórica do objeto, mostra-se fundamental para que tal classificação seja realizada de maneira consistente.

Odilon Caldeira Neto vem desenvolvendo uma análise aprofundada desse fenômeno. De acordo com a hipótese do autor, o neofascismo pode ser observado no Brasil como um “fenômeno tardio”, uma consequência direta dos regimes ditatoriais da década de 1960 e de diferenças significativas nas pautas em relação aos grupos europeus.¹⁵⁹ Apesar disso, o neofascismo brasileiro ainda assim conseguiu se articular, tornando-se um fenômeno mais amplo e estabelecendo conexões, tanto com a direita nacional, quanto com o neofascismo internacional. Nesse sentido, o neofascismo pode ser tratado como um fenômeno compreendido como transnacional.

Essa *transnacionalidade* mencionada acima também pode se manifestar na circulação de referências diversas da extrema direita e do neofascismo. No caso específico do neointegralismo, destaca-se, em especial, a presença de autores como Julius Evola.¹⁶⁰ Segundo Walter Laqueur, o neofascismo não se caracteriza pela existência de lideranças únicas, mesmo porque sua consolidação ocorreu também por meio da perda dessas antigas lideranças, assumindo variadas formas de atuação e utilizando novas formas de comunicação, sobretudo no que diz respeito ao advento da internet e das mídias digitais para criar redes de comunicação mais abrangentes, com o objetivo de traduzir e compartilhar materiais neofascistas, disseminando teses negacionistas de forma mais rápida e ampla.¹⁶¹

Laqueur compreende o neofascismo como um fenômeno que ultrapassa a simples sobrevivência de organizações fascistas históricas, apesar de não buscar uma definição

¹⁵⁸ _____. Neofascismo, “Nova República” ... Op. cit.

¹⁵⁹ _____. *Neofascism and the Far Right in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 2025,

¹⁶⁰ LENC I, Mauro. *A destra, oltre la destra: la cultura politica del neofascismo italiano, 1945-1995*. Pisa: Pisa University Press, 2012.

¹⁶¹ LAQUEUR, Walter. *Fascism: past, present, future*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

fechada, compreende o mesmo como um verdadeiro “estilo de vida alternativo”.¹⁶² Para o autor, os neofascistas atualizaram seus discursos a partir da ideia de que possuem um ideal político superior. Nesse sentido, o neofascismo pode abranger desde militantes politicamente organizados e engajados, até grupos mais difusos e variados, como as gangues *skinheads*, que “buscam rejeitar a cultura de massa, preterindo-a aos clássicos escritos patrióticos de seus países, inclusive os cânones fascistas”.¹⁶³ Apesar das especificidades dos variados grupos ainda é possível observar no neofascismo características comuns como a rejeição aos ideais iluministas, o ultranacionalismo, o anticomunismo, discurso anticapitalista e a busca incessante pela “ordem”.

Roger Griffin desenvolveu, em seu texto, o que denomina como um “mundo pós-fascista”, onde o fascismo deve encontrar formas de sobreviver em um novo contexto em que não é bem visto.¹⁶⁴ Assim, o neofascismo não deve ser compreendido como uma tentativa de voltar no tempo ou restaurar um passado glorioso, em uma perspectiva nostálgica.¹⁶⁵ Mas, sim, a partir das referências fascistas e neofascistas, produzindo discursos atualizados e novas formas de atuação política. Apesar de não ser o foco do trabalho de Robert Paxton, o autor avança sobre a ideia do fascismo na contemporaneidade, apesar de não usar necessariamente o conceito de neofascismo em suas pesquisas.¹⁶⁶ Segundo Paxton, o fascismo contemporâneo não deve ter problemas em buscar novos símbolos, em uma perspectiva de adaptar o fascismo histórico ao tempo presente.

Dessa forma, defendemos que a utilização do conceito de neofascismo não deve ser reduzida à persistência de organizações anacrônicas, mas à compreensão de um fenômeno político específico, marcado, predominantemente, pela adaptação de ideias fascistas do entre guerras a novos contextos históricos.

¹⁶² Ibidem.

¹⁶³ CALDEIRA NETO, Odilon. Integralismo contemporâneo ou Neointegralismo? Sobre a viabilidade e possibilidades de uma definição. In.: BOHOSLAVSKY, Ernesto; ECHEVERRÍA, Olga (eds.). *Las derechas en el cono sur, siglo XX*. Actas del quinto taller de discusión, Los Polvorines, 2014, p. 98.

¹⁶⁴ GRIFFIN, Roger. Studying Fascism in a Postfascist Age. From new consensus to New Wave? *Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies*. V. 1, N.1, 2012

¹⁶⁵ _____. Neofascismo, “Nova República” ... Op. cit.

¹⁶⁶ PAXTON, Robert. *A anatomia do...* Op. cit.

Capítulo 3- A FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA: O NEOFASCISMO BRASILEIRO NAS REDES E NAS RUAS

O terceiro capítulo desta dissertação é dedicado exclusivamente à análise da Frente Integralista Brasileira (FIB). Serão examinadas suas características centrais, formas de atuação, tanto no ambiente digital quanto em manifestações públicas, assim como suas articulações com outros grupos e partidos vinculados à direita e à extrema direita nacional e também internacional. O capítulo também se debruçará sobre algumas das principais produções da FIB, com destaque para o *Manifesto da Guanabara* e o *Manifesto de Outubro*. A pesquisa baseia-se, sobretudo, na análise crítica de fontes primárias produzidas pela própria FIB e disponibilizada no canal oficial do grupo no YouTube, no canal pessoal de Moisés Lima, principal liderança da FIB na atualidade, no site e no Twitter/X oficial da organização. Além disso, destaca-se o uso da plataforma digital *Wayback Machine*, fundamental para a recuperação de conteúdos anteriormente disponíveis, mas que foram removidos ou modificados ao longo dos anos. Essa ferramenta, voltada à preservação da memória digital, tem se mostrado essencial em pesquisas sobre grupos e movimentos políticos do século XXI, permitindo o acesso a conteúdos que foram modificados ou excluídos de seus sites originais. No contexto desta pesquisa, o uso da *Wayback Machine* foi decisivo para a reconstrução de aspectos do discurso e da atuação da FIB, resgatando materiais que, por motivos diversos, não se encontram mais disponíveis para o acesso público.

3.1- Frente Integralista Brasileira: história, estrutura e militância

A Frente Integralista Brasileira foi fundada em 22 de janeiro de 2005 e foi por muito tempo considerada o maior grupo neointegralista brasileiro. Segundo Gonçalves e Neto, “ela tem uma estrutura mais organizada, um maior número de militantes e, como resultado disso, maior aceitação entre os neointegralistas e outros grupos da direita brasileira, inclusive os partidos políticos”.¹⁶⁷ Diferente de outros grupos neointegralistas, busca adotar uma postura conservadora, evitando críticas e adições à doutrina integralista original. A FIB se autodenomina como uma organização civil sem fins lucrativos, “uma escola de cultura e civismo, inspirada em valores cristãos, para despertar o nosso povo

¹⁶⁷ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020, p.171.

em torno das reais possibilidades da nação, elevando sua autoestima e afirmando-se para a construção da mais bela civilização do século XXI”.¹⁶⁸

De acordo com a apresentação em seu site oficial, o objetivo da FIB é “promover movimentos culturais, políticos e sociais como forma de resgate da herança cultural, cívica, política e ideológica da Ação Integralista Brasileira, principalmente no que se refere à trilogia Deus, Pátria e Família”.¹⁶⁹ Atualmente a organização é comandada por Moisés José de Lima, tendo o título de “presidente nacional”, órgão máximo de direção e deliberação do movimento; o vice-presidente da organização é o militante Allan Danilo de Assis. Além disso, a organização tem quatro secretarias, sendo elas: secretária geral, secretária nacional de assuntos jurídicos, secretária nacional de doutrina e estudos e secretária de relações internacionais.

A FIB não divulga dados oficiais sobre o número de militantes filiados oficialmente ao movimento, sendo possível observar a sua movimentação e atuação apenas através dos números nas redes vinculadas ao grupo. Apesar disso, segundo Neto e Gonçalves, até 2020, os indícios sugeriam cerca de 100 a 200 membros filiados.¹⁷⁰ Apesar do número reduzido de filiados em comparação a outras organizações de extrema direita brasileira, a FIB conseguiu, em diversos momentos, pautar aspectos do debate público por meio de sua atuação nas redes sociais. Os números das postagens do grupo indicam que suas publicações constantemente furam a “bolha integralista”. Sua presença em manifestações de cunho conservador e de extrema direita tem sido constante e visível. Além disso, ao longo de sua trajetória, o grupo transitou por diferentes legendas partidárias e algumas de suas lideranças alcançaram posições de destaque no governo Bolsonaro, evidenciando a capacidade da organização em estabelecer vínculos estratégicos com setores políticos.

O logo da FIB (Figura 4) consiste em um círculo azul com contorno central branco, tendo ao centro a letra grega Sigma (Σ), símbolo historicamente associado ao integralismo. Em contraste com emblemas mais elaborados utilizados por outras organizações integralistas ao longo da história, o logo da FIB adota uma estética minimalista. Essa forma limpa facilita a reprodução e o reconhecimento em formatos

¹⁶⁸ Frente Integralista Brasileira. *Apresentação*. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/apresentacao/>. Acesso em: 18 jun. 2025

¹⁶⁹ Ibidem.

¹⁷⁰ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas...* Op. cit., p. 172.

reduzidos, tornando-o especialmente eficaz para uso em plataformas digitais como YouTube e Twitter/X.

Figura 4: Logo da Frente Integralista Brasileira



Fonte: *Frente Integralista Brasileira*. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br>. Acesso em: 04 ago. 2025.

A FIB foi fundada após o “I Congresso Integralista Para o Século XXI”, sendo um dos grupos que surgiram após a tentativa fracassada de unificar o conflituoso movimento neointegralista em uma única organização, o Movimento Integralista Brasileiro (MIB). A FIB conseguiu aglutinar membros de importantes grupos neointegralistas brasileiros, dentre eles membros do Centro de Estudos e Debates Integralistas (CEDI), Casa Plínio Salgado (CPS) e Centro Cultural Plínio Salgado (CCPS). Segundo Neto, “o CEDI, nesse contexto, foi incorporado pela FIB, de modo que passou a funcionar como um núcleo de formação contínua dos integralistas, auxiliando na busca por análises aprofundadas dos problemas nacionais”.¹⁷¹

O primeiro presidente da FIB foi Marcelo Baptista da Silveira, que acumulava também o cargo de presidente da CEDI no período, tendo permanecido nessa função até 2009. Marcelo Silveira defendia que o futuro da FIB deveria ser construído sobretudo a partir de uma atuação intensa nas redes sociais, entendidas por ele como um espaço estratégico de disputa política e ideológica. Nesse sentido, desde a fundação da FIB, é possível observar o investimento e relevância das plataformas digitais para o grupo neointegralista. Posteriormente, Marcelo Silveira deixaria a direção do grupo e, na atualidade, já não integra a FIB, passando a realizar críticas sistemáticas à condução da organização. Suas críticas concentram-se no caráter pouco combativo da FIB diante do liberalismo e do neoliberalismo, especialmente em razão da aproximação da FIB com o

¹⁷¹ CALDEIRA NETO, Odilon. *Sob o Signo do Sigma: integralismo, neointegralismo e o antissemitismo*. Maringá: Ed. UEM, 2014, p.108.

governo Bolsonaro. Embora sustente que o comunismo deva ser combatido, afirma que a FIB cria um inimigo invisível, quando, em sua avaliação, o principal adversário contemporâneo é o liberalismo. Ainda que mencione Moisés Lima, em parte por pertencerem a momentos distintos da militância integralista da FIB, dirige críticas contundentes, principalmente, a Victor Barbuy, que chegou a fazer parte da sua gestão no período que foi presidente. Atualmente fora da organização, Marcelo Silveira admite o apoio histórico do integralismo ao fascismo e critica a preocupação da FIB em evitar a classificação da organização como fascista por seus adversários.¹⁷² A atual relação de Marcelo Silveira com as atuais lideranças da FIB indica a existência de conflitos internos e divergências de perspectiva dentro do grupo, apesar do esforço da organização em projetar uma imagem de coesão.

A partir de 2009, a organização esteve sob a presidência de Victor Emanuel Vilela Barbuy, que ficou no comando da FIB até 2020. Victor Barbuy teve seu primeiro contato aprofundado com o integralismo no início dos anos 2000, a partir de 2004, com a relação com integralistas históricos, começou a participar de reuniões da CPS. Barbuy foi um dos fundadores da FIB, assumindo o cargo de “secretário nacional de Doutrina e Estudos” durante o mandato de Marcelo Silveira. Em 2008, concluiu o curso de direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Victor Barbuy buscou traçar uma trajetória intelectual e acadêmica obtendo os títulos de mestre (2014) e doutor (2020) em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). Em 2009, foi responsável por redigir o principal texto da FIB, o *Manifesto da Guanabara*, assumindo também a presidência do movimento até 14 de março de 2020. Barbuy é considerado atualmente um dos principais intelectuais da FIB, responsável pela produção constante de artigos de opinião e de materiais destinados às redes do grupo. Durante seu período à frente da FIB, a organização atravessou um momento de significativa expansão, marcado pela busca em aproximar novamente o grupo dos partidos políticos, em um contexto fortemente influenciado pelo antipetismo e pelas manifestações das direitas brasileiras. Ainda, é seguro afirmar que foi principalmente através de Barbuy que a FIB teve contato com literatura neofascista e começou sua busca por estabelecer relações transnacionais com esses grupos.

¹⁷² RAFAEL QUEIROZ VIA ROMANA. *A desorientação da Frente Integralista: entrevista com Marcelo Silveira, ex-presidente da FIB*. YouTube, 15 set. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hcd_5mYdutQ. Acesso em: 17 jan. 2026.

Por fim, em 2020, Moisés Lima foi empossado como presidente nacional da FIB. Moisés José de Lima iniciou sua relação com o integralismo ainda na adolescência, seu primeiro contato com o integralismo ocorreu no período escolar. Moisés Lima concluiu o ensino médio em 2008, na Escola Estadual Professora Guiomar Rocha Rinaldi, e, posteriormente, ingressou no curso de graduação em Filosofia na Faculdade de São Bento de São Paulo. No interior da FIB, obteve uma rápida ascensão, destacando-se como militante ativo e participativo. Foi nomeado presidente do núcleo de São Paulo e, em seguida, assumiu o cargo de secretário de doutrina da FIB em âmbito nacional. Em 2020, aos 29 anos de idade, quando ainda exercia essa função, assumiu a presidência nacional do movimento, posição que ocupa até o presente momento. Como presidente, Moisés Lima tem buscado fortalecer a estratégia de formação dos militantes neointegralistas. Nesse sentido, dedicou grande parte de sua atuação à produção de vídeos e artigos publicados nas redes sociais, explorando temas da atualidade como forma de ampliar o alcance de suas mensagens. É possível identificar diferentes tipos de ações públicas de Lima, seja por meio de participações em podcasts, seja em palestras ou performances nas ruas.

A sede da FIB está na cidade de São Paulo, mas o movimento possui núcleos atuantes em diferentes estados do Brasil, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Distrito Federal e Paraná. Apesar disso, “sua presença sempre foi mais sentida nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, locais em que foram se edificando os principais centros neointegralistas, e também por onde circulava Plínio”.¹⁷³ De acordo com a cênica compartilhado pelo grupo, a FIB se autodenomina como os verdadeiros herdeiros de Plínio Salgado e da AIB. Em seu site oficial, o grupo expõe um “apêndice histórico”,¹⁷⁴ produzido por Sérgio Vasconcellos, com a trajetória do movimento integralista. Na versão apresentada pela FIB, é evidente a tentativa de apagamento das disputas e rupturas que fizeram parte da trajetória do movimento integralista e principalmente neointegralista.

Na linha do tempo, a FIB apresenta o levante integralista de 1938 como uma “revolução”, realizada com apoio de forças democráticas e com o objetivo de restabelecer a democracia e o estado de direito. O integralismo é, ainda, creditado como uma das

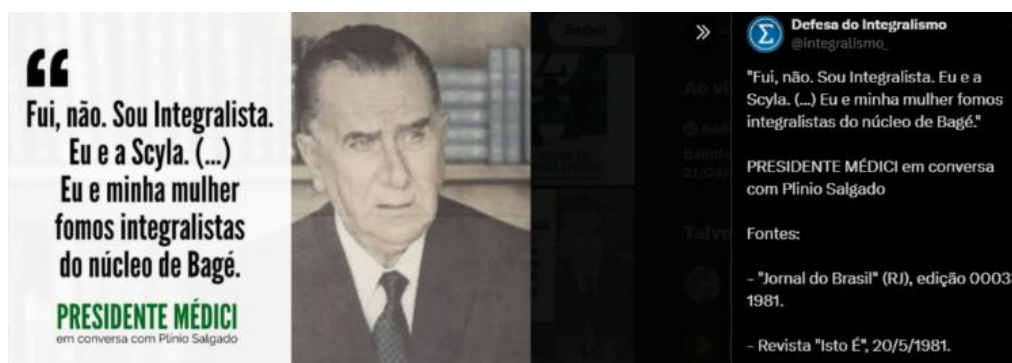
¹⁷³ CARDOSO, Tainá Agostinho. *O neointegralismo entre as permanências e atualizações de um “projeto” de nação*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico), Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2022, p. 58.

¹⁷⁴ VASCONCELLOS, Sérgio. *Apêndice Histórico*. FIB. S/d. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/apendice-historico/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

forças que pressionaram Getúlio Vargas e que possibilitaram o exército derrubá-lo, “pondo um fim ao mais bárbaro e sanguinário Governo da História do Brasil”.¹⁷⁵ A construção de Brasília também é atribuída a Salgado e ao integralismo, citando uma suposta amizade e inspiração de Juscelino Kubitschek por Plínio Salgado e suas ideias. A narrativa revisionista, e por vezes negacionista, busca atribuir um protagonismo inexistente ao integralismo e, por conseguinte, à FIB na história nacional, reforçando a figura de Salgado como um visionário e influente pensador político. Não existem, por exemplo, fontes documentais sérias que comprovem a influência de Salgado na construção de Brasília. Além disso, a utilização do conceito de “revolução” vem com o objetivo de evitar a utilização do termo “golpe”, de conotação negativa.

Em relação à ditadura civil-militar, o grupo defende uma perspectiva negacionista, compartilhada nos dias de hoje por diversos grupos da extrema-direita brasileira, denominando-a como a “revolução de 31 de março de 1964”. De acordo com a FIB, em 31 de março de 1964, “diante da ameaça soviética, que buscava estender seus tentáculos também sobre o Brasil, o General Olímpio Mourão Filho, integralista, inicia a revolução vitoriosa que depôs o governo apátrida de João Goulart”.¹⁷⁶

Figura 5: Postagem no Twitter/X oficial da FIB sobre Médici



Fonte: @integralismo. *Médici*. 08 abr. 2021. Disponível em: <https://x.com/integralismo/status/1380353953582477313/photo/1>. Acesso em: 18 jun. 2025.

A relação do integralismo com a ditadura também é abordada e valorizada em outras ocasiões, como em uma postagem no Twitter/X da organização (Figura 5) que apresenta uma conversa entre Médici e Plínio Salgado, em que o ditador se afirmava

¹⁷⁵ Ibidem.

¹⁷⁶ Ibidem.

integralista. A FIB constantemente busca evidenciar personalidades históricas conhecidas e importantes como integralistas ou simpatizantes do movimento dos camisas-verdes, com a intenção de supervalorizar a história do movimento.

As disputas de projetos e lideranças da década de 1980 e a trágica atuação de Anésio Lara são omitidas pela organização com objetivo de construir uma narrativa de coesão interna dentro da trajetória do integralismo. Por fim, na versão apresentada pela FIB, a tentativa fracassada de criação da MIB e a fragmentação do neointegralismo em três grupos no “I Congresso Integralista para o Século XXI” é ignorada. Nessa narrativa, a FIB se apresenta como resultado direto do congresso, reforçando o grupo como continuidade do movimento e não reconhecendo a legitimidade de outras agremiações, como a AIR e MIL-B. Assim, segundo a FIB,

Em dezembro de 2004, realiza-se em São Paulo, com o apoio da Casa de Plínio Salgado, um Congresso Nacional Integralista, onde são lançadas as bases para a fundação da Frente Integralista Brasileira – F.I.B., que é na atualidade a única organização do Integralismo a nível nacional.¹⁷⁷

A filiação à FIB é realizada por meio de um formulário, disponibilizado no site oficial da organização. Segundo Moisés Lima, atual presidente da FIB, antes de formalizar o ingresso no movimento, é necessário que o interessado leia integralmente os três principais manifestos do integralismo brasileiro: o *Manifesto de Outubro* (1932), o *Manifesto da Guanabara* e o *Manifesto de 13 de Maio*.¹⁷⁸ Esses três documentos sintetizam as principais concepções da FIB, fato que justifica a análise mais aprofundada desses manifestos posteriormente nesse trabalho. Além desses documentos, os futuros militantes devem concluir a leitura de quatro obras consideradas fundamentais para a compreensão da doutrina integralista: *O Integralismo na Vida Brasileira*; *Reconstrução do Homem*; *O Pensamento Revolucionário de Plínio Salgado* e *A Verdade sobre o Integralismo*. Tais exigências, conforme argumenta Moisés Lima, têm como objetivo assegurar a boa atuação de indivíduos verdadeiramente comprometidos com os princípios do movimento e que estejam dispostos a seguir integralmente a doutrina. O grupo, apesar de defender a reflexão dos militantes de maneira individual, fato que justificaria a falta de algumas análises de conjuntura nas plataformas do grupo, rejeita críticas à doutrina original e às principais lideranças, defendendo que o que existe são falhas nas

¹⁷⁷ Ibidem.

¹⁷⁸ LIMA, Moisés. *Como ingressar na Frente Integralista Brasileira?* 27 abr. 2023. Vídeo (YouTube). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B0rfFh1YQac>. Acesso em: 18 jun. 2025.

interpretações desses autores ou um olhar excessivamente “politicamente correto”, como no caso das falas antissemitas de Gustavo Barroso. Todos os textos mencionados são disponibilizados gratuitamente no site e no Google Drive da FIB para a leitura dos militantes e interessados em efetivar filiação.

Após a realização das leituras indicadas, o interessado deve preencher um cadastro no site oficial, fornecendo dados pessoais, informações de contato e endereço residencial. O formulário também inclui uma série de perguntas qualitativas, destinadas a conhecer melhor o perfil do possível militante. Entre elas, destacam-se: “Participou ou participa de algum movimento político? Se sim, qual?”; “Como foi o primeiro contato com o integralismo?”; “Qual a sua motivação para solicitar esta inscrição?”; “Como conheceu a Frente Integralista Brasileira?”; “Com que frequência tem acessado o portal da FIB?” e “Quais atividades teria interesse em participar/realizar?”. Esta última pergunta apresenta opções pré-definidas para seleção, como: “receber informativos”, “adquirir produtos”, “participar de eventuais palestras”, “participar de cursos”, “participar de grupos de estudo”, “ir a uma reunião oficial”, “conhecer outros simpatizantes”, “contribuir financeiramente”, “ser membro de núcleo” e “nenhuma por enquanto”.

Após esse processo, mesmo antes do término da análise/confirmação do pedido de ingresso, os interessados devem, através do próprio site da FIB, realizar uma “doação”. Essas doações são obrigatórias para os militantes da FIB. Essas contribuições podem ser realizadas no valor de R\$ 15,00; R\$ 30,00; R\$ 60,00 e “outros”, e devem ser realizadas de forma mensal. Se essas contribuições anteriormente eram feitas por depósitos bancários, sendo a conta bancária disponibilizada no site oficial, atualmente são realizadas através do PayPal ou cartão em uma conta no nome de Moisés Lima. As contribuições financeiras são consideradas essenciais e podem interferir no tamanho do amparo FIB a cada núcleo. De acordo com Moisés Lima, a FIB se sustenta apenas através dessas contribuições financeiras.¹⁷⁹ Não foram encontrados registros relevantes de financiamentos externos, além das doações e venda de livros da editora oficial do movimento.

Em nota publicada pelo militante da FIB, Eduardo Ferraz, e compartilhada no site oficial da organização, é exposto algumas das obrigações do militante da FIB nos dias de hoje.¹⁸⁰ De acordo com o texto, em primeiro lugar, cabe ao integralista apresentar-se ao

¹⁷⁹ Ibidem.

¹⁸⁰ FERRAZ, Eduardo. *5 deveres do integralista na era digital*. FIB. 13 jul. 2021 Disponível em: <https://integralismo.org.br/colunas/5-deveres-do-integralista-na-era-digital/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

trabalho. É obrigação do integralista se organizar e participar da FIB, mesmo que seja necessário fundar um núcleo, caso esse ainda não exista na cidade do militante. O integralista deve comparecer às reuniões presencialmente. A presença física e a participação ativa são consideradas indispensáveis pelo grupo. O militante não deve esconder suas opiniões, devendo marcar posição em sites, blogs, entre outros meios digitais. Além disso, é fundamental compartilhar e interagir com as postagens da FIB. Para o militante,

cada interação nas redes sociais em favor do movimento alcança milhares de pessoas. Se dez pessoas compartilham uma postagem, mil são atingidas pela informação em menor ou maior grau de interação. Se cem pessoas o fazem, o alcance aumenta em dez vezes. Um simples compartilhamento pode gerar muitos frutos. Não hesite!¹⁸¹

A partir dessa fala, fica evidente a importância atribuída pela FIB às redes sociais, sendo o compartilhamento e a divulgação das postagens uma das tarefas fundamentais do militante neointegralista. Segundo a descrição, é papel do militante integralista corrigir “mentiras” sobre o movimento, sendo obrigação, em caso de dúvidas, consultar os superiores pelos canais oficiais do grupo. O ato de “doação” financeira apesar de não ser citado diretamente nessa postagem, é constantemente identificado como uma das obrigações dos militantes da FIB. A análise das redes da FIB e sua importância serão melhor apresentadas no tópico 3.3 desta dissertação.

3.2- Doutrina e ideologia: análise dos manifestos da FIB

Por ter uma postura mais conservadora em relação a outros grupos neointegralistas, a FIB busca reivindicar a base ideológica e produção do movimento integralista e de suas principais lideranças. O grupo considera o integralismo uma doutrina perfeita, sem a necessidade de adições. A FIB tem como suas principais bases teóricas o *Manifesto de Outubro de 1932* e a *Rerum Novarum*, no entanto, apesar de reivindicar fortemente a herança do integralismo histórico, a FIB também formula seus próprios manifestos, nos quais busca sintetizar seu projeto de nação e orientar ideologicamente seus militantes. Os dois principais documentos nesse sentido são o *Manifesto da Guanabara* e o *Manifesto de 13 de Maio*, ambos considerados leituras

¹⁸¹ Ibidem.

obrigatórias para os integrantes da organização, sendo disponibilizados gratuitamente nas redes sociais da FIB.

O *Manifesto da Guanabara*, redigido por Victor Barbuy, à época Secretário Nacional de Doutrina e Estudos, posteriormente empossado como presidente nacional da FIB, em 18 de abril de 2009, foi lançado oficialmente no Rio de Janeiro, também em 2009.¹⁸² O documento tem como propósito “ser o grande manifesto da FIB, da mesma maneira que a AIB teve o Manifesto de Outubro”.¹⁸³ Ele é dividido em 12 partes, sendo estas: “Preâmbulo”, “Introdução”, “Capítulo I: Da Questão Religiosa”, “Capítulo II: Da Pessoa Humana e de seus Deveres e Direitos Naturais”, “Capítulo III: Do Direito Natural e do Direito Positivo”, “Capítulo IV: Da Família”, “Capítulo V: Da Propriedade”, “Capítulo VI: Do Município, da Pátria e da Nação”, “Capítulo VII: Da questão étnica”, “Capítulo VIII: Da questão econômica e social”, “Capítulo IX: Do Estado e da Constituição” e “Conclusão.”

A introdução do *Manifesto da Guanabara* inicia exaltando os três pilares clássicos do integralismo, presentes no seu lema mais famoso e que nos últimos anos tem sido utilizado, seja de modo integral ou com variações pelo bolsonarismo: “Deus, Pátria e Família”.¹⁸⁴ O Deus, supremo, absoluto e cristão; a Pátria, que ainda está por nascer sob o comando dos neointegralistas e a Família, célula mater da sociedade, unida e tradicional.

É colocado como objetivo do integralismo a felicidade do povo e a grandeza da nação. Isso seria possível através da condução do Brasil pelos neointegralistas até seu destino histórico, a construção de um “Estado Ético e uma Democracia Integral e a criação de uma Ordem Jurídica que emanada da íntima essência nacional, da Tradição e do Passado Integral da Nação, refletindo, pois, o Brasil real, profundo e autêntico – concretize as normas do Direito Natural”.¹⁸⁵ No entanto, para os neointegralistas, isso só seria possível através da construção de um “Novo Homem”, sendo necessário uma revolução do interior/do espírito. Essa mudança antecede qualquer revolução do exterior.

¹⁸² BARBUY, Victor Emanuel Vilela. *Discurso de posse de Victor Emanuel, novo Presidente Nacional*. São Paulo, 18 mai. 2009. Editado em: 29 mai. 2019. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/movimento/discurso-de-posse-de-victor-emanuel-novo-presidente-nacional/>. Acesso em: 01 mai. 2025

¹⁸³ GONÇALVES, Leandro; NETO, Odilon. *O fascismo em camisas...* Op. cit., p. 173.

¹⁸⁴ BARBUY, Victor Emanuel Vilela. *Manifesto da Guanabara*. FIB. Rio de Janeiro 25 jan. 2009. Editado em: 20 abr. 2021. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/manifesto-da-guanabara/>. Acesso em: 01 mai. 2025.

¹⁸⁵ Ibidem.

A FIB, nessa perspectiva, como a legítima herdeira de Plínio Salgado, teria um papel fundamental, não apenas na revolução exterior, mas também a do espírito.

Ainda na introdução, o manifesto aborda a relação entre neointegralistas e monarquistas. De acordo com o *Manifesto da Guanabara*, o integralismo consolidará uma democracia integral. No entanto, não existe uma obrigatoriedade desse Estado Integral ser consolidado em um regime republicano. O manifesto define o Estado Integral como uma síntese nacionalista do Estado Cristão, um instrumento subordinado a Deus, a serviço da pessoa humana e do bem comum. O manifesto assume o Estado Integral como um Estado Corporativo, sendo ele, para a FIB, a verdadeira forma de democracia. Segundo o manifesto, “o Integralismo, não defendendo expressamente nem a Monarquia e nem a República e reunindo tanto monarquistas quanto republicanos, não é um sistema de governo e sim um regime, podendo ser implantado tanto numa Monarquia quanto numa República”.¹⁸⁶ Esse artigo faz parte de uma estratégia de abrangência e aproximação com setores monarquistas, ampliando a base de apoio da FIB, seja esse apoio entre militantes, seja entre as próprias organizações. Assim, o movimento, que possui números inferiores a outros grupos políticos mais conhecidos, evita fechar portas com campos e vertentes da extrema-direita.

Figura 6: Foto tirada no ato em 7 de setembro de 2022, postada no X/Twitter da FIB



Fonte: @integralismo. *Integralistas e Monarquistas*. X/Twitter. 19 mai.2023. Disponível em: <https://x.com/integralismo/status/1659676238452084736/photo/1>. Acesso em: 18 jun. 2025.

Em diversas publicações, a FIB busca reafirmar a boa relação entre monarquistas e neointegralistas, evidenciando que não existem barreiras que impeçam que um militante pró-monarquista faça parte do movimento neointegralista e, mais precisamente, da FIB.

¹⁸⁶ Ibidem.

Em foto tirada durante um ato no dia 7 de setembro de 2022 e postada nas redes sociais da FIB (Figura 6), é possível observar duas pessoas, lado a lado, caminhando juntas, com as bandeiras da monarquia e o sigma integralista.

O primeiro capítulo, que versa sobre “a questão religiosa”, evidencia a centralidade do Cristianismo dentro do movimento neointegralista. O manifesto posiciona a FIB como um movimento espiritualista e cristão. Assim, o integralismo faria parte de uma “frente ampla espiritualista” contra as duas faces do materialismo: o liberalismo e o comunismo. Essa “frente ampla espiritualista” justificaria a participação de militantes de outras religiões, além do catolicismo. De acordo com o documento, a FIB afirma aceitar a liberdade de culto “desde que o culto não constitua uma afronta à Moral e aos Bons Costumes ou uma ameaça à Segurança Nacional”.¹⁸⁷ Em termos vagos, o trecho destacado revela uma concepção restritiva da liberdade religiosa, condicionada por critérios morais subjetivos. O integralismo brasileiro sempre apresentou a religião cristã como um dos pilares centrais para a ordem nacional, rejeitando outras influências religiosas, mesmo que pudesse ter, de maneira individual, militantes não-cristãos.

Os capítulos dois e três buscam passar a imagem do movimento como protetor da dignidade humana, criticando a valorização das pessoas pelos bens, classe social ou etnia, e defendendo a ideia de que os homens se diferenciam pelas suas morais cívicas e pelo trabalho e pelo bem comum.¹⁸⁸ Segundo o *Manifesto*,

A Doutrina do Sigma defende o Direito Natural clássico, concreto e autêntico, opondo-se tanto ao Direito Natural laicizante, abstrato e inautêntico do “Iluminismo” quanto ao estatismo ético-jurídico caracterizado pela crença de que o Estado é a fonte única e exclusiva da Moral e do Direito.¹⁸⁹

A afirmação de que a “Doutrina do Sigma” se opõe ao Direito Natural laicizante e ao estatismo ético-jurídico revela uma postura anti-iluminista e contrária à laicidade do Estado. Essa formulação aproxima-se de visões próprias da extrema-direita contemporânea e de grupos cristãos reacionários, que sustentam a ideia de que o Estado deve se orientar por fundamentos morais religiosos. A crítica ao Iluminismo não é exclusiva do integralismo, mas compõe um repertório ideológico mais amplo de movimentos neofascistas, como demonstra Walter Laqueur.¹⁹⁰

¹⁸⁷ Ibidem.

¹⁸⁸ Ibidem.

¹⁸⁹ BARBUY, Victor Emanuel Vilela. *Manifesto da Guanabara*. FIB. Rio de Janeiro, 25 jan. 2009. Editado em: 20 abr. 2021. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/manifesto-da-guanabara/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

¹⁹⁰ LAQUEUR, Walter. *Fascism: past... Op. cit.*

A questão da propriedade também é mobilizada no documento. O manifesto reconhece a propriedade privada como legítima, entendendo-a como parte da natureza humana. Apesar disso, a FIB admite que a propriedade deve exercer uma função social, defendendo a reforma agrária e a desapropriação, mediante indenizações ao proprietário. O manifesto é crítico a movimentos que, segundo a FIB defendem, uma “reforma agrária confiscatória, motivadas por interesses de natureza ideológica, em proveito de movimentos propagadores de doutrinas estranhas à nossa Tradição e assentadas no ódio, na violência, no terror e na desagregação moral e social”.¹⁹¹

Esta passagem pode ser interpretada como uma crítica direta ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e ao Partido dos Trabalhadores (PT), ambos recorrentemente enquadrados pela FIB como inimigos políticos e ideológicos. Essas organizações aparecem com frequência nas produções do grupo, seja em textos e vídeos, seja em postagens em redes sociais, quase sempre associadas a uma narrativa de ameaça à ordem social, à propriedade privada e aos valores que a FIB afirma defender. Ao mobilizar esse tipo de crítica, a FIB reforça uma lógica de antagonismo político que se estrutura a partir da identificação de adversários.

O *Manifesto da Guanabara* aborda também a “questão étnica”, temática sensível dentro do neointegralismo e particularmente relevante para a FIB. Uma das principais preocupações do grupo é dissociar sua imagem de qualquer associação direta ao racismo ou ao antissemitismo, buscando construir uma representação do movimento como genuinamente brasileiro, inclusivo e harmonizador das diferenças étnicas. Essa estratégia discursiva visa também romper com a percepção que associa o integralismo ao fascismo e, mais especificamente, ao nazismo. Nesse sentido, a FIB rejeita a alcunha de antisemita que, em momentos históricos, marcou o integralismo clássico, sobretudo a partir da figura de Gustavo Barroso. Ao contrário de outros grupos neointegralistas, como o MIL-B, que assumem posturas abertamente antisemitas, a FIB desenvolve um esforço sistemático para se desvincular dessa herança, mesmo que o antissemitismo ainda apareça em postagens da FIB. Esse esforço se manifesta tanto na omissão ou alteração de trechos de textos de Barroso, quanto na reinterpretação de suas posições, apresentando-as como críticas ao “capitalismo internacional” e não diretamente ao povo judeu. A FIB investe em ações de reafirmação de sua suposta postura antirracista. Entre essas ações estão a publicação de notas em redes sociais exaltando militantes negros históricos do

¹⁹¹ Ibidem.

movimento e a elaboração de documentos específicos sobre o tema, sendo o principal o *Manifesto de 13 de Maio*.

Ainda assim, no *Manifesto da Guanabara*, a FIB dedica um capítulo com dois artigos à questão étnica. O artigo 24 afirma que o integralismo se opõe a qualquer forma de preconceito étnico, defendendo que o ser humano deve ser julgado por seus valores morais, cívicos e por sua contribuição ao “Bem Comum”, e não por sua etnia ou cor da pele. Em contrapartida, o documento acusa a esquerda de fomentar uma suposta “luta de raças” na nação brasileira, posicionando o integralismo como um agente unificador, capaz de promover a harmonia e a coesão social entre os diferentes grupos étnicos. Apesar disso, FIB assume uma postura crítica em relação às cotas raciais e às principais pautas defendidas pelo movimento negro, fato que será abordado mais adiante, com a análise do *Manifesto de 13 de Maio*. O ataque a grupos minoritários também pode ser observado no quarto capítulo, em que se busca exaltar um modelo de “família tradicional”, composta pelo matrimônio de pessoas de sexo distintos, reforçando valores conservadores da extrema-direita, rejeitando avanços nos direitos das mulheres, da população LGBTQIAP+ e dos modelos familiares não tradicionais. A análise do *Manifesto da Guanabara* indica que a preocupação central da FIB não reside na construção de uma postura antirracista, mas na forma como o movimento é percebido publicamente. Ao invés de enfrentar ou revisar criticamente elementos problemáticos de sua tradição, o documento sugere um esforço de gestão da própria imagem, buscando afastar a associação com o racismo sem necessariamente promover uma ruptura

O capítulo oito do manifesto trata da questão econômica e social, defendendo a colaboração entre iniciativa privada e Estado, mas com intervenção do Estado na economia, a fim de “contrapor aos interesses dos grandes grupos econômicos e financeiros internacionais que ameaçam a sua Soberania.”¹⁹² No entanto, segundo o manifesto, é necessário defender o regime de livre iniciativa, frisando que isso não deve ser confundido com a defesa do livre mercado. Essa passagem evidencia que, pelo menos no discurso, o antiliberalismo persiste como um pilar importante do movimento, embora ao analisar as postagens da FIB seja perceptível o foco dos ataques no comunismo e no petismo. Por fim, é pontuado que a questão social só pode ser resolvida com a cooperação de toda a sociedade, dessa forma, a FIB defende que as diferentes classes sociais, embora com suas especificidades, devem viver em cooperação. Essa passagem surge como uma

¹⁹² Ibidem.

resposta direta a perspectiva de “luta de classes” marxista, sendo uma visão clássica dos fascismos, podendo ser observada também em todas as fases do movimento integralista.

Por fim, o manifesto ataca a Constituição de 1988, afirmando que as constituições burguesas carregam demagogias abstratas e artificiais. Dessa forma, seria necessária uma constituição que fosse um espelho do Brasil profundo, servindo ao “bem comum”. De acordo com Tainá Cardoso, o “bem comum”, citado em diversos momentos no manifesto, não está relacionado uma igualdade de direitos, mas sim como “uma imposição conservadora de um tipo de moral, que neste caso está no controle da crença e do próprio corpo dos sujeitos trabalhadores”.¹⁹³ A conclusão enfatiza que chegou o momento de o integralismo, agora representado pela FIB, cumprir seu dever histórico, despertar o Brasil do sonho que se encontra e levá-lo ao progresso. Segundo o manifesto,

é chegado o momento de restaurar o Primado do Espírito e a Filosofia Perene e de reconduzir a Ciência Jurídica ao Direito Natural clássico, a Sociedade à Tradição e as relações internacionais ao Universalismo personalista que a chamada Idade Média tão bem realizou. Devemos ter em mente que de nossa marcha depende não apenas o futuro do Brasil como também o de todo o Mundo e que de nossa marcha depende, ademais, a vitória ou derrota final de nossa Nação.¹⁹⁴

Para Cardoso, o *Manifesto da Guanabara* busca perpassar as principais visões do ideal integralista e da *Rerum Novarum*. Assim, o documento “projeta uma sociedade edificada na moral cristã, especialmente católica, formada através da revolução espiritual do homem integral portador do direito e dever ‘natural’ estabelecido por Deus, que mantém sob os costumes e moral a família”.¹⁹⁵ A análise do manifesto permite observar as bases de um modelo de Estado Integral, atrelado a um projeto neofascista da FIB.

O *Manifesto de 13 de Maio*,¹⁹⁶ publicado em 2009 e assinado por Victor Emanuel Vilela Barbuy, presidente da FIB no período, é considerado um dos documentos mais importantes do grupo, atrás apenas do *Manifesto da Guanabara*. O texto busca dar uma resposta frente às acusações de vínculos históricos do integralismo com o racismo, o antissemitismo e o fascismo. No manifesto, a FIB afirma defender uma democracia racial, sustentada nos valores do cristianismo e se declara contrária a qualquer teoria que estabeleça a superioridade de uma etnia sobre outra. A organização, afirmando utilizar

¹⁹³ CARDOSO, Tainá Agostinho. *O neointegralismo entre...* Op. cit., p. 62.

¹⁹⁴ BARBUY, Victor Emanuel Vilela. *Manifesto da Guanabara*. FIB. Rio de Janeiro, 25 jan. 2009. Editado em: 20 abr. 2021. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/manifesto-da-guanabara/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

¹⁹⁵ CARDOSO, Tainá Agostinho. *O neointegralismo entre...* Op. cit., p. 60.

¹⁹⁶ BARBUY, Victor Emanuel Vilela. *Manifesto de 13...* Op. cit.

como base o cristianismo, afirma que todos os povos devem viver em harmonia, com igualdade de direitos e deveres diante do Estado e da sociedade. O trecho retoma novamente a noção marxista de “luta de classes”, reinterpretando-a e deslocando-a, no manifesto, para uma suposta “luta de raças” que, segundo a FIB, estaria sendo promovida pelas esquerdas.

Ao longo do *Manifesto de 13 de Maio*, a FIB constrói uma narrativa histórica sobre as origens do preconceito, traçando uma linha cronológica que parte das civilizações clássicas, como a grega e a romana, e culmina na crítica ao povo hebreu, apresentado no texto como “o mais racista da Antiguidade”.¹⁹⁷ No entanto, segundo a interpretação proposta pelo documento, o advento do Cristianismo teria inaugurado uma nova visão de mundo. A fé cristã, conforme afirma o manifesto, reconheceria todos os seres humanos como irmãos, criados por um mesmo Deus. De acordo com o manifesto, na Idade Média, no auge da Igreja Católica e da civilização cristã, não havia espaço para o racismo. O texto critica a visão negativa da Idade Média difundida por setores que identifica como “inimigos da Cristandade”, responsáveis por difundi-la sob o rótulo pejorativo de “Idade das Trevas”, quando, na verdade, deveria ser reconhecida como “Idade da Luz”, destacando conquistas como a exaltação de Cristo, a construção de catedrais, a fundação de universidades e a produção de obras fundamentais como a *Suma Teológica*, de Santo Tomás de Aquino, e a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. A decadência da Idade Média e o antropocentrismo, a substituição de Deus pelo homem como referência central do pensamento, são interpretados como a quebra do mundo cristão e da fraternidade universal entre os povos. A crítica ao iluminismo, como citado anteriormente, é uma característica clássica do fascismo e do neofascismo e aparece em diversas publicações da FIB.

Apesar do manifesto apontar a existência de racismo no século XVI, ele afirma que esse fenômeno não se manifestou nas possessões ultramarinas de Portugal e da Espanha devido à miscigenação étnica e cultural entre os povos. A FIB sustenta que nenhum século foi tão racista quanto o XIX, período em que potências europeias utilizaram conceitos de Darwin, Nietzsche, Wagner e Stirner para justificar a suposta superioridade de uma raça sobre as demais. Segundo o manifesto, essas ideias teriam servido de inspiração para o nacional-socialismo de Hitler. Ao mesmo tempo, Marx também é alvo de críticas, sendo acusado de racismo e etnocentrismo.

¹⁹⁷ Ibidem.

Ao reconhecer a existência de racismo no século XVI, mas negar sua manifestação nas possessões ultramarinas com base na miscigenação, a FIB adota uma leitura idealizada do colonialismo. A miscigenação, longe de ser prova de ausência de racismo, ocorreu em contextos marcados pela escravidão e pela desumanização sistemática de populações indígenas e africanas. Desconsiderar essas dimensões implica apagar práticas concretas de dominação e violência que estruturaram as sociedades coloniais, uma postura racista da organização.

Ao tratar especificamente de sua principal liderança, o *Manifesto de 13 de Maio* afirma, sem apresentar explicações concretas, que Plínio Salgado lutou contra o racismo. O documento também exalta a Frente Negra Brasileira (FNB), descrevendo-a como “o maior e mais sadio movimento negro não apenas da História do Brasil, mas de toda a chamada América Latina”.¹⁹⁸ Ao destacar positivamente a FNB, a FIB sustenta a tese do chamado “racismo reverso”, ao afirmar que, ao contrário dos movimentos negros contemporâneos, acusados de adotar uma postura racista contra os brancos, a FNB combatia todas as formas de racismo. No que se refere ao antissemitismo, sem fazer menções diretas a Gustavo Barroso, o manifesto afirma que o movimento integralista jamais adotou tal postura:

o Integralismo rejeita o antijudaísmo de cunho étnico, não fazendo distinção alguma entre o judeu capitalista e o capitalista que se diz cristão, entre o açambarcador que frequenta a sinagoga e aquele que vai à igreja e, do mesmo modo, não distinguindo o judeu honrado, honesto, patriota e nacionalista brasileiro do cristão igualmente virtuoso.¹⁹⁹

Fechando sua argumentação, a FIB, por meio do *Manifesto de 13 de Maio*, posiciona o integralismo como o “maior movimento antirracista da história” do Brasil.²⁰⁰ Essa afirmação infundada seria defendida pela FIB pelas supostas posições doutrinárias do movimento e pela filiação de personalidade negras famosas, como o “Almirante Negro” João Cândido, o ex-senador Abdias do Nascimento, o sociólogo Guerreiro Ramos, o escritor Sebastião Rodrigues Alves e o professor de Direito Dario de Bittencourt. Essa estratégia tem como objetivo se escorar em personalidade negras para passar uma imagem de movimento antirracista, ignorando a trajetória histórica anterior e posterior da filiação dessas personalidades. Segundo a FIB, a esquerda teria substituído a luta de classes por uma “luta de raças”, promovendo, sobretudo no ambiente universitário,

¹⁹⁸ BARBUY, Victor Emanuel Vilela. *Manifesto de 13...* Op. cit.

¹⁹⁹ Ibidem.

²⁰⁰ Ibidem.

um sentimento de ódio contra os brancos. A organização se posiciona contrariamente ao sistema de cotas, classificando-o como uma forma de institucionalização do racismo.

Ao analisar o panfleto, observa-se que, embora o texto se proponha, em teoria, como um manifesto antirracista, sua principal finalidade é isentar a FIB de qualquer responsabilidade ou associação com práticas racistas ao longo de sua trajetória. O documento adota uma perspectiva negacionista, sustentando ao mesmo tempo teses conspiratórias e já superadas como a do “racismo reverso” e da “democracia racial”. Ao longo do texto, o racismo é minimizado, sendo tratado como um problema secundário diante de questões econômicas ou éticas. O manifesto articula sua crítica ao racismo com um projeto político mais amplo: o combate ao “capitalismo internacional” e ao que denomina “imperialismo econômico”, afirmando a necessidade de uma “segunda abolição”, agora contra a “escravidão econômica” imposta pelos grupos financeiros globais. De acordo com o manifesto, a primeira abolição teria sido conquistada graças à atuação da Princesa Isabel, ignorando, assim, a mobilização e pressão de escravizados e abolicionistas; a segunda seria através do integralismo e da FIB.

Além disso, os movimentos negros contemporâneos são reiteradamente atacados no manifesto, e o principal problema identificado em relação às políticas atuais seria a “institucionalização do racismo” por meio da Lei de Cotas. Tal posição desconsidera uma vasta produção acadêmica que comprova os impactos positivos dessa política pública para a população negra e para as universidades públicas brasileiras. Segundo Natália Reis, o neointegralismo herda a “concepção racista dos velhos integralistas, que, longe de defender abertamente o racismo de tipo nazista, construíram um discurso específico em relação à questão racial, condicionado pela cultura de miscigenação da sociedade brasileira”.²⁰¹ Dessa forma, a FIB, que busca disseminar a ideologia integralista, principalmente a partir do que foi AIB, mimetiza o racismo presente em toda trajetória do movimento, ao mesmo tempo que tenta reconstruir a memória do integralismo e suas ideias de forma mais aceitável e adaptada ao século XXI.

A análise do *Manifesto de 13 de maio* evidencia um esforço discursivo promovido pela FIB, na busca de estabelecer uma narrativa de distanciamento em relação ao racismo, ao fascismo e, sobretudo, ao antissemitismo historicamente associados ao integralismo. Tal iniciativa, no entanto, revela-se falaciosa, uma vez que implica a negação de elementos constitutivos da própria formação ideológica do integralismo. Ao reivindicar

²⁰¹ CRUZ, Natalia dos Reis. A ideologia do sigma hoje: neo-integralismo, intolerância e memória. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 46, 2007, p. 132.

uma trajetória desvinculada dessas dimensões, o manifesto não realiza uma autocrítica séria da trajetória do movimento, optando por uma reinterpretação seletiva do passado, marcada por silenciamentos e negacionismos. Além disso, essa operação esbarra em limites, já que apesar da retórica de rejeição a práticas discriminatórias, o manifesto reproduz, em diferentes passagens, elementos que podem ser associados a visões preconceituosas, revelando as permanências ideológicas com o integralismo clássico que o próprio texto pretende negar que sequer existiram.

3.3- A atuação digital da FIB: redes sociais e a formação do militante neointegralista

Atualmente é impossível se desvincular totalmente da internet; vivemos em um mundo conectado, cada vez mais concentrado nas redes. Manuel Castells define a rede como “estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho)”.²⁰² Castells, ao explorar essa “sociedade em rede”, busca compreender a integração de textos, sons e imagens em um mesmo sistema, “interagindo a partir de pontos múltiplos, no tempo escolhido (real ou atrasado) em uma rede global, em condições de acesso aberto e de preço acessível”.²⁰³ O surgimento da internet propiciou um novo sistema de comunicação, com o desenvolvimento de “comunidades virtuais”. Para o autor, essas comunidades, que não são físicas, o que não significa que não seja reais, “transcendem a distância, a baixo custo, costumam ter natureza assíncrona, combinam a rápida disseminação da comunicação de massa com a penetração da comunicação pessoal, e permitem afiliações múltiplas em comunidades parciais”.²⁰⁴ Dessa forma, é possível dizer que essas comunidades virtuais oferecem a possibilidades de relações, trocas e vínculos entre pessoas que, por diferentes razões, sejam razões espaciais ou sociais, não teriam contato. Segundo autor, a vantagem das redes é que permitem “a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação, ou mesmo no bloqueio, da comunicação”.²⁰⁵

²⁰² CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 566.

²⁰³ Ibidem, p. 414.

²⁰⁴ Ibidem, p. 446.

²⁰⁵ Ibidem, p. 445.

Pierry Levy aborda em seus textos o conceito de ciberespaço que, para o autor, representa uma transformação significativa na forma como as sociedades contemporâneas constroem, compartilham e reorganizam seus vínculos comunicacionais e sociais. Como observa Levy,

o ciberespaço (que também chamarei de 'rede') é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos.²⁰⁶

Essa expansão contínua é caracterizada por um fluxo informacional crescente, pois todo dia novas pessoas acessam a rede e, uma vez interconectados, mais informação é disponibilizada. Esse crescimento acelerado está intimamente relacionado aos princípios fundadores da cibercultura, entre os quais se destacam a criação das comunidades virtuais. De acordo com Pierre Levy, essas comunidades podem ser compreendidas como "grupos de pessoas se correspondendo mutuamente por meio de computadores interconectados",²⁰⁷ baseando-se não mais em vínculos geográficos ou institucionais, mas em afinidades temáticas e interesses comuns. De acordo com o autor, "ao dar uma visibilidade a estes grupos de discussão, que são feitos e desfeitos o tempo todo, o ciberespaço torna-se uma forma de contatar pessoas não mais em função de seu nome ou de sua posição geográfica, mas a partir de seus centros de interesses".²⁰⁸ Dessa forma, uma comunidade virtual seria construída a partir das afinidades, dos projetos em comum, dos interesses e da ideologia, sem importar a distância geográfica. Para Levy,

a cibercultura é a expressão da inspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais, nem sobre as relações de poder, mas sobre a reunião em torno de centros de interesses comuns, sobre o jogo, sobre o compartilhamento do saber, sobre a aprendizagem cooperativa, sobre processos abertos de colaboração.²⁰⁹

No entanto, apesar da relevância da contribuição de Manuel Castells e Pierry Levy para o entendimento das redes e suas possibilidades, ambos produzem suas reflexões a partir principalmente do final do século XX e início do século XXI. Nesse contexto, era forte a crença de que, a partir da internet, os grandes problemas da sociedade seriam resolvidos ou ao menos atenuados, sobretudo as desigualdades econômicas e sociais, que

²⁰⁶ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 22.

²⁰⁷ Ibidem, p. 29.

²⁰⁸ Ibidem, p.111.

²⁰⁹ Ibidem, p.135.

diminuiriam com a evolução das redes a partir de um acesso amplo a essas ferramentas. Apesar de, ainda em 2026, ser possível observar essa perspectiva *tecno-otimista* sendo difundida por alguns setores da sociedade, em especial pelos grandes capitalistas mundiais associados às *BigTechs*, cada vez mais as redes têm sido analisadas como responsáveis por alguns dos principais problemas da sociedade contemporânea e do século XXI.

David Runciman reflete sobre a confiança excessiva que a humanidade vem depositando nas máquinas. Para o autor, o ato de confiar à tecnologia as decisões do dia a dia, que em um primeiro momento aparece como uma forma de tornar a vida mais fácil, acaba por gerar, mesmo que de forma inconsciente, uma dependência crescente dessas tecnologias. Segundo o autor,

A única coisa que nos liberta é o surgimento de uma tecnologia ainda mais acessível e imediata. Aí nos viciamos nela. A conveniência sem custo é sua própria maldição. Na versão política do pesadelo, nossa dependência dessa tecnologia nos deixa prontos para sermos explorados. Quem vai nos escravizar não serão os robôs assassinos. Bastam indivíduos inescrupulosos capazes de usar as máquinas em seu benefício. Em terra de dependentes da tecnologia, quem navega com esperteza é rei. E essa é a história de terror que hoje assombra a democracia ocidental.²¹⁰

Não se trata de demonizar as redes, mas de compreender que elas são controladas por grandes corporações orientadas pela busca por riqueza e influência, mesmo que isso implique fomentar desigualdades e gerar impactos profundamente negativos, inclusive ambientais. Os Estados, por sua vez, buscam lidar com esse poder desmedido, mas frequentemente esbarram na influência que esses grupos exercem no interior do próprio aparelho estatal. Nenhuma empresa existe sem algum grau de apoio e consentimento do Estado; contudo, no caso das Big Techs, essas corporações parecem ter alcançado um nível de poder e influência que dificulta a implementação de mecanismos efetivos de regulação. Nesse contexto, a atuação por meio de fortes lobbies torna-se central para a defesa de seus interesses e para a contenção de iniciativas regulatórias.

Para Runciman, no final do século XX predominava a visão de que as redes não pertenciam a ninguém, sendo gratuitas e ilimitadas, além de serem vistas como armas para o combate às autocracias e um trunfo para o fortalecimento da democracia. Apesar disso, hoje é possível observar as redes como ferramentas centrais de poder e um dos motivos da deterioração das democracias em diversas partes do globo. Em um mundo

²¹⁰ RUNCIMAN, David. *Como a democracia chega ao fim*. São Paulo: Todavia, 2018, p. 91.

viciado pela tecnologia, o microdirecionamento promovido pelas *BigTechs* e a onda de *fake news* se tornaram questões centrais da crise democrática contemporânea. Esses dois fatores foram inevitavelmente responsáveis pelo crescimento da extrema direita na internet e fora dela.

No documentário “O dilema das redes”,²¹¹ é denunciado como as *BigTechs*, por meio dos algoritmos, apesar de à primeira vista transmitirem ao usuário a sensação de controle absoluto, influenciam diretamente seus comportamentos e percepções. Em coletânea organizada por Sergio Amadeu da Silveira, Joyce Souza e João Francisco Cassino, é problematizado o que os autores denominam como “colonialismo de dados”, entendido como uma extensão do processo de extração global iniciado com o colonialismo histórico.²¹² Esse colonialismo de dados não necessita do uso direto da violência, uma vez que não cooperar significa a exclusão quase total da vida digital, e por conseguinte, da vida social. Para Débora Franco Machado, com a popularização dos *smartphones* e o uso crescente das redes sociais, essas novas ferramentas “assumem a função de ajudar o colonizador a controlar as ações dos colonizados, que estão localizados em territórios distantes e possuem culturas tão diferentes daquela de onde o colonizador opera”.²¹³

A internet, na atualidade, se apresenta como a principal arena de comunicação do país. Ao mesmo tempo, as novas mídias favoreceram o que a autora Leticia Cesarino denomina como uma “dinâmica antiestrutural”, que desestrutura a metacomunicação das sociedades e contribui para a propagação de movimentos da extrema direita.²¹⁴ Segundo sua hipótese, esses movimentos conseguiram ocupar e dominar tecnicamente esses ambientes. Segundo Cesarino,

Pela via da internet participativa, a direita alternativa foi ocupando novos nichos do mercado político a partir de suas margens, opondo-se não apenas ao campo progressista, mas também à direita convencional. [...] a capilarização das novas mídias junto à cognição dos usuários vem reduzindo a viscosidade

²¹¹ O DILEMA DAS REDES. Direção: Jeff Orlowski. Produção: Exposure Labs. Estados Unidos: Netflix, 2020. Documentário (94 min). Acesso em: 17 jan. 2026.

²¹² SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; SOUZA, Joyce; CASSINO, João Francisco (org.). *Colonialismo de dados e modulação algorítmica: tecnopolítica, sujeição e guerra neoliberal*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

²¹³ MACHADO, Débora Franco. A colonização dos dados como produto das operações das mídias sociais no sul global. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; SOUZA, Joyce; CASSINO, João Francisco (org.). *Colonialismo de dados e modulação algorítmica: tecnopolítica, sujeição e guerra neoliberal*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021, p. 58.

²¹⁴ CESARINO, Leticia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

dos sistemas sociotécnicos, permitindo que forças antiestruturais aflorem com mais rapidez e força do que teriam feito no ambiente pré-digital.²¹⁵

Nesse sentido, a FIB reconhece a importância da internet e se alimenta das “dinâmicas antiestruturais” da esfera digital. Desde sua fundação, a partir da presidência de Marcelo Silveira, que já tinha contato com a atuação nas redes através da sua experiência como presidente do CEDI, a FIB vem aperfeiçoando a sua utilização, sendo por muito tempo a organização neointegralista com maior atuação na internet. Em um período ainda de consolidação das redes sociais no Brasil, a FIB assumiu uma posição de destaque entre os movimentos políticos da extrema-direita nesse ambiente digital. Esse fato veio a contribuir para a consolidação da FIB dentro do neointegralismo e mesmo entre os grupos neofascistas brasileiros. Se no início essas redes desempenhavam um papel ainda predominantemente panfletário, a partir da Web 2.0, elas tiveram para a FIB como uma das suas principais funções a formação do militante neointegralista.

Segundo Alex Primo, a Web 2.0 seria a segunda geração de serviços online, somado a um novo processo de estratégias mercadológicas. Essa nova Web se caracterizaria pela potencialização das formas de comunicação, compartilhamento, organização e ampliação de espaços de interação. De acordo com o autor, “se na primeira geração da Web os sites eram trabalhados como unidades isoladas, passa-se agora para uma estrutura integrada de funcionalidades e conteúdo”.²¹⁶ Dessa forma, em uma Web 2.0, os blogs e sites não devem ser analisados a partir de uma perspectiva numérica, pois, poucos são aqueles que conseguem alcançar milhares de leitores.

Entretanto, não se pode concluir que trata-se de meio de pouca importância no cenário midiático. Através dos blogs, pequenas redes de amigos ou de grupos de interessados em nichos muito específicos podem interagir. Já a interconexão entre esses grupos pode gerar significativos efeitos em rede [...]. Logo, hoje na Web não apenas os grandes portais têm importância. Mesmo os blogs que reúnem pequenos grupos com interesses segmentados ganham peso na rede a partir de sua interconexão com outros subsistemas. Ou seja, o modelo informacional de um grande centro distribuidor de mensagens passa a competir com a lógica sistêmica da conexão de micro-redes. Em outras palavras, enquanto modelo massivo foca-se no centro, a Web 2.0 fortalece as bordas das redes.²¹⁷

De acordo com Laís Oliva, “a maneira como o movimento se define através das novas tecnologias da informação, demonstra que as redes sociais neointegralistas são um

²¹⁵ Ibidem p. 67-68

²¹⁶ PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *E-Compós*, v. 9, 2007. Disponível em: <https://e-compos.org.br/e-compos/article/view/153>. Acesso em: 20 jun. 2025, p. 2.

²¹⁷ Ibidem, p. 3-4.

mecanismo de organização e formação intelectual política do movimento”.²¹⁸ Atualmente, as principais redes da FIB incluem o YouTube, Twitter, WhatsApp, Telegram, além de seus sites oficiais. Cada uma dessas plataformas cumpre uma função específica dentro do planejamento e atuação da organização neointegralista.

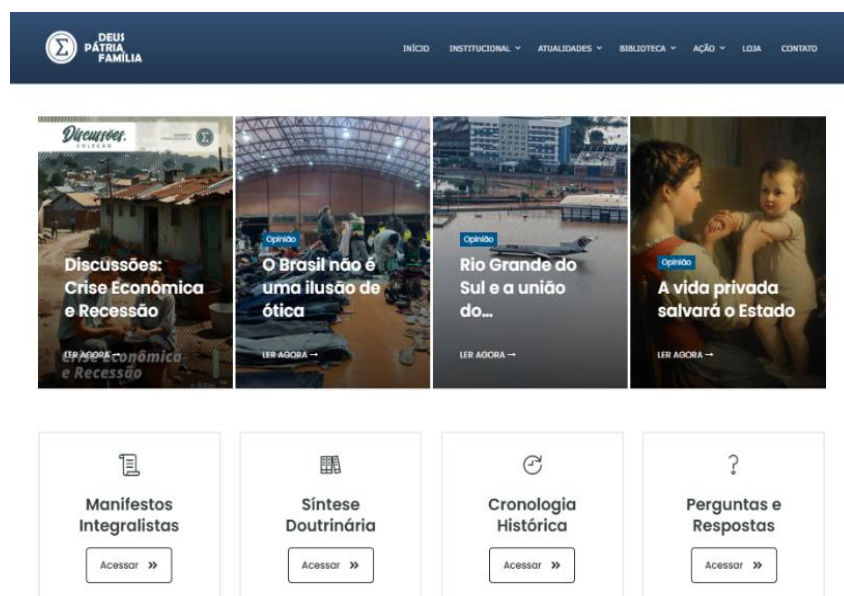
O site oficial da FIB se configura como o principal repositório digital de informações do grupo e exerce papel estratégico dentro do movimento. A plataforma centraliza o acesso às redes sociais da organização, veicula notas de opinião sobre temas da atualidade e funciona como canal de orientação organizacional direcionado aos militantes. Com um layout estruturado para facilitar a navegação, o site apresenta um cabeçalho fixo com o logotipo oficial do movimento, seguido por sete seções principais dispostas horizontalmente, cada uma contendo *sublinks* temáticos: Início; Institucional (com os subitens Apresentação, Direção Nacional, Conselho Diretivo, Notas Oficiais e Presença); Atualidades (Notícias, Opinião, Colunas, Vídeos); Biblioteca (Perguntas e Respostas, Doutrina, História, Compre Livros, Pesquisar no Portal); Ação (Calendário, Cadastro Nacional, Contribuição Financeira); além das seções Loja e Contato.

Logo abaixo do cabeçalho, encontram-se as quatro últimas publicações em destaque, apresentadas com imagens chamativas e tipografia marcante, funcionando como atalhos diretos. Na sequência, há quatro blocos com acessos rápidos para seções consideradas estratégicas pela FIB: Manifestos Integralistas, Sínteses Doutrinárias, Cronologia Histórica e Perguntas e Respostas.

A segunda parte da página inicial é dividida em três colunas. As colunas laterais, denominadas “Mais Destaque” e “Importante”, apresentam, respectivamente, seis publicações mais antigas que continuam a ser valorizadas e colocadas em posição de destaque pela organização. A coluna central retoma uma das publicações recentes já destacadas na parte superior da página, reforçando sua visibilidade. Logo abaixo, há uma fileira horizontal intitulada “Documentos”, na qual são disponibilizados conteúdos relacionados a biografias, depoimentos e produções de militantes históricos e lideranças locais.

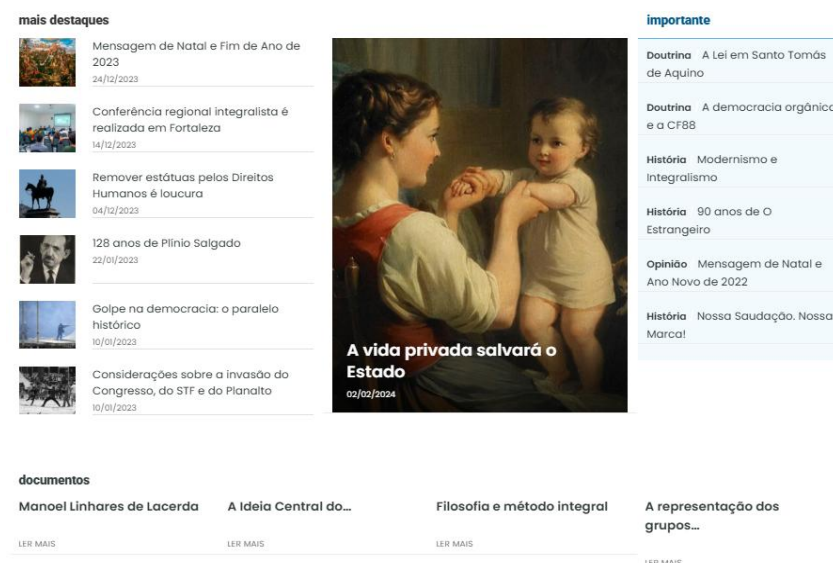
²¹⁸ OLIVA, Laís Charski de. *Os novos contornos do sigma: neointegralismo e projeto de sociedade e educação no Brasil do século XXI*. 2023. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023, p. 92.

Figura 7: Disposição da primeira parte do site da Frente Integralista Brasileira



Fonte: *Frente Integralista Brasileira*. Início. Sem ano. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

Figura 8: Disposição da segunda parte do site da Frente Integralista Brasileira

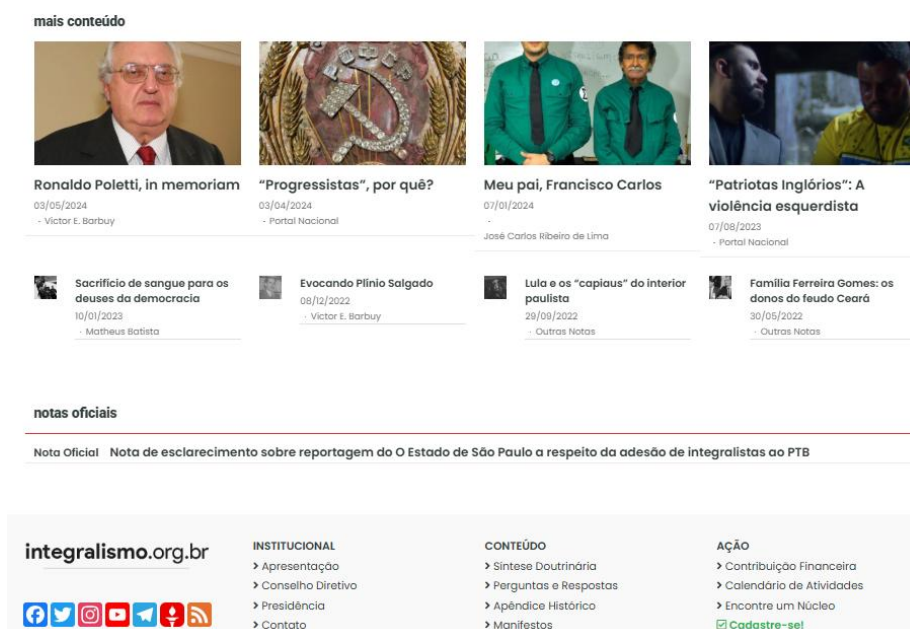


Fonte: *Frente Integralista Brasileira*. Início. Sem ano. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

Por fim, a seção “Mais Conteúdos” reúne oito publicações adicionais, sendo quatro com destaque visual maior e quatro com imagens de menor proporção. O rodapé

do site, também fixo, oferece acesso direto às redes sociais oficiais da FIB, que incluem: Facebook,²¹⁹ Twitter/X; Instagram, Youtube, Telegram, Gettr²²⁰ e Google Notícias.

Figura 9: Disposição da terceira parte do site da Frente Integralista Brasileira



Fonte: *Frente Integralista Brasileira. Início*. Sem ano. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

A partir do site oficial da FIB, é possível acessar também a Editora Nova Offensiva, que mantém vínculos diretos com o movimento. A editora atua na publicação de notas e artigos, além de se dedicar à reedição de obras de lideranças históricas da AIB, como Plínio Salgado, incluindo o *Manifesto de Outubro* e a publicação de livros de militantes da nova geração de neointegralistas, como Victor Barbuy, uma das principais lideranças da FIB. Segundo Gonçalves e Neto, “a Nova Offensiva funciona como um

²¹⁹ De acordo com nota divulgada pela FIB, as contas oficiais do grupo e de militantes do movimento foram banidas das redes META, por não seguirem os “padrões da comunidade”. O movimento acusa a META de alterar suas políticas e termos de uso com o objetivo de “enquadrar opositores ao pensamento libertário e neomarxista que domina o Vale do Silício”. O movimento salienta que essa prática vai contra os direitos da constituição nacional, causando danos materiais a membros da organização. PORTAL NACIONAL. *Facebook derruba contas de integralistas*. 16 jun. 2021. Disponível em: <https://integralismo.org.br/movimento/facebook-derruba-contas-de-integralistas/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

²²⁰ A rede Geetr foi lançada em 2021 por Jason Miller, ex-assessor de Donald Trump. A plataforma surgiu com a pretensão de substituir as redes tradicionais, que supostamente estariam censurando vozes da direita. A plataforma atraiu grupos e movimentos de extrema-direita, mas acabou não conseguindo se consolidar uma base ativa de usuários. A FIB, apesar de ter uma conta ativa, não chegou a realizar postagens na rede. NÚCLEO. *No Brasil, Gettr cresce em posts, mas não em engajamento*. Sem data. Disponível em <https://nucleo.jor.br/reportagem/2022-06-23-gettr-cresce-brasil-2022/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

órgão de divulgação do ideal integralista, assim como um canal de disseminação de notícias relacionadas com a FIB”.²²¹

Entre as estratégias de utilização do site FIB, destacou-se também a circulação de periódicos próprios, que visavam a difusão da doutrina e a articulação entre os núcleos regionais. O jornal *Ação*, lançado em 2011 com o mesmo nome do antigo periódico da década de 1930, apresentava, segundo Jefferson Barbosa, uma "arte gráfica superior aos demais boletins, informativos e jornais integralistas evidenciando a preocupação dos intelectuais do sigma em aperfeiçoar seus meios de comunicação”.²²² Além dele, foram publicados o boletim *Avante!*, pelo núcleo de Recife, e o boletim *Bandeira do Sigma*, coordenado pelo núcleo do Rio de Janeiro, sob responsabilidade de Jorge Figueira e revisão doutrinária de Sérgio Vasconcellos. Os militantes eram orientados a fazer cópias dos materiais e distribuí-los fisicamente, articulando antigos e novos meios de propaganda. No entanto, atualmente, essas revistas e boletins não se encontram mais disponíveis para acesso público no site oficial da organização.

O X, anteriormente conhecido como Twitter, é uma rede social de *microblogging* que permite aos usuários publicarem e interagirem com mensagens curtas, conhecidas como “posts” ou “tweets”. A rede social, adquirida em 2022 pelo bilionário Elon Musk por US\$ 44 bilhões, tem cerca de 230 milhões de usuários ativos.²²³ O X é uma das redes com maior atividade neointegralista, sendo uma ferramenta de contato, tanto entre militantes da FIB, quanto com outros grupos de extrema-direita. No X, o perfil ligado diretamente a FIB é o “Defesa do Integralismo” (@integralismo_). Atualmente, a conta possui um total de 2.267 seguidores, sendo possível observar a partir de uma análise dos seguidores uma grande variedade de perfis, que vão desde neointegralistas filiados ou não a FIB, monarquistas, neonazistas e nacionalistas de direita. A FIB segue atualmente 24 perfis, entre eles se destacam perfis de militantes e lideranças da FIB, tal como de núcleos locais, páginas de divulgação de imagens e citações da história do integralismo e grupos monarquistas. O X possui um lugar privilegiado entre as redes da FIB, com mais de 3.000 posts. A rede permite ataques a pesquisadores do integralismo, divulgação de encontros

²²¹ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas...* Op. cit., p. 174.

²²² BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma*. Marília: UNESP, 2012, p. 481.

²²³ G1. *Elon Musk e Twitter: a cronologia da primeira negociação até a compra da rede social*. 28 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/10/28/elon-musk-e-twitter-a-cronologia-da-primeira-negociacao-ate-a-compra-da-rede-social.ghtml>. Acesso em: 22. jul. 2025.

da FIB, anúncios de novas edições e publicações de livros do integralismo e aprofundamento da relação com outros grupos e personalidades da extrema-direita.

Figura 10: X/Twitter oficial da Frente Integralista Brasileira

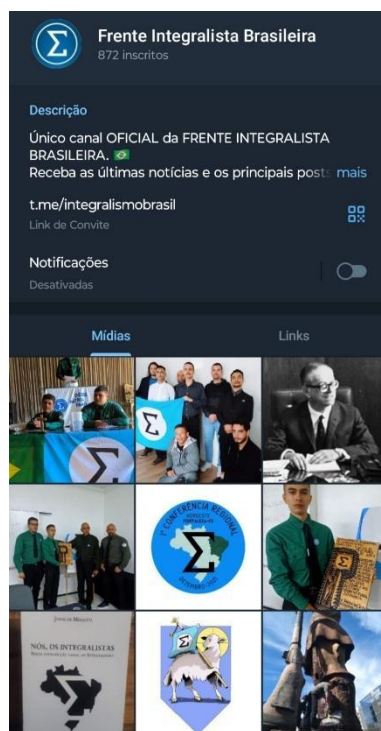


Fonte: X/Twitter, perfil @integralismo, sem data. Disponível em: <https://x.com/integralismo>. Acesso em: 05 jul. 2025.

O Telegram é um aplicativo de mensagens instantâneas que, em março de 2025, atingiu a marca de 1 bilhão de usuários ativos mensais, consolidando-se como uma das principais plataformas de comunicação digital em escala global. Reconhecido por seu foco em segurança e privacidade, o aplicativo oferece recursos como criptografia de ponta a ponta em conversas secretas, além de armazenamento em nuvem que permite a sincronização entre múltiplos dispositivos. Entre suas funcionalidades destacam-se ainda a possibilidade de criação de *bots* automatizados e canais de transmissão, que permitem a divulgação de conteúdos para um número ilimitado de seguidores. A FIB mantém um canal ativo na plataforma, atualmente com cerca de 873 inscritos. Embora não receba atualizações desde o ano de 2023, o canal permanece acessível e continua sendo divulgado em outras plataformas do grupo. Os conteúdos publicados incluem a reprodução de textos do site oficial da FIB, registros fotográficos de encontros organizacionais e solicitações de doações financeiras à instituição. É importante destacar que o canal tem caráter unidirecional: não há possibilidade de interação entre os militantes e a liderança do grupo, sendo as publicações restritas aos administradores e dirigentes da

organização. A diminuição da frequência de atualizações no Telegram da FIB coincide com o que pode ser interpretado como um processo de declínio da organização, observado sobretudo a partir do final de 2022.

Figura 11: Telegram oficial da Frente Integralista Brasileira



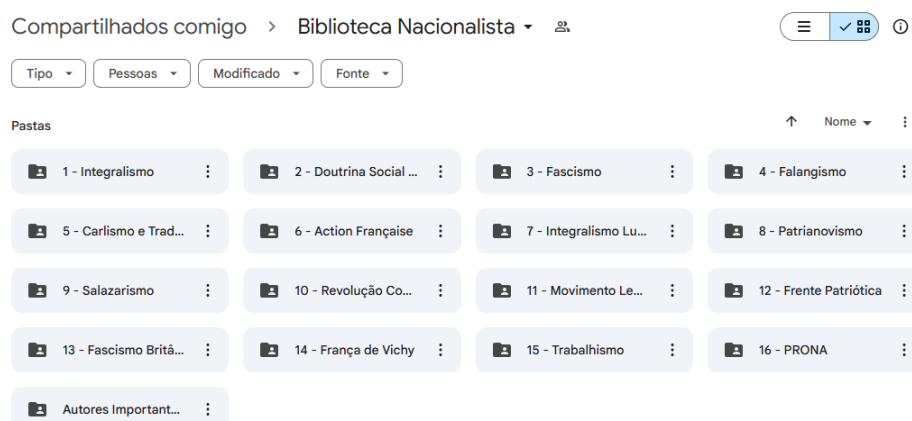
Fonte: Reprodução Telegram da FIB.

A FIB também mantém um repositório digital por meio da plataforma Google Drive, serviço de armazenamento e sincronização de arquivos em nuvem disponibilizado pelo Google. A ferramenta permite o armazenamento e compartilhamento de diversos tipos de conteúdo, como imagens, vídeos, áudios, livros e documentos. Inicialmente, o acesso ao diretório era “restrito, compartilhado apenas com integrantes da Frente Integralista Brasileira, ou com pessoas alinhadas à doutrina, mas não filiadas necessariamente”.²²⁴ Atualmente, contudo, o Drive passou a ser divulgado abertamente pelas redes sociais da FIB, tornando-se de livre acesso. Denominado “Biblioteca Nacionalista”, o diretório busca promover a circulação de conteúdos associados a diferentes vertentes do nacionalismo de direita. Nele são disponibilizados livros,

²²⁴ OLIVA, Laís Charski de. *Os novos contornos do...* Op. cit., p. 86.

discursos, propagandas, guias de leitura e outros materiais de autores considerados referência pelo movimento, sendo o Drive voltado principalmente à formação ideológica dos militantes da FIB.

Figura 12: Drive Biblioteca Nacionalista



Fonte: Reprodução Google Drive.

A biblioteca foi criada em 2019 com intuito de promover o estudo e facilitar o acesso às principais referências do integralismo e do nacionalismo de direita de maneira rápida e fácil. O Drive Nacionalista foi criado pelo militante Fellipe Alves Dohle, contudo, desde 2022, passou a ser atualizado por Matheus Batista. Batista é um militante integralista com ligações diretas com a FIB, sendo responsável pela escrita do prefácio do livro “*Nós, os integralistas: breve introdução geral ao integralismo*”, de Jonas Mesquita, uma das publicações da Nova Offensiva Editorial. É também autor da obra “*Cristo e Israel*”, livro integralista que, até o momento, encontra-se em fase de pré-venda. Segundo postagens divulgadas pela FIB, Batista é apresentado como o autor que, desde Gustavo Barroso, melhor teria compreendido e tratado a questão do Estado de Israel. Nessas mesmas publicações, a Nova Offensiva Editorial é indicada como responsável pelo lançamento da obra.²²⁵ Além disso, Matheus Batista escreveu artigos para o site oficial da FIB e integra o Conselho Deliberativo da organização, órgão composto por

companheiros de todo o Brasil, que tem como atribuição zelar pelo movimento, fiscalizar e acompanhar todo o trabalho de todos os demais órgãos da FIB. Cabe a ele, portanto, a avaliação e, se necessário, o veto a qualquer medida tomada por membros e dirigentes da FIB que firam os propósitos da

²²⁵ X/Twitter, perfil @integralismo, 10. jun. 2024. Disponível em: <https://x.com/integralismo/status/1800315109287624974>. Acesso em: 17. jan. 2026.

organização, seus estatutos e regimentos ou a Doutrina Integralista. Tem a responsabilidade de eleger periodicamente todos os cargos da Direção Nacional podendo decidir pela demissão de qualquer membro. Os membros do conselho prestam apoio a todas as diretorias diretamente ou indiretamente e têm prioridade para ocuparem cargos diretivos.²²⁶

Ao acessar a biblioteca é possível observar 17 pastas principais que abordam diversos aspectos dos respectivos grupos e movimentos. Sendo essas: Integralismo, Doutrina Social da Igreja (apesar de não ser exatamente um movimento ou grupo, é considerado essencial para a formação neointegralista), Fascismo, Falangismo, Carlismo e Tradicionalismo, Action Française, Integralismo Lusitano, Patrinovismo, Salazarismo, Revolução Conservadora, Movimento Legionário, Frente Patriótica, Fascismo Britânico, França Vichy, Trabalhismo, Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA), além de uma pasta de “autores Importantes (subsidiários)”. Para essa pesquisa, foram analisadas principalmente as pastas referentes ao Integralismo e ao Fascismo.

A pasta intitulada “1- Integralismo”, presente na Biblioteca Nacionalista, reúne um conjunto expressivo de 36 subpastas, das quais 29 são dedicadas a textos produzidos por autores vinculados diretamente ao integralismo brasileiro. Entre os nomes, destacam-se Plínio Salgado, Miguel Reale, Gustavo Barroso, Olympio Mourão Filho e Jader Medeiros. As subpastas destinadas às três principais lideranças históricas, Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso, recebem atenção especial, contendo livros, artigos e opúsculos, biografias e registros fotográficos. Além dessas, a pasta contempla seções específicas voltadas a “Documentos e Protocolos”, “Jornais”, “Revistas”, “Subsídios”, “Teses” e “arquivos audiovisuais”, compondo um acervo heterogêneo e voltado à preservação e circulação da memória integralista e formação do militante. Existe também uma subpasta dedicada a autores considerados de menor projeção dentro do movimento, reunindo arquivos relativos a 17 outras personalidades integralistas.

Durante a realização da pesquisa, foram analisados materiais iconográficos disponibilizados no "Drive Nacionalista". Esses materiais, em grande parte, consistem em documentos e imagens oriundos de acervos públicos, posteriormente digitalizados e reorganizados no Drive. Nesse sentido, é possível observar uma operação de "enquadramento de memória". Nesse processo, o movimento seleciona e difunde um determinado registro, atribuindo sentido específico e difundindo com diferentes

²²⁶ FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Conselho Diretivo Nacional*. Disponível em: <https://integralismo.org.br/conselho-diretivo-nacional/>. Acesso em: 17. jan. 2026

finalidades, sendo possível citar de forma mais direta a própria propaganda política do integralismo. Dessa forma, ainda que essas imagens tenham sido originalmente produzidas pelo integralismo e posteriormente preservadas por instituições arquivísticas, sua circulação a partir do Drive Nacionalista não é desprovida de intencionalidade.

A pasta “3- Fascismo” reúne textos de 15 autores centrais para a tradição fascista, incluindo Benito Mussolini. Assim como na pasta dedicada ao integralismo, há também uma subdivisão de “autores menores”, composta por textos diversos. O diretório ainda inclui uma pasta de periódicos e outra de arquivos iconográficos, contendo propagandas, filmes, vídeos e fotografias variadas.

A organização também disponibiliza, em suas redes sociais, um drive denominado “Biblioteca Regionalista”, no qual são reunidos textos de diferentes autores da literatura brasileira. O Drive Regionalista foi criado em março de 2022 por uma conta Google específica destinada a esse fim. Diferentemente do Drive Nacionalista, que recebe atualizações constantes, o Drive Regionalista teve sua última atualização no mesmo mês de sua criação, reunindo um acervo composto por cerca de 32 autores. Entre os nomes presentes no material disponibilizado, destacam-se Ariano Suassuna, Gilberto Freyre, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Gustavo Barroso e Plínio Salgado.

Os drives mantidos pela FIB exercem uma função pedagógica no processo de formação ideológica dos militantes neointegralistas. A organização, ao reunir e disponibilizar um conjunto de documentos e obras, atua diretamente na mediação do contato dos militantes com determinados referenciais, permitindo acesso rápido e fácil a conteúdos de difícil acesso na chamada *surface web*. Dessa forma, devem ser compreendidos como mecanismos de formação de base que contribuem para a construção do militante da FIB. Os Drives da FIB atuam a partir do contato direto com os outros meios de comunicação da FIB, em especial o Youtube. A partir da análise do Drive Nacionalista, do Drive Regionalista e das suas divulgações nas redes da FIB, é possível observar a centralidade desses instrumentos no processo de formação da militância.

Essa observação reforça a compreensão de que esses drives extrapolam a simples função de arquivo ou repositório documental, assumindo um papel ativo na formação política e ideológica dos militantes. Além disso, é interessante observar que se anteriormente o Drive era disponibilizado apenas para os militantes da FIB, hoje ele é aberto, sendo compartilhado por outros grupos conservadores, não necessariamente ligados ao integralismo, permitindo que mesmo aqueles que não busquem necessariamente o conteúdo integralista acabem se deparando com um acervo amplo e

organizado sobre o movimento. Ademais, assim como citado anteriormente, essa função pedagógica não se restringe ao acervo disponibilizado via Google Drive, estendendo-se também, e principalmente, ao YouTube.

Apesar da atenção dada para as redes digitais, de modo geral, a atuação da FIB no YouTube foi por muito tempo negligenciada. O primeiro canal oficial da FIB, “Integralismobrasil”, foi criado em 2009, com um total de nove vídeos e 18.865 visualizações, sendo posteriormente abandonada pelo grupo neointegralista. Posteriormente, foi criado o canal oficial atual da organização no YouTube, intitulado “Frente Integralista Brasileira” e que conta com aproximadamente 3,44 mil inscritos, seis vídeos publicados e acumula mais de 76 mil visualizações. A mudança de percepção sobre a relevância do YouTube para a organização se deu principalmente através da presidência de Moisés Lima. Nesse sentido, o vídeo mais popular do canal, intitulado “Integralismo no dia da Independência do Brasil”,²²⁷ foi publicado em 2020 e registra cerca de 33 mil visualizações e 1.209 comentários.

Figura 13: Canal do YouTube oficial da Frente Integralista Brasileira

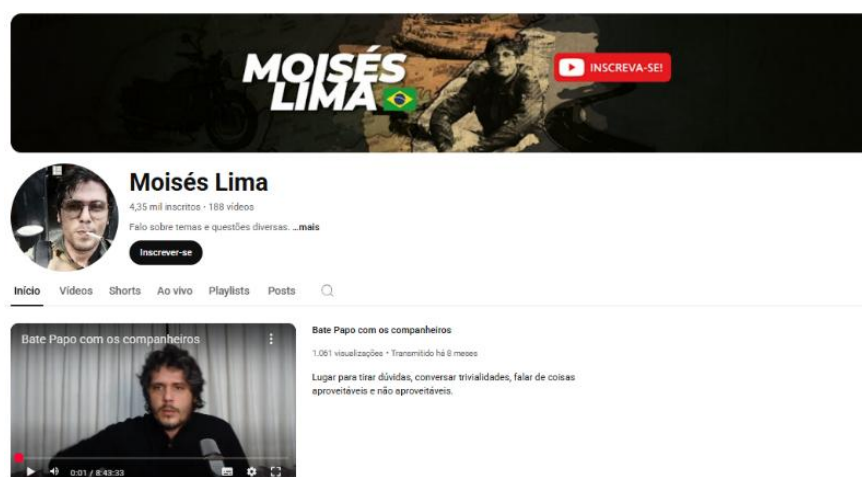


Fonte: FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. Página inicial do canal no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/@FrenteIntegralistaBrasileira>. Acesso em: 18 jun. 2025.

²²⁷ FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Integralismo no Dia da Independência do Brasil*, 07 set. 2020. São Paulo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ugj3s99xV0k>. Acesso em: 19 jun. 2025.

Nesse vídeo, é possível observar um cuidado muito maior na montagem e edição se comparado aos vídeos postados anteriormente no canal oficial, demonstrado uma mudança de postura em relação a plataforma de vídeos. No vídeo citado, é realizado a divulgação da participação de militantes da FIB em um ato simbólico realizado às margens do Rio Ipiranga, em São Paulo. No ato, discursos exaltando a soberania nacional são proferidos, bem como os tradicionais gritos de “Anauê” e o lema “Deus, Pátria e Família”. O conteúdo geral do canal inclui vídeos que vão desde abordagens sobre o passado do integralismo até registros de manifestações públicas do grupo.

Figura 14: Canal do YouTube de Moisés Lima



Fonte: LIMA, Moisés. Página inicial do canal no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Mois%C3%A9sLimaFIB>. Acesso em: 18 jun. 2025.

No entanto, apesar da existência de um canal oficial da FIB no YouTube, o canal com maior frequência de postagens e maior alcance é o de seu principal dirigente, Moisés Lima. Com aproximadamente 4,35 mil inscritos, o canal contabiliza um total de 188 vídeos e mais de 237 mil visualizações. Amplamente divulgado nas redes sociais e nas plataformas oficiais da FIB, o canal exerce um papel central na difusão da doutrina integralista, na defesa pública da organização e na formação do militante. Atualmente presidente da organização, Lima busca passar uma imagem jovial e por vezes rebelde em seus vídeos e discursos acalorados. O vídeo mais visto do canal, intitulado “INTEGRALISTAS ESTÃO DE VOLTA!”,²²⁸ acumula cerca de 20 mil visualizações e

²²⁸ LIMA, Moisés. *INTEGRALISTAS ESTÃO DE VOLTA!* 19 dez. 2019 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4kq4OUNWifo>. Acesso em: 19 jun. 2025.

872 comentários. Nele, Moisés Lima aparece trajando a tradicional camisa verde integralista, respondendo matérias jornalísticas que circularam em 2020.²²⁹

Ao longo do vídeo citado, Moisés Lima busca rebater o que ele afirma ser uma série de acusações infundadas dirigidas à FIB e ao neointegralismo. No vídeo, diversas questões importantes para a FIB e trabalhadas de maneira mais aprofundada em outros momentos são levantadas e respondidas. Inicialmente, Moisés Lima recusa a afirmação de que o "integralismo está de volta", pois, segundo ele, nunca houve uma ruptura doutrinal definitiva no movimento. Assim, repudia também o uso do termo "neointegralismo", argumentando que o integralismo contemporâneo se trata de uma continuidade do integralismo histórico, e não de uma nova fase ou reformulação.²³⁰

Durante o vídeo, contesta a interpretação de que o recente crescimento do movimento seria impulsionado por uma onda de radicalização política. O avanço do integralismo se explicaria, na verdade, por um "despertar nacional" e pelo maior acesso às "fontes primárias" do pensamento integralista. Por fim, Moisés Lima rejeita a classificação do movimento integralista como fascista ou antissemita, acusando seus críticos de serem detratores do integralismo travestidos de historiadores. O ataque aos historiadores é recorrente nos conteúdos da FIB, sendo comum a utilização do termo "pseudo-historiadores" para deslegitimar trabalhos acadêmicos que enquadram o integralismo e o neointegralismo nas tradições do fascismo. Segundo Tainá Cardoso, "mais do que estas releituras, negacionismos e tentativas de distanciamentos, a 'guerra contra historiadores' é também uma constante dentro do plano nacional neointegralista no contexto do uso da internet".²³¹ Em vídeo denominado "O que é o Integralismo?", Moisés Lima afirma que

Integralismo se aprende com integralistas. O fato é que o integralismo é deturpado, deturpado por pseudo-historiadores como também por pseudo-integralistas que acreditam nos pseudo-historiadores e ficam dando mal exemplo. Então se você quer conhecer o integralismo verdadeiro, você precisa conhecer as obras escritas por integralistas verdadeiros e no mínimo você precisa conhecer a Frente Integralista Brasileira.²³²

²²⁹ O vídeo é uma resposta principalmente a reportagem feita pelo Estadão. FUCS, José. *Integralistas estão de volta e resgatam camisas verdes*. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 dez. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/integralistas-estao-de-volta-e-resgatam-camisas-verdes/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

²³⁰ A escolha e definição do conceito de neointegralismo para classificar a FIB foi defendida e pode ser encontrada no segundo capítulo dessa dissertação.

²³¹ CARDOSO, Tainá Agostinho. *O neointegralismo entre as...* Op. cit., p. 77.

²³² LIMA, Moisés. *O que é Integralismo?* YouTube, 01 fev. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rk8Lbg2yK0Y&t=1s&ab_channel=Mois%C3%A9sLima. Acesso em: 20 jun. 2025.

O canal de YouTube mantido por Moisés Lima opera não apenas como veículo de divulgação do movimento neointegralista, mas também como uma ferramenta sistemática voltada à formação ideológica e doutrinária de seus militantes. A produção de conteúdo é extensa e diversificada, abrangendo diferentes formatos e objetivos. Entre os materiais disponibilizados, destacam-se minicursos, audiolivros, transmissões ao vivo (lives), análises de entrevistas (*reacts*), comentários sobre acontecimentos em pauta na mídia e registros de participações públicas da FIB. Esses conteúdos possuem o intuito explícito de formar e "blindar" os novos militantes contra aquilo que a FIB classifica como "mentiras divulgadas pela mídia tradicional".

Dentre os materiais de caráter formativo, destacam-se os vídeos classificados como minicursos, entre os quais se encontram: Minicurso: A Quarta Humanidade; Minicurso: Doutrina e Tática Comunista e Minicurso: Integralismo. O primeiro é composto por três vídeos que totalizam aproximadamente 2 horas e 50 minutos, nos quais Moisés Lima explora o conceito da "Quarta Humanidade", derivado da obra homônima de Plínio Salgado. Segundo Lima, o objetivo do curso é colaborar com os estudos dos interessados no integralismo, refutando aquilo que chama de "mentiras de homens medíocres do passado e do presente".²³³ Durante o curso, Lima busca estabelecer uma ligação direta do integralismo com a Igreja Católica. Como argumentos favoráveis, cita elogios do Papa Pio XII ao movimento e uma suposta aparição da Virgem Maria em Pernambuco, onde ela teria dito que não se devia temer o integralismo. Nesse sentido, é perceptível que a validação do integralismo pela instituição e símbolos católicos é importante para a FIB como uma forma de legitimação do próprio movimento. O curso se fundamenta principalmente em dois livros de Plínio Salgado: *A Quarta Humanidade* e *Os Direitos e Deveres do Homem*. Moisés Lima realiza leituras interpretativas desses textos, oferecendo explicações destinadas aos militantes e fazendo conexões com outras obras do "chefe", como é comum ao se referirem à figura de Plínio Salgado. Ao longo das aulas, enfatiza-se a missão espiritual do integralismo de instaurar uma nova era, a "Quarta Humanidade", pautada na tríade "Deus, Pátria e Família". As críticas ao marxismo são recorrentes durante o curso, assim como a rejeição à frase que se popularizou nas eleições de 2018, principalmente a partir do bolsonarismo, "conservador

²³³ LIMA, Moisés. *A Teoria dos Movimentos Humanos - a quarta humanidade (Parte I)*. YouTube, 03 nov. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9kAtGFHvLPY&ab_channel=Mois%C3%A9sLima. Acesso em: 20 jun. 2025.

nos costumes e liberal na economia”, a qual Lima qualifica como um caminho direto para o comunismo.

O segundo curso, intitulado “Doutrina e Tática Comunista”, possui cerca de 1h40 min de duração, distribuído em três vídeos. Embora classificado como “minicurso”, trata-se, na prática, de um audiolivro narrado por Lima, que reproduz a obra homônima de Plínio Salgado. O texto original também é disponibilizado para leitura no chamado “Drive Nacionalista”. A ausência de comentários ou acréscimos por parte de Lima não é vista como limitação pela organização, que considera a doutrina integralista completa, cabendo aos atuais militantes apenas o papel de apresentar e guiar os demais por seus fundamentos.

O minicurso mais acessado e considerado mais relevante pelo canal é o “Mini-Curso: Integralismo”, composto inicialmente por cinco vídeos que somam cerca de 1 hora de duração. Trata-se de uma introdução aos principais elementos da doutrina integralista, com linguagem acessível e caráter didático, voltado especialmente para novos simpatizantes. Esse curso acumulava, até a data de observação, aproximadamente 7 mil visualizações. Além dos cinco vídeos postados inicialmente, posteriormente outros vídeos foram adicionados a playlist do minicurso totalizando doze vídeos.

No vídeo de abertura do minicurso, intitulado “O verdadeiro Integralismo de Plínio Salgado (Introdução)”,²³⁴ Moisés Lima afirma que a série de vídeos surgiu da necessidade de oferecer uma introdução sistematizada ao pensamento integralista. Segundo ele, o crescimento da FIB tem gerado o ressurgimento de acusações infundadas a respeito do caráter do movimento, em especial a recorrente associação do integralismo ao fascismo²³⁵. Para o líder neointegralista, o fato de Salgado ser um católico fervoroso já seria, por si só, suficiente para afastá-lo de qualquer filiação ao fascismo. Essa constatação não está ancorada na realidade, visto que diversos nomes e lideranças cristãs chegaram a aderir tanto ao fascismo italiano, quanto ao alemão. A figura de Deus como guia supremo do destino dos povos é recorrentemente evocada ao longo do curso, evidenciando o caráter espiritual que a FIB busca conferir como base de sua doutrina. Nesse sentido, Lima contrapõe o integralismo tanto ao liberalismo quanto ao comunismo, acusando o primeiro de ser indiferente à religião e o segundo de negá-la frontalmente.

²³⁴ Lima, Moisés. *O Verdadeiro Integralismo de Plínio Salgado (introdução)*. YouTube, 28 out. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZOjf7o0XCQ8&t=89s&ab_channel=Mois%C3%A9sLima. Acesso em: 19 jun. 2025.

²³⁵ A interpretação do integralismo como um movimento fascista já foi realizado nessa pesquisa e pode ser encontrado no primeiro capítulo.

Dessa forma, a espiritualidade, portanto, é apresentada como um dos pilares fundamentais que distinguiria o integralismo e a FIB das demais ideologias e grupos políticos.

Figura 15: Arte religiosa postada no Telegram da FIB



Fonte: Reprodução Telegram.

Além do audiolivro *Doutrina e Tática Comunista*, a FIB disponibiliza outros títulos centrais para a formação ideológica dos militantes, também narrados por Moisés Lima. Entre eles, podemos destacar *O Estrangeiro* (1926), romance modernista de Plínio Salgado exaltado pela FIB como “o maior poema em prosa do modernismo brasileiro”.²³⁶ *O Esperado*, publicado em 1931, momento em que Plínio Salgado vivia uma fase de transição, “preocupado com as transformações vivenciadas pela sociedade brasileira, o romance já indica alguns elementos que iriam fazer parte de sua ideologia integralista”.²³⁷ *A Quarta Humanidade*, livro basilar para a ideologia integralista e constantemente referenciado pela FIB, em que Salgado aprofunda sua visão espiritualista da história, dividindo-a em eras, propondo a vinda da “quarta humanidade”, um novo ciclo em que o espírito prevalece sobre a matéria.

Soma-se a esse conjunto doutrinário a escolha da FIB por divulgar as encíclicas *Rerum Novarum* (1891) e *Quadragesimo Anno* (1931), documentos fundamentais da Doutrina Social da Igreja. De modo geral, as encíclicas criticam o liberalismo econômico e o socialismo, defendendo um modelo de sociedade baseado na justiça social, na harmonia entre as classes, na propriedade privada e na centralidade de Deus.

As transmissões ao vivo realizadas no canal de Moisés Lima abordam uma variedade de temáticas relacionadas, sobretudo, ao tempo presente. Essas lives contam

²³⁶ BARBUY, Victor. *90 Anos de O estrangeiro*. 31 out. 2016. Disponível em: <https://integralismo.org.br/historia/90-anos-de-o-estrangeiro/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

²³⁷ SANTOS, Robson dos. *A estética política: literatura e sociedade em O Esperado*, de Plínio Salgado. *Revista Urutagua*, n° 12, abril/julho 2007. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/012/12santos.htm>. Acesso em: 19 jun. 2025.

com a participação de convidados ligados à própria FIB, tratando de temas caros ao neointegralismo como o aborto, a relação do integralismo com o fascismo e assuntos em evidência no período, como a “uberização”. Dentre os interlocutores recorrentes, destaca-se Sérgio Vasconcellos, militante histórico do movimento, com passagem por diversas organizações integralistas e ampla produção textual em defesa da doutrina. Vasconcellos, oriundo de uma família de integralistas, é atualmente um dos principais nomes da FIB, autor de obras publicadas e responsável por diversos artigos divulgados no site oficial da organização. Segundo Neto e Gonçalves, Vasconcellos coordena uma “blogosfera integralista”, composta por uma rede de blogs interligados que, segundo o próprio Vasconcellos, têm por finalidade sistematizar uma visão homogênea do neointegralismo.²³⁸

Em uma *live*, intitulada “Existe neointegralismo?”, Vasconcellos e Lima respondem diretamente às teses apresentadas no livro “*O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*”, publicado pelos historiadores Odilon Caldeira Neto e Leandro Pereira Gonçalves.²³⁹ Trata-se de uma tentativa explícita de deslegitimar as produções historiográfica sobre o movimento, por meio de ataques aos pesquisadores da área. Um dos principais pontos da narrativa construída por Vasconcellos e Lima consiste na negação de qualquer tipo de conflito interno na história do integralismo, seja entre suas principais lideranças, Plínio Salgado e Gustavo Barroso, seja entre diferentes grupos e interpretações surgidas posteriormente. Paradoxalmente, embora rejeite o conceito acadêmico de “neointegralismo”, Vasconcellos propõe uma redefinição do termo, aplicando-o pejorativamente a outros grupos neointegralistas que, em sua visão, corromperiam a “doutrina original”. Segundo ele, esses grupos muitas vezes defendem pautas como a legalização das drogas, o aborto, a aproximação com a maçonaria ou a desvinculação do integralismo da religiosidade cristã, elementos que seriam incompatíveis com os princípios do movimento integralista.²⁴⁰ Esses grupos contribuiriam, em última instância, para a legitimação das análises produzidas por aquilo que classificam como “pseudo-historiadores”. Como citado anteriormente, é comum a disputas e ataques entre os diferentes grupos neointegralistas, sendo uma característica

²³⁸ GONÇALVES, Leandro; NETO, Odilon. *O fascismo em camisas...* Op. cit.

²³⁹ LIMA, Moisés. *EXISTE NEOINTEGRALISMO?* YouTube, 12 jul. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e7uP2GeOxM0&ab_channel=Mois%C3%A9sLima. Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁴⁰ As disputas entre diferentes grupos neointegralistas são uma constante dentro do movimento, no caso da FIB, é possível observar principalmente críticas direcionadas a MIL-B.

basilar do movimento. Vasconcellos também aparece em outras *lives* que tratam de temas como a incompatibilidade do integralismo com a maçonaria, a possibilidade da implementação do integralismo em um regime monárquico e as eleições de 2022.

Figura 16: Banner de divulgação do curso disponibilizado pela FIB



Fonte: *Inscrição EAD- 2015/4*. Sem Data. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScx9xkUqNP5rPKb0ZP7lP34X2IXhHRKA87U2H2sOo18Gq7Hw/viewform>. Acesso em: 19 jun. 2025.

Além da coordenação de blogs integralistas e participação em lives da FIB, Sérgio Vasconcellos foi um dos principais responsáveis pelo “curso básico de doutrina integralista”. O curso foi lançado como uma parceria da CPS e da FIB em uma plataforma conjunta de Ensino à Distância (EAD), denominada Instituto Plínio Salgado (IPS). De acordo com a FIB, o IPS teve como objetivos

a qualificação e o aperfeiçoamento intelectual dos membros da Frente Integralista Brasileira, para que eles possam, fundamentadamente, conquistar a superioridade do conhecimento em seu meio, progressivamente, até a conquista efetiva dos corações do Brasil através de nossas ideias. A história do Integralismo exige a retomada de bandeiras para a perfeita definição de sua identidade ideológica. Com seus quadros qualificados politicamente, o movimento se prepara para uma nova fase de conquistas no século XXI. É nesse contexto que o IPS lança a partir de 2009 uma série de cursos de formação política, como os referentes a Doutrina Integralista, entre outros, como os cursos de Humanas que serão oferecidos como base complementar para o aperfeiçoamento individual.²⁴¹

O curso foi lançado em 2015 e teve como objetivo instruir os militantes a respeito dos conceitos considerados fundamentais da doutrina integralista. O curso era dividido em doze lições, com tempo de duração de três meses. Os inscritos recebiam uma chave de acesso por e-mail para acessar os conteúdos. O militante Eduardo Ferraz foi creditado

²⁴¹ FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. Apresentação. IPS. Disponível em 24 jul. 2009. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20101228180121/http://integralismo.org.br/ead/mod/resource/view.php?id=4>. Acesso em: 19 jun. 2025.

como coordenador do projeto e Sérgio de Vasconcellos, na época secretário nacional de Doutrina, como elaborador e principal professor do curso.

O Curso Básico de Doutrina Integralista evidencia, mais uma vez, a preocupação da FIB em divulgar sua ideologia ao grande público e, sobretudo, em formar ideologicamente seus militantes. O objetivo não se limita à propaganda, mas consiste na consolidação de uma base doutrinária sólida, por meio da transmissão sistematizada dos princípios do integralismo, frequentemente mediada pelo contato com representantes de gerações anteriores do movimento.

Apesar desta pesquisa se restringir principalmente ao recorte cronológico que se encerra em 2022, com a derrota eleitoral de Jair Messias Bolsonaro, momento em que a FIB ainda se mostrava ativa nas redes, é possível afirmar que, sobretudo a partir de 2023, a FIB praticamente cessou suas atividades nas redes sociais. Como citado anteriormente, até 2022, o Telegram da FIB realizava postagens frequentes, no entanto, pós a virada do ano, foi possível observar apenas duas postagens oficiais da organização, uma relacionada à tentativa de golpe de janeiro de 2023 e outra referente aos “opositores do integralismo”.

A última postagem no canal oficial da FIB, veículo que assumia uma posição complementar ao de Moisés Lima, data de 17 de junho de 2022, não havendo postagens posteriores. O canal Moisés Lima, principal espaço de formação dos militantes neointegralistas, e que em seu momento de auge chegou a publicar mais de dois vídeos por mês, com número relevante de visualizações para uma organização com poucos membros oficiais como a FIB, manteve postagens até 2024. Em 30 de outubro de 2024 foi publicada a última parte da leitura do livro *O Esperado*, de Plínio Salgado.

O site oficial da organização, apesar de não receber atualizações frequentes desde 2023, permaneceu ativo. No entanto, a partir de 2025, passou a apresentar instabilidades, ficando fora do ar de forma recorrente. A partir de janeiro de 2026, o site encontra-se sem possibilidade de acesso direto. Ainda que exista a chance de retomada do site, o tempo prolongado fora do ar e a ausência de atualizações indicam o grau de desmobilização no interior da FIB. O Twitter ainda permanece ativo, realizando principalmente repostagens de outras páginas, contudo, a baixa atuação do perfil é visível, sendo o último post próprio datado de maio de 2025.

Ao analisar exclusivamente as suas redes, é possível observar que, desde sua fundação, ainda sob a liderança de Marcelo Silveira, a FIB tratou a web como uma de suas principais ferramentas para o crescimento da organização. Se em um primeiro momento essa atuação esteve voltada principalmente para um papel panfletário,

progressivamente passou a ser mobilizada no sentido da formação do militante neointegralista. As postagens nas redes da FIB tinham como objetivo furar a bolha neointegralista e atingir novos públicos. Nesse sentido, postagens relacionadas a temáticas em evidência e a divulgação do que esta pesquisa denomina como “performances políticas” foram essenciais para o crescimento da FIB nas redes. A partir do mandato de Victor Barbuy e, sobretudo, de Moisés Lima, as redes passaram a ser direcionadas principalmente para a mobilização e a formação de militantes neointegralistas, sobretudo por meio do Drive Nacionalista e do YouTube, responsável pela produção de diferentes “mini cursos”. Apesar disso, é possível afirmar que a entrada no YouTube, principalmente em 2020 através do canal de Moisés Lima, ocorreu de forma tardia em relação a outros grupos da extrema direita. O movimento chegou a tentar ingressar em outras redes em ascensão, como o TikTok, mas não obteve sucesso. O resultado inexpressivo demonstrou que a FIB não conseguiu se adequar a dinâmica de atuação das novas direitas e perdeu a hegemonia na atuação digital mesmo no interior do neointegralismo brasileiro.

3.4- A presença nas ruas: ações públicas e performances políticas

Apesar da forte atenção dedicada ao campo digital, fator que possibilitou o crescimento do movimento e, por um período, garantiu uma posição de destaque em relação a outros grupos neointegralistas, a FIB também buscou atuar por meio de ações públicas. Essas iniciativas ocorreram em diferentes contextos e não se restringiram ao universo neointegralista, aproximando o movimento de outros grupos da extrema-direita. A partir da pesquisa, foi possível constatar que, ainda em 2006, a FIB já movimentava seus militantes para manifestações públicas. Em postagem realizada em 2006, a FIB convocou, para o dia 15 de julho, uma ação de panfletagem simultânea nos seus núcleos contra o então presidente Luís Inácio Lula da Silva.²⁴² No site oficial foi divulgado uma postagem com o símbolo do Sigma realizando um chamado para a atuação dos seus militantes através da panfletagem, com a legenda “O que é isso presidente LULA” (figura

²⁴² FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Ação coordenada simultânea em todos os núcleos*. Sem Data. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20060701053027/http://www.integralismo.org.br:80/novo/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

18). O panfleto integralista se inspira na arte soviética conhecida como “Livros!” (figura 17), produzida por Aleksandr Rodchenko no contexto do construtivismo soviético.²⁴³

Figura 17: Arte Soviética



Fonte: BURIL, Bárbara. Arte: da vanguarda ao Realismo Socialista. *Revista Continente*, 1 maio 2017. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/197/arte--da-vanguarda-ao-realismo-socialista>. Acesso em: 17 jan. 2026.

Figura 18: Divulgação de panfletagem contra o governo Lula



Fonte: Frente Integralista Brasileira. *Ação coordenada simultânea em todos os núcleos*. Sem Data. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20060701053027/http://www.integralismo.org.br:80/novo/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

A FIB recorre com frequência a referências visuais e textuais oriundas do socialismo, satirizando ou se apropriando de símbolos e slogans de forma estratégica. Um

²⁴³ O cartaz original tinha como objetivo divulgar a editora estatal e estimular a leitura como instrumento de formação. Em sua composição visual, destaca-se ao centro a figura de uma mulher em posição lateral, representada em atitude de proclamação, gritando a palavra “Livros!”.

dos exemplos mais conhecidos dessa prática é o texto intitulado “*Um fantasma ronda o Brasil*”, que retoma de maneira direta a frase emblemática do Manifesto Comunista, ressignificando e satirizando para se referir ao crescimento da FIB no período de 2013.

A panfletagem foi uma prática recorrente dentro da FIB, principalmente nos primeiros anos de atuação. É frequente a sua mobilização em datas simbólicas da história nacional, especialmente aquelas que exaltam o patriotismo e a construção da identidade brasileira, como o 7 de setembro. De acordo com Neto e Gonçalves, nesses eventos, muitas vezes “os integralistas dividiam espaços com grupos *skinheads*, intervencionistas e outras células de pequenos grupos nacionalistas”.²⁴⁴ Nessas ocasiões, o movimento costuma organizar ou participar de atos públicos, manifestações e caminhadas, muitas vezes empunhando a bandeira azul e branca com o símbolo do Sigma. Em 2008, a FIB convocou seus militantes para uma ação nacional simultânea de propaganda no Dia da Independência, mobilizando todos os seus núcleos regionais. Posteriormente, segundo a FIB, nas passeatas realizadas nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, teriam sido distribuídos aproximadamente 12 mil panfletos.²⁴⁵ Ainda, segundo o grupo, o núcleo paulistano contou com a participação de mais de 30 militantes na ocasião.

Figura 19: Ação de Propaganda da FIB no dia 7 de setembro de 2008



Fonte: Frente Integralista Brasileira. *7 de setembro pelo Brasil*. FIB. 08 set. 2008. Disponível em: <https://www.web.archive.org/web/20080913010303/http://www.integralismo.org.br:80/novo/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁴⁴ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes...* Op. cit., p. 181.

²⁴⁵ FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *7 de setembro pelo Brasil*. FIB. 08 set. 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080913010303/http://www.integralismo.org.br:80/novo/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

Ainda em 2008, o entendimento da necessidade de manifestações públicas levou alguns militantes da FIB a fundarem uma “linha de frente” neointegralistas, conhecida como “Brigadas Integralistas”. As Brigadas Integralistas foram um grupo da FIB que tinha como objetivo ampliar a atuação prática do movimento para além da formação doutrinária. Lançadas em 25 de agosto de 2008, atuaram principalmente na cidade de São Paulo, organizando manifestações públicas e panfletagens. Segundo Jefferson Barbosa, as Brigadas Integralistas, “representavam uma proposta de segmento de mobilização e ação”.²⁴⁶ No entanto, por conta de divergências internas, o grupo se desvinculou da FIB no ano seguinte.

Ao longo de toda a trajetória da FIB, um dos principais focos de mobilização foram as críticas ao PT. Dessa forma, o movimento se mostrou presente em diversas manifestações contra os governos petistas. Em postagem datada de 2007, a FIB convocou seus militantes para participar de um ato contra o governo Lula no Forte do Leme, no Rio de Janeiro. A manifestação foi organizada pelo movimento “A Grande Vaia”, e teve representantes de diversas organizações e partidos da direita, como o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Em uma citação presente na postagem a seguinte convocação era compartilhada pela FIB: “Não adianta ficar apenas reclamando, temos que ir para as ruas mostrar nossa indignação: afinal eles são nossos REPRESENTANTES e tem que dar satisfação a todo povo brasileiro!”.²⁴⁷

É possível observar a presença da FIB também em manifestações “pró-vida”, eventos organizados por grupos conservadores e que tem como objetivo demonstrar posição contrária a pautas como a descriminalização do aborto. Em panfleto divulgado pela FIB, “Em defesa pela Vida”,²⁴⁸ compartilhado para ser distribuído em uma manifestação contra o aborto de 2009, é possível observar narrativas sensacionalistas e conspiratórias. De acordo com o texto, desde o “Relatório Kissinger” de 1974, os Estados Unidos e outras potências imperialistas estariam promovendo um plano global de controle populacional, tendo como principal instrumento a legalização do aborto. A ONU e a mídia são apresentadas como cúmplices desse projeto, sendo acusadas de defender “a matança de inocentes” sob o falso pretexto de que o aborto seria um problema de saúde pública.

²⁴⁶ BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma*. Marília: UNESP, 2012, p. 615.

²⁴⁷ FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Passeata fora Lula!!!* FIB. 12/09/2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070927164730/http://www.integralismorio.org/>. Acesso em: 16 jun. 2025

²⁴⁸ FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Panfleto Defesa da Vida*. FIB. Disponível em: http://www.integralismo.org.br/novo/mod_dl.php?arquiv=panfletodefesavida.pdf. Acesso em: 21 jun. 2025.

O texto se vale de expressões como “genocídio silencioso” e afirma que o aborto mata “quase tantas pessoas quanto a II Guerra Mundial inteira”, comparações desproporcionais que buscavam causar impacto. Ao mesmo tempo, a FIB se coloca como defensora da vida, convocando os participantes da manifestação a se filiar ao movimento. Nesse sentido, é possível afirmar que a FIB busca aproveitar as manifestações conservadoras e de direita que participa para atrair novos filiados e trazer novos adeptos ao neointegralismo. Além disso, para Leandro Gonçalves e Odilon Neto, os neointegralistas nesses momentos, “divulgavam os ideais, criavam relações com outros grupos e mostravam que eram uma das organizações para os conservadores e nacionalistas que se relacionavam com eles”.²⁴⁹

Não é objetivo desta pesquisa realizar uma análise aprofundada sobre as Jornadas de Junho de 2013 e os eventos políticos que as sucederam, como o golpe de 2016. No entanto, para compreender a atuação da FIB durante esse período, é necessário contextualizar brevemente esse momento histórico. Após dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso, marcados por intensos processos de privatização, aprofundamento de uma política econômica liberal e pela retirada de direitos sociais, a eleição do ex-metalúrgico e líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva, pelo PT, representou uma nova esperança para a esquerda brasileira. Porém, diferentemente do que muitos esperavam, o governo petista adotou uma postura de compromisso com o capital financeiro, ainda que tenha expandido programas de assistência social, apostando em uma estratégia de conciliação.²⁵⁰ Ao término de seus dois mandatos, a popularidade de Lula era suficientemente alta para que indicasse sua sucessora, Dilma Rousseff. O governo Dilma, porém, transcorreu em um cenário significativamente mais adverso, marcado pela crise econômica mundial, dificuldades de articulação política, críticas muitas vezes desproporcionais da grande imprensa e escândalos de corrupção relacionados às obras da Copa do Mundo. Nesse contexto, intensas manifestações passaram a ocorrer em diversas regiões do país, com maior concentração na cidade de São Paulo, inicialmente convocadas pelo Movimento Passe Livre (MPL). Se em um primeiro momento a grande mídia se posicionou de forma contrária às manifestações, exigindo uma postura enérgica das prefeituras e governos estaduais, o tamanho das manifestações e a escalada da

²⁴⁹ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes...* Op. cit., p. 183.

²⁵⁰ ALMEIDA, Gelsom Rozentino de; CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta (Orgs). *Miragem do Brasil: dos governos do PT ao golpe de 2016 e à ascensão conservadora*. Rio de Janeiro: Garamond, 2021.

repressão policial acabou gerando um desgaste na narrativa do momento. Posteriormente, iniciou-se um processo de esvaziamento e despolitização das manifestações, com a introdução de pautas como o combate à corrupção e a busca por afastar partidos e movimentos de esquerda das manifestações. De acordo com Gilberto Calil,

A grande imprensa insistia de forma sistemática nesse “caráter apartidário” dos protestos, e a todo momento “noticiava” que militantes de partidos eram vaiados, hostilizados e expulsos das manifestações – como que a sugerir que tais atos se repetissem em todas as manifestações. A disseminação do “apartidarismo” é claramente fabricada pela mídia corporativa, ainda que esta disseminação encontre terreno fértil na pouca experiência política da maior parte dos manifestantes e na fragilidade e contradições dos partidos de esquerda que eram alvo deste discurso.²⁵¹

Em paralelo a isso, grupos da extrema direita tentaram se apropriar e desgastar os governos petistas a partir das manifestações. Segundo Calil, “grupos de direita e extrema-direita (incluindo-se neonazistas e integralistas) passavam a intervir nas manifestações, com faixas que pediam a deposição do presidente Dilma Roussef e reivindicavam abertamente um golpe militar”.²⁵² A FIB, que também participava das manifestações, publicou nesse período um texto, escrito pelo presidente da época Victor Barbuy, denominado “*Um Fantasma Ronda o Brasil*”, uma sátira da famosa frase presente no Manifesto Comunista.²⁵³ No texto a FIB afirma que o fantasma do integralismo ronda o Brasil, aterrorizando liberais, anarquistas e comunistas,

sobretudo aqueles que têm participado das últimas manifestações ocorridas em todo o País e no meio das quais não passam de uma ínfima minoria, incapaz de erguer suas bandeiras vermelhas sem provocar a repulsa da esmagadora maioria dos manifestantes, composta de autênticos patriotas, nacionalistas e tradicionalistas, conscientes ou não.²⁵⁴

No texto, a FIB elogia os manifestantes que, mesmo sem consciência disso, estariam seguindo os ideais integralistas ao expulsar das manifestações indivíduos que portassem símbolos ligados à esquerda. Segundo a nota divulgada pela própria organização, a FIB vinha participando ativamente dos protestos e buscava guiar as mobilizações.

Os integralistas têm, sim, participado, e ativamente, das referidas manifestações, mas, diversamente do que afirma a sempre mentirosa escória vermelha, de peito aberto e rosto descoberto e lutando não para dissolver as

²⁵¹ CALIL, Gilberto Grassi. Embates e disputas em torno das jornadas de junho. *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 47, 2014, p. 390 Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17155>. Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁵² Ibidem, p. 392.

²⁵³ BARBUY, Victor. *Um fantasma Ronda o Brasil*. 22 mai.2013. Disponível em: <https://integralismo.org.br/opinio/um-fantasma-ronda-o-brasil/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

²⁵⁴ Ibidem.

manifestações, mas sim para orientá-las num sentido verdadeiramente orgânico de luta por um Brasil Maior e Melhor, livre dos males do liberalismo, do comunismo e de outras ideologias apátridas e materialistas modernas, e de edificação, no Brasil, de uma autêntica Democracia Integral.²⁵⁵

A partir de 2013, com o que se pode chamar de uma onda conservadora,²⁵⁶ a FIB esteve presente em diversas manifestações de caráter antipetista e golpista, exaltando o golpe civil-militar de 1964. No entanto, a prática não era particularmente nova. Durante toda a trajetória da FIB, é possível identificar a mobilização dos militantes no dia 31 de março, data do início da movimentação das tropas militares golpistas de 1964. Em postagem no site oficial, intitulada “44 anos da Contrarrevolução de 31 de Março de 1964”, a FIB soltou aos seus militantes a seguinte nota:

a favor do Povo Brasileiro e contra a farsa do Socialismo Vermelho. Convidamos a todos os Cíveis e Militares Patriotas a lembrarem aqueles que tombaram vítimas do comunismo internacional e foram assassinados ou lesados por bandidos que tentaram implantar no Brasil uma ditadura totalitária. O ato será realizado no dia 30 de março (domingo), à partir das 9:30 h, na sede do antigo 2º BG no Parque Dom Pedro II, na Capital de São Paulo. A F.I.B. realizará panfletagem entre os participantes. Os filiados à F.I.B. estão convocados a dar suporte na ação.²⁵⁷

Figura 20: FIB na Marcha da Família com Deus pela Liberdade



Fonte: Integralismobrasil. “Deus, Pátria, Família”. *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, YouTube, 22 mar. 2014, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hJ6WYFwTrKg&ab_channel=integralismobrasil. Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁵⁵ Ibidem.

²⁵⁶ A FIB, assim como outras organizações da direita e extrema direita brasileira, conseguiu aglutinar membros e se expandir a partir dos eventos políticos que ocorreram nesse período.

²⁵⁷ FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Comemoração em SP - 44 anos da Contrarrevolução*. FIB. 29 mar. 2008 Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080401012127/http://www.integralismo.org.br:80/novo/>. Acesso em: 21 mai. 2025.

Em 2014, a FIB esteve presente na “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, ao som do hino nacional e gritos de “Pátria, Família, Deus”. É possível observar através de vídeo postado (figura 20), no até então canal oficial da FIB, placas e cartazes pedindo intervenção militar. Na descrição do vídeo, a FIB afirma que cerca de 5000 pessoas estiveram presentes para prestar homenagens à “revolução militar de 1964”.²⁵⁸ No entanto, a Polícia Militar sugere que cerca de 500 pessoas participaram da manifestação²⁵⁹. Essa discrepância entre os números divulgados pela FIB e aqueles apresentados pela Polícia Militar evidencia uma prática recorrente da organização de superdimensionar seus eventos e sua própria atuação, buscando construir uma imagem de maior capilaridade social e relevância política do que aquela efetivamente observada por essa pesquisa.

Figura 21: Victor Barbuy discursando em manifestação contra o PT



Fonte: Frente Integralista Brasileira. *Presidente da FIB discursa na grande manifestação contra o PT em São Paulo*. 30 set. 2019, Disponível em: Disponível em: <https://www.web.archive.org/web/20181224051147/http://integralismo.org.br/?cont=780&ox=199#.XCBqpHbP32c>. Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁵⁸ INTEGRALISMOBRASIL. “Deus, Pátria, Família”. *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*, YouTube, 22 mar. 2014, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hJ6WyFwTrKg&ab_channel=integralismo+brasil. Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁵⁹ G1. *Manifestantes se reúnem para nova versão da Marcha da Família em SP*. São Paulo, 22 mar. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/03/manifestantes-se-reunem-para-nova-versao-da-marcha-da-familia-em-sp.html>. Acesso em: 18 jun. 2025.

Em 2018, a FIB novamente esteve presente em manifestações contra o PT na Avenida Paulista. Em 21 de outubro, o então presidente da FIB, Victor Barbuy, discursou em um carro de som em uma grande manifestação bolsonarista. Em um discurso contrário ao candidato petista, Fernando Haddad, Barbuy defendeu o voto em Jair Bolsonaro:

No próximo dia 28, nossa escolha não será entre Bolsonaro e Haddad, mas sim entre o Brasil e o antiBrasil! No próximo dia 28, devemos dizer um sonoro e vibrante 'não!' ao partido que institucionalizou a corrupção e tem combatido com todas as suas forças para destruir as tradições cristãs da nossa Terra de Santa Cruz e nela implantar um modelo semelhante àquele da Venezuela de Chávez e Maduro! No próximo dia 28, é nosso dever votar no candidato que menos distante se encontra dos valores cristãos e brasileiros consubstanciados no lema 'Deus, Pátria e Família' e, por mais que discordemos de Bolsonaro em diversas questões, não temos dúvida alguma de que é ele o candidato que menos longe se encontra de tais valores. Sejam os a onda verde e amarela que destruirá a onda vermelha lulopetista! A nossa bandeira é verde e amarela e nela jamais brilhará nenhuma estrela vermelha! Deus abençoe a todos e Deus abençoe o nosso Brasil! Por Deus, pela Pátria e pela Família!²⁶⁰

Além das manifestações de rua, a FIB também promove outras formas de divulgação pública de sua agenda. É frequente a realização de "performances" com o objetivo de explorar temas em alta e atrair atenção da mídia. Em 2021, por exemplo, a FIB, em conjunto com militantes do PTB, organizou um ato em frente à estátua de Borba Gato, localizada na cidade de São Paulo. Naquele mesmo ano, a estátua, que homenageia o bandeirante paulista, figura historicamente associada à violência contra povos indígenas e à escravidão, havia sido alvo de protestos. Em resposta, a FIB publicou em seu canal oficial um vídeo que alcançou relativa repercussão, com mais de 10 mil visualizações, no qual integrantes do grupo realizaram a limpeza do monumento.²⁶¹ Na ocasião, Moisés Lima proferiu um discurso em defesa de uma luta "irradiada por São Paulo" contra grupos de esquerda, reafirmando o caráter combativo e simbólico da ação.

Essas performances políticas cumprem uma função estratégica na atuação da FIB, ao explorar temas em disputa no debate público, como o caso da estátua de Borba Gato, o grupo se insere em controvérsias aumentando sua visibilidade nas redes. Esse tipo de ação favorece a circulação dos conteúdos para além do público já engajado com o

²⁶⁰ FIB. *Presidente da FIB discursa na grande manifestação contra o PT em São Paulo*, 30 set. 2019, Disponível em: <https://integralismo.org.br/politica/presidente-da-fib-discursa-na-grande-manifestacao-contra-o-pt-em-sao-paulo/> Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁶¹ FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Nacionalistas limpam a estátua de Borba Gato*, YouTube, 01 ago. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LUM8gChH4RQ&ab_channel=FrenteIntegralistaBrasileira. Acesso em: 19 jun. 2025.

integralismo, permitindo que a FIB ultrapasse as bolhas ideológicas das redes sociais e alcance audiências mais amplas, seja por meio da cobertura midiática, seja pela viralização decorrente do conflito que essas performances deliberadamente acionam.

Através da pesquisa, foi possível encontrar, em postagens não mais disponíveis no site oficial do movimento, registros de atividades voltadas à formação e difusão de sua doutrina em ambientes universitários e escolares. Um exemplo disso ocorreu em 26 de setembro de 2015, quando, segundo a reportagem compartilhada no site da FIB, aproximadamente 200 estudantes participaram de uma palestra sobre integralismo, realizada durante a “Semana de Humanas” da unidade Senador Fláquer do Colégio Objetivo, em Santo André, no ABC paulista.

Figura 22: Palestra sobre integralismo em escola de São Paulo



Fonte: Nova Offensiva. *Palestra sobre integralismo reúne 200 estudantes*. FIB. 29 set.2015. Disponível em: <https://www.web.archive.org/web/20190204030548/http://integralismo.org.br/?cont=780&ox=163#.XFesJHbP32c>. Acesso em: 18 jun. 2025.

A atividade foi conduzida pelo próprio Moisés Lima que apresentou uma exposição sobre a trajetória histórica do movimento, desde o contexto anterior à fundação da Ação Integralista Brasileira até a atuação contemporânea da FIB. Foi destacada pela reportagem a receptividade dos estudantes, com idades entre 16 e 19 anos.²⁶² Na ocasião, a FIB também realizou a doação de exemplares das obras *O Pensamento Revolucionário*, de Plínio Salgado, e *In Memoriam – Plínio Salgado*, à biblioteca da escola, evidenciando

²⁶² NOVA OFFENSIVA. *Palestra sobre integralismo reúne 200 estudantes*. FIB. 29 set.2015. Disponível em: <https://www.web.archive.org/web/20190204030548/http://integralismo.org.br/?cont=780&ox=163#.XFesJHbP32c>. Acesso em: 18 jun. 2025.

uma estratégia de divulgação em espaços de formação juvenil. Apesar de não ser possível confirmar o número exato de alunos participantes da atividade, a postagem demonstra que a FIB buscou realizar ações de divulgação da doutrina em diversos locais fora do ambiente digital, inclusive em instituições de ensino.

Como explicitado no tópico, a atuação do movimento nas ruas foi uma constante ao longo de toda a trajetória da FIB. Ainda que, em diversas ocasiões, essa atuação tenha sido inflada pela própria organização, foi possível observar a presença de militantes da FIB em diferentes períodos e tipos de manifestações, desde passeatas contra o PT, contra o aborto e manifestações de cunho golpista, nas quais era possível identificar a FIB junto a placas de defesa do golpe militar de 1964. Nessas passeatas, a FIB procurava se estabelecer relações próximas a outros movimentos da extrema direita, como os monarquistas e o próprio bolsonarismo. Assim, principalmente por meio da prática da panfletagem, buscava alcançar novos membros a partir de pautas comuns, como o ultranacionalismo e o discurso conservador e antiesquerda.

Além da participação em passeatas, a FIB também buscou promover diferentes performances políticas. Essas ações tinham como objetivo se aproveitar de pautas em evidência e de datas importantes para realizar aparições públicas. Tais aparições comumente alcançavam espaço na grande mídia e contribuíam para impulsionar as redes sociais do grupo. No entanto, a partir de 2022, assim como foi observado o declínio da FIB nas redes sociais, sua atuação nas ruas passou a diminuir de forma acentuada, ficando restrita principalmente a algumas performances pontuais e sem grande relevância. Para além do declínio geral das manifestações da direita, quando comparado ao período anterior, a FIB se mostrava cada vez mais desarticulada. Ademais, a mudança de posição do grupo em relação ao bolsonarismo, questão trabalhada de forma mais aprofundada no tópico 3.5, e a radicalização das manifestações em torno de pautas como a “intervenção militar com Bolsonaro no poder” dificultaram progressivamente sua inserção nesses eventos.

3.5- A FIB e os partidos políticos: alianças, tensões e pragmatismo

A relação do integralismo com os partidos políticos sempre foi marcada por ambivalências e controvérsias. O discurso de Plínio Salgado que, em última instância, orientava os militantes acima de qualquer doutrina ou referência formal, passou por diferentes mudanças ao longo do tempo, gerando interpretações diversas dentro do

próprio movimento. Após a morte de Plínio Salgado, durante as primeiras décadas do neointegralismo, boa parte das disputas entre os grupos dizia respeito à posição que o movimento deveria adotar frente ao sistema partidário. Lideranças como Carmela Salgado acreditavam que o futuro do movimento residia na valorização da memória histórica do integralismo e na exaltação da figura de Plínio Salgado. Por outro lado, nomes como Anésio Lara defendiam uma atuação institucional mais direta, por meio, inclusive, da criação de um partido integralista.

Mesmo após o “I Congresso Integralista para o Século XXI”, que pretendia unificar o movimento e definir a forma de atuação dos camisas-verdes, essa divergência permaneceu. A AIR defendia o retorno às “raízes revolucionárias” do integralismo, a partir de uma postura contrária aos partidos políticos e muitas vezes crítica ao próprio Plínio Salgado. A MIL-B também se posicionou contra a relação do movimento integralista com os partidos políticos. A FIB, no entanto, optou por estabelecer relações institucionais com partidos da direita brasileira, participando de campanhas eleitorais, pedindo votos, mobilizando seus militantes e, em alguns casos, recomendando filiações partidárias. Apesar dessa atuação prática, a FIB manteve, pelo menos formalmente, a defesa de um posicionamento “apartidário”, sustentando um discurso crítico em relação ao sistema político e aos partidos como um todo.

Em um primeiro momento, a FIB se aproximou principalmente do PRONA. Para diversos grupos da extrema direita nacional, o PRONA era visto com bons olhos, devido a características como o nacionalismo e a defesa da ordem. Além disso, após um longo período de ditadura civil-militar, ainda existia o que ficou conhecido como “direita envergonhada”. Nesse contexto, o PRONA era um dos poucos grupos que assumia o seu espectro político. De acordo com Leandro Gonçalves e Odilon Neto, a FIB enxergava o PRONA como uma possibilidade de crescimento do integralismo, “a relação da FIB com o Prona foi quase imediata, pois, ao contrário dos outros grupos integralistas, enxergou nesse meio um espaço para articulação e divulgação de seus ideais”.²⁶³

A FIB possuiu relação muito próxima com alguns deputados eleitos pelo PRONA, como Elimar Damasceno, eleito a partir dos números elevados de voto de Enéas Carneiro. Apesar de não ser integralista, Damasceno tinha boa relação com o movimento, tendo inclusive assessores filiados à FIB, como o militante Paulo Fernando Melo da Costa. Os projetos de Damasceno tinham como principal característica o conservadorismo. Em

²⁶³ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes...* Op. cit., p. 178.

postagem no site FIB, Damasceno é elogiado por ser um deputado "íntegro".²⁶⁴ De acordo com a FIB, entre as contribuições que justificavam o voto em Damasceno estava os seus posicionamentos contra "o aborto de anencéfalos, contra a promoção do homossexualismo ('orgulho gay'), contra o reconhecimento da prostituição como profissão, e pregou a prática da castidade como meio seguro de prevenir as DSTs, em substituição aos chamados 'preservativos'".²⁶⁵ Além do conservadorismo, Damasceno homenageava constantemente integralistas históricos e suas lideranças, como Gustavo Barroso. Segundo Cardoso e Neto, "todas as homenagens prestadas a integralistas eram comemoradas no site e meios de imprensa do grupo. Logo, o apoio do grupo ao PRONA aumentou, assim como a tentativa de demarcar um espaço integralista no partido".²⁶⁶

A partir do PRONA, a FIB buscou uma maior participação partidária, inclusive lançando candidatos para cargos do legislativo. Entre eles é possível citar o nome de Paulo Fernando, que concorreu ao cargo de deputado estadual por São Paulo em 2006. No santinho oficial da candidatura é possível observar em evidência o símbolo do sigma integralista, com a mensagem "pelo bem do Brasil e de São Paulo".

Figura 23: "Santinho" da campanha de Paulo Fernando 2006



Fonte: CRUZ, Luiz. *CANDIDATOS 100% PRÓ-VIDA*. FIB. 15 ago. 2006. Disponível em <https://www.web.archive.org/web/20060809161501/http://www.integralismo.org.br/novo/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁶⁴ CRUZ, Luiz. *Candidatos 100% pró-vida*. FIB. 15 ago. 2006. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20060830190337/http://www.integralismo.org.br/novo/> Acesso em: 19 jun. 2025

²⁶⁵ Ibidem.

²⁶⁶ GONÇALVES, Leandro; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes...* Op. cit., p. 179.

Apesar de não ter conseguido se eleger em 2006, o militante não desistiu da carreira política, participando das eleições de 2010, 2014 e 2022, quando conseguiu se eleger como suplente da chapa para deputado federal. Em 2015 foi diretor adjunto da Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso do Distrito Federal (FUNAP-DF). Durante o governo de Michel Temer, foi membro do Conselho Nacional de Política contra as Drogas (CONAD). Posteriormente, Paulo Fernando assumiu o tão desejado mandato de deputado federal, pois o deputado titular, Júlio Cesar Ribeiro, assumiu a secretaria de Esportes, no Distrito Federal. Além disso, Paulo Fernando, durante o governo de Jair Bolsonaro, chegou a ser nomeado secretário adjunto de “Promoção e Defesa da Pessoa Idosa” e, posteriormente, foi promovido a assessor especial do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, de Damare Alves. Segundo Laís Oliva, a relação de Paulo Fernando com Damare Alves “se apresenta através de pautas relacionadas ao aborto, visto que os dois fazem parte do Movimento Pró Vida, grupo radicalizado contra os direitos das mulheres de decidir sobre seu próprio”.²⁶⁷ Paulo Fernando foi diretor da Associação Nacional Pró-vida e Pró-Família, além de ser presidente da Casa Plínio Salgado. Segundo o site oficial da FIB, Paulo Fernando foi também responsável pela secretaria nacional de Assuntos Jurídicos,²⁶⁸ sendo creditado pela própria FIB como uma importante liderança do movimento, tendo inclusive sido presidente do núcleo do Distrito Federal. De acordo com a FIB,

Paulo é conhecido como um homem de fé, que convence mulheres a desistirem de fazer aborto apenas conversando. Advogado e professor, é Presidente da FIB no Distrito Federal. Católico e também um dos maiores nomes do Movimento Pró-Vida, Paulo afirma: “Salvei mais de 100 crianças, esse é meu apostolado.”²⁶⁹

Mesmo nos dias de hoje, a FIB ainda exalta o PRONA e principalmente a figura de Enéas. Em texto chamado “Enéas Carneiro, um Herói Nacional”,²⁷⁰ o político é classificado como o “último grande líder nacionalista”. Segundo a narrativa divulgada

²⁶⁷ OLIVA, Laís Charski de. *Os novos contornos do sigma: neointegralismo e projeto de sociedade e educação no Brasil do século XXI*. 2023. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023, p. 98.

²⁶⁸ FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Secretárias Nacionais*. Sem ano. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/secretarias-nacionais/#secretaria-nacional-de-assuntos-juridicos>. Acesso em: 25 jun. 2025.

²⁶⁹ NOVA OFFENSIVA. *Paulo Fernando visita sede da FIB-RJ*. 18 set. 2019 Disponível em: <https://integralismo.org.br/movimento/paulo-fernando-visita-sede-da-fib-rj/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁷⁰ BARBUY, Victor. *Enéas Carneiro, Um Herói Nacional*. 29 dez. 2017. Disponível em: <https://integralismo.org.br/personalidades/eneas-carneiro-um-heroi-nacional/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

pela FIB, em uma reunião com o próprio Enéas, este teria concordado com a adoção oficial da doutrina integralista pelo PRONA. No entanto, tal versão carece de comprovação documental, sobretudo considerando que, pouco tempo depois, o PRONA foi incorporado ao Partido Liberal (PL), dando origem ao Partido da República (PR), organização sem vínculos explícitos com o integralismo. Após o fim do PRONA, a FIB por um tempo não teve contato direto com partidos políticos, embora continuasse indicando pontualmente alguns nomes e candidaturas aos seus militantes e permanecesse se manifestando a respeito da política nacional.

No entanto, a partir de 2018, observa-se uma reaproximação explícita do grupo com determinadas legendas, podendo ser citado o Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB). Ao longo de sua trajetória, o PRTB já havia estabelecido vínculos com outros grupos da extrema-direita brasileira, como a Frente Nacionalista, revelando um histórico de abertura a correntes de orientação neofascista. Segundo a própria FIB, a aproximação com o PRTB teria se consolidado após o encontro de lideranças do movimento com Levy Fidelix, principal figura pública da legenda. A partir desse contato, o PRTB, segundo a FIB, “não apenas recebeu de braços abertos em suas fileiras muitos integralistas, como também fez seu o próprio lema dos integralistas: ‘Deus, Pátria e Família’”.²⁷¹

Figura 24: Levy Fidelix segura livro integralista ao lado do então presidente nacional da FIB, Victor Emanuel Viela Barbuy



Fonte: NIVARMA, Walter. “Deus, Pátria e Família”: com Bolsonaro, integralismo recupera fôlego, mas não é mais a força que teve simpatia de Vinícius e Dom Helder. *Diário Centro do Mundo*. 21 ago. 2020. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/deus-patria-e-familia-com-bolsonaro-integralismo-recupera-folego-mas-nao-e-mais-a-forca-que-teve-simpatia-de-vinicius-e-dom-helder/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

²⁷¹ BARBUY, Victor. *Levy Fidelix, in memoriam*. 01 mai. 2021. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/personalidades/levy-fidelix-in-memorial>. Acesso em: 04 ago. 2025.

Durante as eleições de 2018, a FIB demonstrou apoio público às candidaturas de Rodrigo Tavares, postulante ao governo de São Paulo pelo PRTB, e do próprio Fidelix. Em vídeo publicado pela organização, Tavares aparece ao lado de Victor Barbuy, então presidente da FIB, realizando a saudação integralista “Anauê”. No caso de Fidelix, o apoio também foi formalizado por meio de aparições conjuntas, incluindo registros públicos em que posa segurando um exemplar do livro integralista “*O Pensamento Revolucionário de Plínio Salgado*”.

Apesar da estreita aproximação da FIB com o PRTB, foi no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) que o movimento passou, nos últimos anos, a encontrar maior espaço para realizar filiações de seus membros. Esse processo teve início com a filiação de Paulo Fernando, que posteriormente chegou a ocupar o cargo de vice-presidente do PTB no Distrito Federal. Além dele, outras figuras centrais da FIB também se filiaram ao partido, como Moisés Lima, presidente da organização, e Lucas Carvalho, secretário-geral.

Figura 25: Moisés Lima, presidente da FIB e Roberto Jefferson, presidente do PTB em cerimônia de posse



Fonte: Portal Nacional. *Lideranças Integralistas filiam-se ao PTB*. 24 jun.2021. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/movimento/liderancas-integralistas-filiam-se-ao-ptb/>. Acesso em: 16. jun. 2025

Em postagens nas redes sociais, a FIB procurou tranquilizar seus militantes quanto à natureza dessa aproximação, afirmando que o PTB atual “nada tem a ver” com o partido vinculado a figuras históricas como Getúlio Vargas. Segundo nota publicada pela

organização, militantes que desejarem iniciar uma trajetória político-partidária deveriam considerar o PTB como uma alternativa legítima, sendo possível inclusive receber orientações para eventual participação em disputas eleitorais. De acordo com a FIB,

Com estes atos, consolida-se o PTB como importante opção para membros do movimento que queiram disputar as eleições de 2022 e de 2024, tendo diversas lideranças do movimento em todo o Brasil manifestado interesse em seguir este caminho [...]. Nos próximos meses, gradualmente, novas adesões ao PTB deverão ser efetivadas por lideranças da FIB, no sentido de disputar as eleições que estão por vir. Este movimento facilita o ingresso na vida partidária para membros da FIB, que receberão orientação e preparo para que participem de disputas eleitorais, a nível local e nacional.²⁷²

Além da filiação de importantes lideranças, nas eleições de 2022 a FIB recomendou publicamente o voto em candidatos do PTB, entre eles o presidenciável Padre Kelmon. Em um vídeo publicado no canal de Moisés Lima, intitulado “Eleições de 2022 e Pe. Kelmon”, é feita uma defesa enfática do candidato.²⁷³ Na gravação, Lima busca, simultaneamente, atacar a esquerda brasileira e exaltar as qualidades de Kelmon, destacando suas afinidades com pautas caras ao integralismo, como a oposição ao aborto. A aproximação entre o discurso de Padre Kelmon e os valores defendidos pela FIB é apresentada como um dos principais elementos justificadores do apoio.

Durante a campanha eleitoral de 2018, o cenário político brasileiro se apresentou inicialmente de forma incerta. De um lado, a direita tradicional, representada principalmente pelo PSDB, perdia espaço e protagonismo, enquanto o nome de Jair Bolsonaro, até então considerado um político do chamado "baixo clero", ganhava visibilidade. Bolsonaro era conhecido não por seus projetos legislativos, mas por declarações polêmicas, frequentemente marcadas por discursos homofóbicos, machistas e por sua defesa da ditadura civil-militar. Do outro lado, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva teve sua candidatura impedida, levando Fernando Haddad a assumir a cabeça de chapa do PT. Bolsonaro mobilizou o eleitorado em torno de pautas como o antipetismo, o liberalismo econômico, a flexibilização do porte de armas e adotou o lema "Deus, Pátria e Família", historicamente associado ao integralismo.

A aproximação entre o integralismo e o bolsonarismo, não teve início apenas em 2018. Já em 2006, o nome de Olavo de Carvalho, que viria a se tornar o principal ideólogo

²⁷² PORTAL NACIONAL. *Lideranças Integralistas filiam-se ao PTB*. 24 jun.2021. Disponível em: <https://integralismo.org.br/movimento/liderancas-integralistas-filiam-se-ao-ptb/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

²⁷³ LIMA, Moisés. *Eleições de 2022 e Pe. Kelmon*. YouTube, 01 out. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iwHiwT61SFo&ab_channel=Mois%C3%A9sLima. Acesso em: 19 jun. 2025

do bolsonarismo, já aparecia no site da FIB, com diversos textos sendo recomendados aos militantes. Entre os conteúdos divulgados estavam artigos como *A Eloquência dos Fatos*,²⁷⁴ uma crítica ao MST e à esquerda em geral, e *História Oficial de 1964*,²⁷⁵ em que Olavo defende a ditadura civil-militar como um “preço modesto” a ser pago. Posteriormente, após declarações críticas de Olavo ao integralismo, o movimento passou a se distanciar parcialmente do pensador, chegando a realizar críticas discretas em vídeo no canal de Moisés Lima.²⁷⁶ Segundo Lima, as denúncias ao comunismo e ao globalismo feitas por Olavo já estavam presentes nas obras de Plínio Salgado, enquanto os equívocos do filósofo seriam originais e próprios dele.

Durante as eleições de 2018, em um primeiro momento, os neointegralistas hesitaram em apoiar a candidatura de Bolsonaro, principalmente devido à defesa enfática do neoliberalismo, representada pela figura do futuro ministro da Economia, Paulo Guedes. No entanto, diante do segundo turno entre Haddad e Bolsonaro, a escolha tornou-se mais simples para a FIB, que declarou apoio ao candidato da extrema direita. Em postagem realizada antes do primeiro turno das eleições de 2018, a FIB buscou orientar o voto de seus militantes, entre os nomes mais conhecidos estavam Rodrigo Tavares (PRTB), candidato a governador de São Paulo, o integralista Paulo Fernando (PATRIOTA), concorrente ao cargo de deputado federal pelo Distrito Federal e Levy Fidelix (PRTB), pleiteante a deputado federal por São Paulo. Em relação à eleição presidencial, a FIB não citava nominalmente Jair Bolsonaro, mas alertava para o perigo da volta do PT, ao mesmo tempo que orientava que os militantes buscassem observar os candidatos mais alinhados com os valores integralistas.

Já no segundo turno, a defesa do voto em Bolsonaro se tornou ainda mais fácil. Além da já citada participação de Victor Barbuy em manifestação contra o PT, em que se apresentava como presidente da FIB e manifestava o seu voto em Bolsonaro, em nota chamada “Segundo turno das Eleições 2018: Orientação da FIB”,²⁷⁷ a FIB expressou um posicionamento fortemente contrário à candidatura de Fernando Haddad, associando-o a

²⁷⁴ CARVALHO, Olavo de. *A eloquência dos fatos*. FIB. Sem Data. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20060715031516/http://www.integralismo.org.br/novo/?cont=58&tx=21&vis=>. Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁷⁵ CARVALHO, Olavo de. *A história oficial de 1964*. FIB. Sem Data. Disponível em: <https://www.web.archive.org/web/20060715031314/http://www.integralismo.org.br/novo/?cont=58&tx=12&vis=>. Acesso em: 19 jun. 2025.

²⁷⁶ LIMA, Moisés. *Marco Antonio Villa e Olavo de Carvalho*. YouTube, Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Whne113UAB8&ab_channel=Mois%C3%A9sLima. Acesso em: 20 jun. 2025.

²⁷⁷ BARBUY, Victor. *Segundo turno das Eleições 2018: Orientação da FIB*. 26 out. 2018. Disponível em: <https://integralismo.org.br/politica/segundo-turno-das-eleicoes-2018-orientacao-da-fib/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

uma ameaça ideológica de cunho socialista e anticristão. Embora criticasse o liberalismo econômico de Jair Bolsonaro, a FIB o identificava como um "mal menor" diante do que classificava como o projeto de poder da “esquerda degenerada”. O apoio ao candidato não era apresentado como endosso integral de suas propostas, mas como um voto estratégico contra o PT e seus valores. O texto evidenciava o anticomunismo, a defesa de uma moral cristã conservadora e a rejeição a pautas como legalização do aborto, das drogas e da “ideologia de gênero”, teoria da conspiração da extrema direita, marcando claramente a tentativa da FIB de influenciar seus militantes em favor de uma candidatura que, embora contraditória em uma ótica doutrinária integralista, representaria, na visão da FIB, uma barreira contra a esquerda e principalmente uma oportunidade de crescimento para a FIB, que buscava através do contato com os bolsonaristas ganhar novos filiados e através do governo Bolsonaro alcançar posições de poder dentro do Estado. Segundo Barbuy,

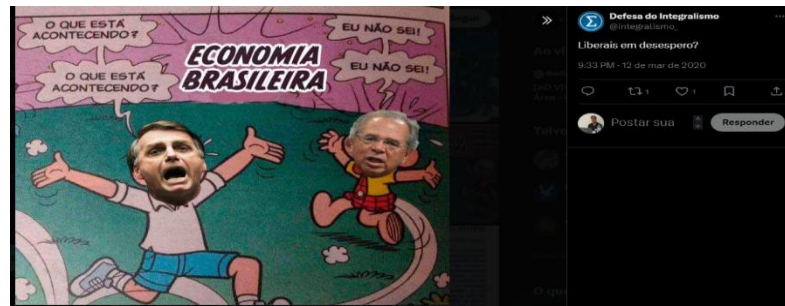
Nos opondo firmemente ao liberalismo de que ele se fez arauto, não podemos negar que ele representa um mal muitas vezes menor que aquele representado pelo Sr. Fernando Haddad, que, como é sabido, é abertamente marxista, [...] nosso voto é, em verdade, um voto contra o PT e a ‘esquerda’ cada vez mais degenerada moralmente que o apoia e a tudo o que esta representa.²⁷⁸

A partir desse posicionamento, a FIB encontrou uma justificativa para se aproximar do bolsonarismo. Para autores como Tainá Cardoso, essa aproximação não se deu com o intuito de adesão, mas sim de uma aproximação estratégica.²⁷⁹ Como apontado anteriormente, a FIB contou com pelo menos uma de suas principais lideranças integrando formalmente o governo Bolsonaro. Paulo Fernando ocupou cargos no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos entre fevereiro de 2019 e maio de 2021. Apesar dessa inserção, a FIB, em alguns momentos, realizou postagens críticas em relação ao governo Bolsonaro, especialmente no que diz respeito à condução da política econômica. As críticas eram geralmente direcionadas ao alinhamento neoliberal da equipe econômica. Em postagem no X/Twitter, com a legenda “Liberais em desespero”, a FIB, através de um meme, realizou críticas à política econômica do governo.

²⁷⁸ Ibidem.

²⁷⁹ CARDOSO, Tainá Agostinho. *O neointegralismo entre as...* Op. cit.

Figura 26: Meme sobre a economia brasileira postado nas redes da FIB



Fonte: @integralismo_, Meme economia. X/Twitter. 12 mar 2020. Disponível em: https://x.com/integralismo_/status/1238261812061143042/photo/1. Acesso em: 18 jun. 2025.

Nessa pesquisa, entendemos que a FIB passou a adotar uma postura cada vez mais crítica e distanciada do presidente, acompanhando a queda na popularidade do governo e a perda de esperanças nos ganhos que o movimento poderia ter tanto a partir da atuação dentro do governo Bolsonaro, bem como no possível ingresso de militantes bolsonaristas na FIB, que na realidade variavam entre se afastar definitivamente da extrema direita ou se radicalizar no interior do próprio bolsonarismo. No texto “O golpe, a sabotagem e a guerra interna no governo Bolsonaro”,²⁸⁰ a FIB denunciou a crescente influência de um grupo próximo ao presidente, que estaria manipulando informações e isolando-o de aliados importantes. Em outro texto, “O golpe do presidente”,²⁸¹ Moisés Lima, principal liderança da FIB, criticou diretamente as falas de cunho golpista de Bolsonaro, afirmando que o Brasil precisa, não de um golpe, mas sim de uma “revolução de ideias”, que apenas o integralismo seria capaz de realizar. No auge da pandemia, Lima publicou um texto ainda mais crítico no site da FIB em que, sem citar Bolsonaro diretamente, condenava a postura das lideranças políticas diante da Covid-19, responsabilizando a democracia liberal pela condução desastrosa do país e cobrando apuração sobre as falhas dos governantes. Conforme Moisés Lima,

O teatro das vacinas que se tem desenrolado na nossa Pátria diz muito mais sobre a doença política que vivemos do que sobre o “combate” ao COVID-19. [...]Não tenho dúvida de que os “arautos” da negação, os “batedores” da boiada, poderão desqualificar os números, e o farão em desrespeito absoluto das vítimas, não apenas da doença, mas de um sistema político falido. [...] Porque nós, Integralistas, de nada esquecemos. E se o julgamento moral dos

²⁸⁰ CARVALHO, Lucas. *O golpe, a sabotagem e a guerra interna no governo Bolsonaro*, 14/06/2020. Disponível em: <https://integralismo.org.br/opiniaio/o-golpe-a-sabotagem-e-a-guerra-interna-no-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

²⁸¹ LIMA, Moisés. *O “golpe” do presidente*. 7 jul. 2022. Disponível em: <https://integralismo.org.br/opiniaio/o-golpe-do-presidente/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

homens responsáveis por tão atroz espetáculo de incompetência já se fez para a história, cabe ainda levantar a necessidade de tribunais de apuração de responsabilidades diante da catástrofe de 200 mil mortes. Mas, antes de julgarmos os inimigos do Brasil, é necessário restabelecer a ordem, a disciplina, a hierarquia, a confiança, a economia, a força do nosso País.²⁸²

O afastamento da FIB em relação ao governo Bolsonaro foi conduzido de forma mais sutil durante o período eleitoral de 2022, com críticas menos incisivas, principalmente pelo medo de uma posição antagônica ao bolsonarismo gerar ainda mais prejuízos ao movimento, que já vinha perdendo força nas redes, diminuindo cada vez mais o número de postagens. No primeiro turno de 2022, o movimento declarou apoio à candidatura presidencial de Padre Kelmon, mas recomendou votos em candidatos ligados à FIB e ao bolsonarismo, como a ex-ministra Damares Alves. Já no segundo turno, apesar de Moisés Lima afirmar que o movimento se posicionaria e não adotaria neutralidade, não foram encontradas publicações que orientassem explicitamente os seus militantes, diferentemente do que ocorreu em 2018. Sobre os acontecimentos de 8 de janeiro, a FIB afirmou não ter participado nem endossado a tentativa de golpe bolsonarista, embora reconhecesse o sentimento de revolta que motivou os manifestantes diante da eleição de Lula.

Desde sua fundação, a FIB passou a enxergar nos partidos políticos uma oportunidade estratégica de crescimento. A aposta em candidaturas próprias, sobretudo a de Paulo Fernando, representou uma tentativa de estabelecer contato direto com figuras políticas relevantes, principalmente em um contexto de expansão da extrema-direita no Brasil. Nesse cenário, qualquer sinal de reconhecimento público constituía uma vitória significativa para uma organização neointegralista. A participação de Paulo Fernando no ministério chefiado por Damares Alves foi, nesse sentido, celebrada como uma conquista importante, fato evidenciado pela manutenção, até os dias atuais, da indicação da ex-ministra pela FIB em processos eleitorais. Mesmo diante das controvérsias em torno do apoio a Jair Bolsonaro, especialmente em razão de seu liberalismo econômico, essa aproximação foi considerada vantajosa, inclusive pela possibilidade de ampliar a influência da FIB entre militantes do bolsonarismo por meio de pautas comuns. Com o passar do tempo, entretanto, a perda de influência no interior do governo Bolsonaro, a queda de popularidade da gestão e a percepção de que o movimento não conseguiria

²⁸² LIMA, Moisés. *O regime liberal ajudou a matar 200 mil brasileiros*, 22/11/2022 Disponível em: <https://integralismo.org.br/opiniao/o-regime-liberal-ajudou-a-matar-200-mil-brasileiros/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

absorver ou converter os bolsonaristas restantes, principalmente pelo fato de este já ter incorporado pautas históricas do integralismo dentro do movimento, contribuíram de forma decisiva para o progressivo afastamento entre as partes e para o próprio declínio da FIB entre os movimentos da extrema direita e mesmo entre os grupos neofascistas brasileiros, que por muito tempo tiveram sua representação principalmente no neointegralismo.

3.6- A FIB e o neofascismo: conexões com a extrema-direita internacional

Apesar do fascismo ter sido um fenômeno surgido da Europa, no século XX, esse trabalho segue a perspectiva teórica defendida por historiadores que concordam que ele pode ser observado tanto fora da Europa, quanto fora desse período histórico. De acordo com Paxton, o fascismo pode ser encontrado nos dias de hoje, mesmo que em uma fase inicial, “em todos os países democráticos”.²⁸³ Segundo Francisco Carlos Teixeira, “o fenômeno fascista surge como uma possibilidade da moderna sociedade de massas, e não apenas de um período histórico determinado e já findo na aventura humana”.²⁸⁴ Nesse sentido, assim como no primeiro capítulo dessa dissertação em que foi defendida a tese da classificação do integralismo como um movimento fascista, propõe-se, aqui, a caracterização do neointegralismo, e mais especificamente da FIB, como uma organização neofascista brasileira.

Apesar da FIB negar esse rótulo, característica do neointegralismo como um todo, proponho a caracterização da FIB como neofascista, a partir de dois pontos principais, além da relação já estabelecida entre integralismo e fascismo, e, consequentemente, entre neointegralismo e neofascismo. Como primeiro ponto, é possível observar, seguindo uma perspectiva que compreende o neofascismo como um fenômeno transnacional, uma aproximação da FIB com grupos neofascistas internacionais. Além disso, observa-se a aproximação da FIB com uma literatura associada ao neofascismo internacional, em especial por meio de uma de suas principais lideranças, em diálogo com Julius Evola.

De acordo com Mauro Lenci, Julius Evola pode ser definido como um guia e líder neofascista, abertamente inimigo da democracia.²⁸⁵ Em um contexto neofascista

²⁸³ PAXTON, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007, p. 380.

²⁸⁴ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão et. al (org.). *O século XX*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 113.

²⁸⁵ LENC I, Mauro. *A destra, oltre la destra...* Op. cit.

fragmentado no período posterior à Segunda Guerra Mundial, no qual diferentes grupos buscavam se reagrupar suas fileiras, a leitura de Evola passou a exercer uma função essencial para o movimento. Segundo o autor, as perspectivas evolianas também podem ser compreendidas como uma verdadeira “encruzilhada”, a partir da qual se desdobraram caminhos distintos, que deram origem a diferentes interpretações e leituras de seu pensamento.

A relação da FIB com o neofascismo se intensificou principalmente com a chegada de Victor Barbuy à direção do movimento. Diferentemente de Marcelo Silveira,²⁸⁶ que sempre buscou manter em suas produções um afastamento de autores ligados a essa corrente, enfatizando o integralismo como um movimento nacional e, inclusive, incompatível com o fascismo e, por conseguinte, com o neofascismo, Victor Barbuy aproxima a FIB do pensamento neofascista evoliano²⁸⁷. Barbuy estabelece um diálogo direto com o pensamento de Julius Evola, tendo, inclusive, participado intensamente do “I Encontro Nacional Evoliano”. Nessa ocasião, Victor Barbuy atuou como palestrante e realizou publicações de textos no âmbito do evento.

Encontro Nacional Evoliano. Dias 29, 30, 31 de julho e 01 de agosto, na UFPB em João Pessoa. Palestrantes: César Ranquetat, Victor Emanuel Barbuy, Alfredo, Rafael Daher, Dídimo Matos. Palestra de abertura com Mateus Azevedo. Deveremos contar ainda com Marcos Rogério, André Luiz e talvez um representante da lusa Legião Vertical. Comunicações abertas para qualquer um que se inscreva. As inscrições deverão se abrir a partir do dia 15 de janeiro. Serão aceitas comunicações que tenham como tema Religiões Tradicionais, autores como Guénon, Evola, Coomaraswamy e outros perenialistas ou análises baseadas nesses autores. Mais novidades, sigam o site ou o Twitter do Encontro: <http://twitter.com/evolianos>.²⁸⁸

No site oficial do encontro, atualmente acessível apenas por meio do *Web Archive*, encontram-se disponíveis dois textos publicados por Victor Barbuy, intitulados “*Julius Evola e o ‘tradicionalismo integral’*” e “*A verdadeira Revolução*”. No primeiro texto, Barbuy tece elogios a Evola, caracterizando-o como o autor mais influente das novas direitas europeias. O foco de ambos os textos reside no que o autor denomina como o pensamento revolucionário de Julius Evola. Para Barbuy, a revolução em Evola seria “a revolta contra um estado de coisas que traz a ideia de retorno, correspondendo à

²⁸⁶ Atualmente o discurso de Marcelo Silveira tem se modificado, sendo possível observar inclusive elogios a organização Neofascista CasaPound.

²⁸⁷ Apesar da relevância de Victor Barbuy na disseminação do discurso evoliano no interior do neointegralismo, sua origem remonta a um período anterior à sua atuação na FIB, especialmente a partir de Márcio Silva, negacionista do Holocausto posteriormente vinculado à MIL-B.

²⁸⁸ MATOS, Dídimos. *Encontro Nacional Evoliano*. 30 dez. 2009. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20100602040557/http://encontronacionalevoliano.com.br/> Acesso em 20 jan. 2026

tradicional concepção astronômica da palavra, segundo a qual esta significa o retorno de um astro ao ponto de partida e o seu moto ordenado em torno de um centro”.²⁸⁹ Nesse texto, Victor Barbuy apresenta elementos que considera relevantes da biografia de Evola, exaltando-o, ao final, como um “sábio e guerreiro, Homem de pensamento contemplativo e de ação. Tendo a consciência de que nada de grande e belo pode existir fora da Tradição”.²⁹⁰ Em “*A verdadeira revolução*”, Barbuy aprofunda a noção de revolução ao trazer para o debate, de forma central, a perspectiva de Plínio Salgado, sem deixar de dialogar com a concepção formulada por Julius Evola. Nesse sentido, concordo que

a inicial crítica ou recusa ao primado evoliano fora substituída por uma aproximação analítica (quicá ideológica) entre Evola e Salgado. Embora não estabeleça dissídios na doutrina integralista dos anos 1930, proporciona modificações interpretativas dimensionadas pela conjuntura do neofascismo em escala internacional.²⁹¹

A partir da análise da FIB, é possível observar uma busca constante da organização por estabelecer relações com outros grupos políticos brasileiros, conforme demonstrado no subtópico 3.5 deste capítulo. No entanto, essa busca não se limitou ao espaço nacional. Durante a análise da FIB, foi possível observar que a organização passou a estabelecer relações ou, ao menos, a buscar demonstrar que buscava possuir relações próximas com a extrema-direita internacional. Nesse sentido, a FIB inaugurou, em 2009, a secretaria de Relações Internacionais, que, segundo a própria organização, possui como objetivo

a formação de uma rede de informação e apoio especialmente voltada aos brasileiros que vivem fora, bem como a tradução e difusão de nossa doutrina para a constituição de organizações que adaptem de forma adequada nossos estudos para aplicação em seus respectivos países.²⁹²

A secretaria foi criada no mesmo ano em que Victor Barbuy assumiu a presidência da organização, indicando principalmente uma mudança de posição da FIB em relação ao contato com grupos da extrema direita internacional, que agora também se mostravam mais simpáticos a estabelecer essas relações. Dessa forma, foi possível encontrar referências e elogios da FIB a diferentes grupos da extrema-direita mundial. No entanto,

²⁸⁹ BARBUY, Victor. *Julius Evola e o “tradicionalismo integralista”*. Cristianismo, Patriotismo e Nacionalismo. 17 out. 2009 Disponível em: <http://cristianismopatriotismoenacionalismo.blogspot.com/2009/10/julius-evola-e-o-tradicionalismo.html> Acesso em: 20 jan. 2026

²⁹⁰ *Ibidem*.

²⁹¹ CALDEIRA NETO, Odilon. Integralismo contemporâneo ou Neointegralismo? Sobre a viabilidade e possibilidades de uma definição. In.: BOHOSLAVSKY, Ernesto; ECHEVERRÍA, Olga (eds.). *Las derechas en el cono sur, siglo XX*. Actas del quinto taller de discusión, Los Polvorines, 2014, p.105-106

²⁹² LENC I, Mauro. *A destra, oltre la destra...* Op. cit.

de maneira mais direta, é possível observar o contato com os grupos *Nation* (Bélgica francófona) e *Action Française* (França), ambos apresentados nas redes da FIB como grandes conquistas da organização, que passaria agora a contar com uma rede de contatos internacional. Segundo a FIB, o encontro teve como objetivo “apresentar o Integralismo e a FIB às pessoas em diversas nações nos diferentes continentes, bem como conhecer e aprender com aqueles que lutam por causas similares nos mais diversos países”.²⁹³ Em nota, ambos os grupos são elogiados, tendo, segundo a FIB, similaridades com o integralismo brasileiro. Apesar da importância de Victor Barbuy, é necessário pontuar que o principal expoente internacional da FIB foi o militante Alexandre Villacián (FIB-PR), responsável por defender, em seus discursos, a estratégia de aproximação com grupos internacionais e por representar a direção da FIB no encontro realizado na Europa com a *Nation* e a *Action Française*.

A tentativa de contato da FIB com organizações classificadas por diferentes pesquisadores como neofascistas deve ser compreendida como parte de uma estratégia consciente da FIB. Ao buscar estabelecer vínculos com grupos estrangeiros com essa identificação, a organização sinaliza sua inserção em um campo neofascista transnacional. Esses contatos são apresentados pela própria FIB como conquistas políticas, reforçando a imagem de pertencimento a uma comunidade de movimentos, considerados por ela como “similares”.

Figura 27: Integralismo: intercâmbio na Europa



Fonte: Nova Offensiva. *Integralismo: Intercambio na Europa*. Disponível em: <https://integralismo.org.br/internacional/integralismo-intercambio-na-europa/>. Acesso em 20 jan. 2026

²⁹³ NOVA OFFENSIVA. *Integralismo: intercâmbio na Europa*. FIB. 18 mar. 2019. Disponível em: <https://integralismo.org.br/internacional/integralismo-intercambio-na-europa/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

Em síntese, a análise apresentada permite sustentar a caracterização da FIB como uma organização neofascista, tanto pela herança direta do integralismo histórico, como e, sobretudo, pelos contatos com a literatura e grupos neofascistas. A incorporação de referenciais do neofascismo internacional, com destaque para o diálogo estabelecido com o pensamento de Julius Evola, bem como a busca deliberada por articulações transnacionais com grupos da extrema direita europeia, indica um movimento ancorado nessa tradição. Essas aproximações revelam também um esforço de atualização de inserção em uma rede mais ampla de organizações neofascistas.

CONCLUSÃO

Se em um determinado momento as produções historiográficas sobre grupos e movimentos políticos se concentravam no estudo das organizações de esquerda, enquanto a análise da extrema-direita não era bem-vista, é possível afirmar que essa realidade já não se sustenta. Observa-se, atualmente, um crescente interesse pela pesquisa sobre grupos, personalidades e movimentos de direita. Essas análises, pautadas no rigor científico, partem, em geral, da preocupação com o crescimento e o avanço desses movimentos, que, para muitos, já haviam sido relegados à margem da história. Entre eles, destaca-se o integralismo brasileiro, que, especialmente a partir da AIB, na década de 1930, conseguiu aglutinar diferentes setores da extrema-direita, configurando-se como um movimento fascista brasileiro de grande dimensão. Ainda no primeiro capítulo desta dissertação, foi realizado um debate acerca da caracterização do integralismo como um movimento fascista brasileiro, a partir da compreensão deste como um fenômeno não circunscrito apenas à Europa ou ao período entre guerras, bem como do conceito de fascismo proposto por Robert Paxton. Dessa forma, o trabalho concorda com a interpretação do integralismo como um movimento fascista brasileiro, conforme apontado por Héglio Trindade.

O integralismo brasileiro atravessou distintos contextos históricos, o que o levou a assumir diferentes configurações ao longo do tempo como forma de sobrevivência. Ainda que tenha perdido o protagonismo alcançado na década de 1930, o movimento encontrou formas de sobreviver e continuou a mobilizar as “paixões mobilizadoras” entre os seus militantes. A criação do Partido de Representação Popular (PRP), em 1945, após o período de autoexílio de Plínio Salgado em Portugal, permitiu que o integralismo atuasse no novo contexto político, ainda que sob uma nova roupagem democrática. Posteriormente, o golpe civil-militar de 1964, que contou com o apoio de Plínio Salgado e do próprio PRP, resultou na extinção do partido integralista. Apesar da insatisfação diante da perda de sua legenda política, parte dos integralistas ingressou na Aliança Renovadora Nacional (ARENA), enquanto outros buscaram formas de reorganização política, ainda que com atuação reduzida e, por vezes, desencorajada pelo próprio Plínio Salgado.

A centralidade de Plínio Salgado ao longo dessa trajetória é evidente, sendo o mesmo uma espécie de personificação da doutrina integralista. Sua morte, em dezembro

de 1975, representou um abalo significativo para o movimento, que perdeu de maneira definitiva sua unidade. A partir desse momento, inicia-se uma nova fase em sua trajetória, marcada pela fragmentação; o neointegralismo. A discussão acerca desse conceito foi desenvolvida no segundo capítulo desta dissertação, sendo realizado um breve estado da arte, evidenciando interpretações e debates existentes. A partir das diferentes contribuições entre os autores que estudam a temática, esse trabalho optou por compreender o conceito de neointegralismo, a partir da perspectiva defendida pelo historiador Odilon Caldeira Neto. Nesse sentido, o trabalho compreende que o neointegralismo se caracteriza, após a ausência de Plínio Salgado, pelas disputas entre diferentes lideranças e grupos, que frequentemente divergem quanto às estratégias de atuação e às formas de interpretação da doutrina, em meio à disputa pela liderança do movimento integralista.

Nesse contexto, diferentes lideranças assumiram posições de destaque no interior do neointegralismo brasileiro, entre as quais se destacam Carmela Salgado, Anésio Lara e Marcelo Mendez, embora nenhuma delas tenha conseguido unificar o movimento ou alcançar o capital simbólico de Plínio Salgado. Carmela Salgado, viúva de Plínio Salgado, atuou principalmente na preservação da memória do integralismo, sendo uma das responsáveis pela criação da Casa Plínio Salgado (CPS), importante lugar de memória integralista. Anésio Lara, por sua vez, buscou uma atuação política mais ativa, inclusive por meio da recriação de siglas históricas como a AIB. No entanto, sua aproximação com grupos da extrema-direita, como os *carecas do subúrbio* e grupos neonazistas, acabou envolvendo o movimento em polemicas que levaram a expulsão de Lara da reconstituída sigla e contribuíram ainda mais para desarticulação do integralismo no final do século XX. Por fim, Marcelo Mendez, defensor de um neointegralismo mais amplo e menos radical que Anésio Lara, foi responsável principalmente por incorporar a internet como ferramenta central dentro da estratégia de atuação do movimento, além de ter sido o responsável por criar o Centro de Estudos e Debates Integralistas (CEDI), um dos grupos neointegralistas pioneiros na utilização das redes. Apesar disso, a morte prematura de Mendez gerou um novo processo de fragmentação no interior do neointegralismo, que levou posteriormente à realização da última grande tentativa de unificação das diferentes correntes do movimento, o “I Congresso Integralista para o Século XXI”.

Nesse evento, definiu-se a criação de um grupo unificado, o Movimento Integralista Brasileiro (MIB); contudo, problemas relacionados à utilização da sigla e divergências internas, característica recorrente do neointegralismo, resultaram na

formação de três principais organizações: a Ação Integralista Revolucionária (AIR), o Movimento Integralista Linearista Brasileiro (MIL-B) e, por fim, a Frente Integralista Brasileira (FIB), objeto central desta dissertação de mestrado. Esta pesquisa, com base nas principais bibliografias sobre o integralismo e do neointegralismo, bem como na análise das fontes produzidas pelo grupo e por suas principais lideranças, propôs-se a analisar a atuação da Frente Integralista Brasileira (FIB), caracterizada nesse trabalho como um grupo neointegralista e neofascista brasileiro²⁹⁴.

A FIB, que se autodenomina “a verdadeira herdeira da AIB”, foi um dos resultados de uma série de conflitos e disputas que marcam a história do integralismo brasileiro após a morte de seu principal líder e intelectual, Plínio Salgado. Fundada em 22 de janeiro de 2005, após o “I Congresso Integralista para o Século XXI”, a FIB se apresentou como um grupo conservador em relação aos outros dois grupos que surgiram do fracasso do congresso em unificar o movimento. Tendo como sua primeira grande liderança Marcelo Baptista da Silveira, militante neointegralista de prestígio dentro do movimento e que já acumulava o cargo de presidente do CEDI no período, a FIB cresceu em relação aos outros grupos neointegralistas, que buscavam realizar atualizações doutrinárias ou críticas enfáticas à trajetória do integralismo brasileiro. Marcelo Silveira trouxe do CEDI para a FIB, sobretudo, a experiência no uso da internet e das redes sociais, especialmente no que se refere à panfletagem e à divulgação do movimento nesses espaços. Esse elemento contribuiu para o crescimento do neointegralismo da FIB em um contexto no qual até mesmo grandes organizações de esquerda avançavam de forma lenta nesse mundo digital, que se tornava progressivamente cada vez mais relevante para o crescimento de qualquer organização política.

Após assumir a direção da FIB em 2009, Victor Barbuy trouxe à organização elementos fundamentais que persistem até hoje no interior do grupo, em especial o contato com uma literatura neofascista, principalmente a partir de Julius Evola. Além disso, foi realizado no período a criação da secretaria de Relações Internacionais, por meio da qual foi possível estabelecer contatos com grupos da extrema-direita internacional. Barbuy também sistematizou os principais elementos que comporiam a FIB por meio do *Manifesto de 13 de Maio* e principalmente do *Manifesto da Guanabara*. Até o momento da elaboração desses documentos, a FIB não possuía um manifesto definitivo,

²⁹⁴ A discussão sobre o conceito de neofascismo e sobre a relação da FIB com o neofascismo internacional foi desenvolvida respectivamente no segundo e terceiro capítulo desta dissertação.

o que dificultava a adoção de uma linha de pensamento hegemônica no interior da organização. A análise do *Manifesto da Guanabara* demonstra que este surgiu como uma forma de sintetizar as principais concepções do integralismo defendidas pela organização, ao mesmo tempo em que explicita estratégias de atuação, como a aproximação com outros grupos, a exemplo dos monarquistas. Além disso, a criação do Manifesto da Guanabara esteve ligada a uma tentativa da FIB de formular um manifesto próprio, à semelhança do que ocorreu com a AIB com o *Manifesto de Outubro*.

Em relação ao *Manifesto de 13 de Maio*, é possível observar que, embora não se apresente explicitamente dessa forma, trata-se de um documento elaborado com a intenção de isentar o grupo dos posicionamentos racistas e antissemitas que marcaram a trajetória do integralismo e do neointegralismo brasileiro. O texto se constrói, sobretudo, a partir de estratégias de negação e de revisionismo do passado histórico do movimento, chegando a apresentar o integralismo como o “maior movimento antirracista da história do Brasil”. No entanto, essa negação de preceitos fundamentais e constitutivos do integralismo encontra limites evidentes, sendo possível identificar passagens preconceituosas e a mobilização de teses já amplamente criticadas, como as noções de “racismo reverso” e de “democracia racial”. Dessa forma, o manifesto se configura, em última instância, como mais um esforço discursivo de tornar o movimento mais palatável e adaptado ao contexto do século XXI.

Barbuy soube aproveitar o contexto de crescimento das direitas a partir de 2013 para ampliar a atuação da FIB nas ruas, ainda que iniciativas nesse sentido, como demonstrado nesta dissertação, já pudessem ser observadas desde a fundação do grupo. A participação nas ruas tinha como principal objetivo atrair novos filiados a partir de pautas comuns, como o ultranacionalismo, o anticomunismo, antipetismo, a retórica antiaborto e as posições LGBTfóbicas. Nesse sentido, durante as manifestações de 2013, o processo de impeachment de 2016 e a eleição presidencial de 2018, a FIB buscou se manter ativa no cenário político. Dessa forma, entre 2013 e 2019, é possível identificar um período de crescimento da FIB, caracterizado por uma atuação simultânea nas redes e nas ruas e, diferentemente de outros grupos neointegralistas, pela capacidade de estabelecer interlocuções com partidos políticos²⁹⁵, especialmente por meio da atuação do militante Paulo Fernando.

²⁹⁵ A aproximação do integralismo com partidos políticos, tema historicamente polêmico no interior do movimento, também se tornou uma questão relevante para a FIB. Nesse contexto, importantes lideranças, como Marcelo Silveira, que já não integra a organização, passaram a criticar essa forma de atuação adotada

Paulo Fernando foi uma importante liderança neointegralista da FIB, atuando como dirigente regional e tendo sido candidato pelo PRONA, além de desempenhar papel central na articulação entre o movimento e partidos políticos. Nesse sentido, destacam-se os contatos estabelecidos com o PTB e o PRTB, especialmente a partir de 2018, quando a FIB passou a incentivar tanto a filiação de seus militantes quanto a inserção de suas principais lideranças nessas legendas. Além disso, Paulo Fernando atuou diretamente no governo Bolsonaro, chegando a ocupar o cargo de assessor especial do “Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos”, de Damares Alves.

Em 2020, já durante o governo Bolsonaro, Moisés Lima assumiu a presidência da FIB, com atuação muito ligada a Victor Barbuy. Sua gestão teve como foco principal manter o contato com partidos políticos e a formação dos militantes neointegralistas através das redes sociais, investindo principalmente no YouTube, plataforma que vinha sendo explorada de forma pouco expressiva pelo movimento até então. A partir do canal no YouTube, em conjunto com outras plataformas como Google Drive, Twitter e Telegram a FIB, buscou reforçar sua presença no ambiente digital.

A FIB, desde sua fundação, valorizou as redes como um espaço privilegiado de comunicação e de interconexão entre a organização e seus militantes. Em um primeiro momento, o grupo demonstrava boa articulação nesses ambientes, conseguindo, por meio deles, produzir inclusive ações práticas nas ruas, desde a convocação de militantes para manifestações até a divulgação de revistas da organização e outras formas de atuação, como panfletagens.

Seu site oficial desempenhava papel central nesse ecossistema, funcionando como principal plataforma do grupo e como repositório de textos doutrinários, notas, artigos de opinião e orientações diversas, que iam desde as obrigações do militante integralista até a indicação de candidatos a serem apoiados em processos eleitorais. O Telegram e, sobretudo, o Twitter, que ocupava posição privilegiada entre as redes utilizadas pelo movimento, com elevado número de postagens, cumpriam a função de viabilizar uma comunicação mais rápida, individualizada e informal com os militantes. Nessas plataformas, era possível encontrar registros fotográficos, memes e críticas diretas a pesquisadores do integralismo e do neointegralismo.

pela FIB e por suas lideranças atuais, especialmente no que diz respeito à relação com o bolsonarismo. Esse quadro evidencia a existência de disputas internas e de correntes de pensamento antagônicas em um ambiente que a FIB, por muito tempo, buscou apresentar publicamente como homogêneo.

Por fim, os drives vinculados à FIB, em especial o chamado “Drive Nacionalista”, desempenhavam papel fundamental na formação do militante neointegralista. Constantemente atualizados, esses espaços funcionavam como repositórios de materiais diversos, reunindo textos, livros, conteúdos audiovisuais e materiais de propaganda de diferentes grupos e personalidades da direita e da extrema-direita. Nesse sentido, a formação do militante constituiu uma prioridade da FIB, sendo o uso dos drives, articulado principalmente ao YouTube da organização e de Moisés Lima, um elemento central nessa estratégia.

Embora a FIB tenha realizado, ao longo de sua trajetória, cursos em plataformas próprias, foi possível perceber a centralidade atribuída ao YouTube da FIB e de suas lideranças como espaços de formação militante. O canal de Moisés Lima, em particular, foi responsável pela produção de uma ampla variedade de cursos integralistas, muitos dos quais contaram com a participação de militantes da “antiga geração”, como Sérgio Vasconcellos, um dos principais intelectuais do grupo. A partir da análise dessas plataformas, foi possível observar que, mesmo com um número de militantes reduzido em comparação com outros grupos da extrema-direita brasileira, as postagens da FIB frequentemente conseguiram furar a bolha neointegralista e alcançar novos públicos. Ainda assim, mais do que desempenhar um papel meramente panfletário, essas iniciativas foram concebidas como instrumentos voltados à formação do militante neointegralista no século XXI.

No entanto, se em um momento anterior a FIB chegou a ser apresentar como referência nesse espaço, progressivamente outros movimentos da extrema direita, inclusive alguns vinculados ao neofascismo, passaram a ultrapassar o grupo no ambiente digital, tendo atuações consideravelmente mais eficientes dentro das redes. Em paralelo, após a saída de Paulo Fernando²⁹⁶ do ministério de Damarens Alves, a FIB se encontrou definitivamente fora do governo Bolsonaro, ainda que sua atuação no interior do governo tenha sido mais simbólica do que efetiva. As tentativas de capitanear filiados oriundos de movimentos como o bolsonarismo não produziram os resultados esperados, visto que ocorreu cada vez mais uma radicalização desse campo político dentro de si mesmo, absorvendo, em seu interior, as principais pautas historicamente associadas ao integralismo e defendidas pela FIB.

²⁹⁶ Paulo Fernando faleceu em 14 de março de 2026, em Brasília, vítima de um infarto fulminante, aos 58 anos.

Assim, é perceptível a perda do capital simbólico do movimento para outras correntes da extrema-direita, especialmente o bolsonarismo. Elementos que outrora funcionavam como marcadores do integralismo, como o lema “Deus, Pátria e Família”, foram apropriados e difundidos em escala muito mais ampla, deixando de ser específicos do movimento. Esse processo revela os limites do neointegralismo da FIB, que, ao mesmo tempo em que buscava se consolidar em um campo marcado por intensas disputas por influência, frequentemente por meio do contato com outros grupos da extrema-direita, acabou sendo deslocado por essas mesmas forças, que acabaram por conseguir incorporar parte de seus símbolos.

Do ponto de vista do neofascismo no Brasil contemporâneo, o neointegralismo já não ocupa uma posição de centralidade, estando longe de se configurar como o principal ator nesse campo. De maneira mais específica, no interior do próprio neointegralismo, embora a FIB ainda seja um grupo reconhecido e frequentemente citado nas redes, sua atuação mostra-se limitada, tanto em termos de mobilização quanto de influência, quando comparada a outras organizações neointegralistas, como a Nova Acção, que, inclusive, tem absorvido parte de seus militantes. Nesse contexto, ainda que este trabalho tenha como recorte temporal o ano de 2022, marcado pela eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, é possível identificar indícios de um processo de colapso. Apesar de sua existência formal e da manutenção de uma presença digital residual, sobretudo por meio de postagens em plataformas como o Twitter, o grupo apresenta sinais claros de perda de relevância no interior da extrema-direita. Esse movimento se insere em um quadro mais amplo, no qual o próprio neointegralismo parece atravessar um momento de declínio, especialmente quando observado em relação a outras formas de organização e atuação vinculadas ao campo neofascista no Brasil contemporâneo.

FONTES PRIMÁRIAS

I- FONTES ESCRITAS:

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Manifesto de Outubro de 1932*. [S. l.]: Secretaria Nacional de Propaganda da AIB, 1932.

AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Protocolos e Rituais da AIB*. 1937. Disponível em: <https://archive.org/details/protocolos-e-rituais-aib-1937>. Acesso em: 21 nov. 2025.

BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros: história dos empréstimos de 1824 a 1934*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. São Paulo, 25 abr. 1933. Apud GOÉS, Maria da Conceição Pinto. *A imprensa brasileira ante o fascismo: a tomada do poder na Alemanha*. 1983.

SALGADO, Plínio. *A vida de Jesus*. São Paulo: Panorama, 1942.

SALGADO, Plínio. *O que é o integralismo?* Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

II- FONTES DIGITAIS (SITES):

ANIL. *A Igreja Linear, nova religião do sec. XXI*. Integralismo Linear, 11 ago. 2021. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/a-igreja-linear-nova-religiao-do-sec-xxi/>. Acesso em: 03 jan. 2026.

BARBUY, Victor. *Um fantasma ronda o Brasil*. 22 maio 2013. Disponível em: <https://integralismo.org.br/opiniao/um-fantasma-ronda-o-brasil/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BARBUY, Victor. *Julius Evola e o “tradicionalismo integralista”*. Cristianismo, Patriotismo e Nacionalismo, 17 out. 2009. Disponível em: <http://cristianismopatriotismoenacionalismo.blogspot.com/2009/10/julius-evola-e-o-tradicionalismo.html>. Acesso em: 20 jan. 2026.

BARBUY, Victor. *Enéas Carneiro, um herói nacional*. 29 dez. 2017. Disponível em: <https://integralismo.org.br/personalidades/eneas-carneiro-um-heroi-nacional/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

BARBUY, Victor. *Segundo turno das eleições 2018: orientação da FIB*. 26 out. 2018. Disponível em: <https://integralismo.org.br/politica/segundo-turno-das-eleicoes-2018-orientacao-da-fib/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BARBUY, Victor. *Levy Fidelix, in memoriam*. 1 maio 2021. Disponível em: <https://integralismo.org.br/personalidades/levy-fidelix-in-memoriain/>. Acesso em: 04 ago. 2025.

BARBUY, Victor Emanuel Vilela. *Manifesto da Guanabara*. Rio de Janeiro, 25 jan. 2009. Editado em: 20 abr. 2021. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/manifesto-da-guanabara/>. Acesso em: 01 maio 2025.

BARBUY, Victor Emanuel Vilela. *Discurso de posse de Victor Emanuel, novo Presidente Nacional*. São Paulo, 18 maio 2009. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/movimento/discurso-de-posse-de-victor-emanuel-novo-presidente-nacional>. Acesso em: 01 maio 2025.

CARVALHO, Olavo de. *A eloquência dos fatos*. FIB, s.d. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20060715031516/http://www.integralismo.org.br/novo/?cont=58&tx=21&vis=>. Acesso em: 19 jun. 2025.

CARVALHO, Olavo de. *A história oficial de 1964*. FIB, s.d. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20060715031314/http://www.integralismo.org.br/novo/?cont=58&tx=12&vis=>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FERRAZ, Eduardo. *5 deveres do integralista na era digital*. FIB, 13 jul. 2021. Disponível em: <https://integralismo.org.br/colunas/5-deveres-do-integralista-na-era-digital/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Presidente da FIB discursa na grande manifestação contra o PT em São Paulo*. 30 set. 2019. Disponível em: <https://integralismo.org.br/politica/presidente-da-fib-discursa-na-grande-manifestacao-contra-o-pt-em-sao-paulo/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Facebook derruba contas de integralistas*. 16 jun. 2021. Disponível em: <https://integralismo.org.br/movimento/facebook-derruba-contas-de-integralistas/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Conselho Diretivo Nacional*. Disponível em: <https://integralismo.org.br/conselho-diretivo-nacional/>. Acesso em: 17 jan. 2026.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Passeata fora Lula!* 12 set. 2007. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070927164730/http://www.integralismorio.org/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *7 de setembro pelo Brasil*. 8 set. 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080913010303/http://www.integralismo.org.br/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Comemoração em SP – 44 anos da Contrarrevolução*. 29 mar. 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080401012127/http://www.integralismo.org.br/>. Acesso em: 21 maio 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Apresentação*. IPS, 24 jul. 2009. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20101228180121/http://integralismo.org.br/ead/mod/resource/view.php?id=4>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Panfleto Defesa da Vida*. Disponível em: http://www.integralismo.org.br/novo/mod_dl.php?arquiv=panfletodefesavida.pdf. Acesso em: 21 jun. 2025.

FUCS, José. Integralistas estão de volta e resgatam camisas verdes. *O Estado de S. Paulo*, 15 dez. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/integralistas-estao-de-volta-e-resgatam-camisas-verdes/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

G1. *Manifestantes se reúnem para nova versão da Marcha da Família em SP*. São Paulo, 22 mar. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/03/manifestantes-se-reunem-para-nova-versao-da-marcha-da-familia-em-sp.html>. Acesso em: 18 jun. 2025.

G1. *Elon Musk e Twitter: a cronologia da primeira negociação até a compra da rede social*. 28 out. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/10/28/elon-musk-e-twitter-a-cronologia-da-primeira-negociacao-ate-a-compra-da-rede-social.ghtml>. Acesso em: 22 jul. 2025.

LIMA, Moisés. *Eleições de 2022 e Pe. Kelson*. YouTube, 1 out. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iwHiwT61SFo>. Acesso em: 19 jun. 2025.

LIMA, Moisés. *O “golpe” do presidente*. 7 jul. 2022. Disponível em: <https://integralismo.org.br/opiniao/o-golpe-do-presidente/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

LIMA, Moisés. *O regime liberal ajudou a matar 200 mil brasileiros*. 22 nov. 2022. Disponível em: <https://integralismo.org.br/opiniao/o-regime-liberal-ajudou-a-matar-200-mil-brasileiros/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

NATALI, João Batista. Integralistas têm tímido “lobby” para a constituinte. *Folha de S. Paulo*, 21 dez. 1986, p. 5.

NIVARMA, Walter. “Deus, Pátria e Família”: com Bolsonaro, integralismo recupera fôlego. *Diário do Centro do Mundo*, 21 ago. 2020. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/deus-patria-e-familia-com-bolsonarointegralismo-recupera-folego-mas-nao-e-mais-a-forca-que-teve-simpatia-de-vinicius-e-dom-helder/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

NOVA OFFENSIVA. *Palestra sobre integralismo reúne 200 estudantes*. 29 set. 2015. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20190204030548/http://integralismo.org.br/?cont=780&ox=163>. Acesso em: 18 jun. 2025.

NOVA OFFENSIVA. *Paulo Fernando visita sede da FIB-RJ*. 18 set. 2019. Disponível em: <https://integralismo.org.br/movimento/paulo-fernando-visita-sede-da-fib-rj/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

NÚCLEO. *No Brasil, Gettr cresce em posts, mas não em engajamento*. s.d. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/reportagem/2022-06-23-gettr-cresce-brasil-2022/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PORTAL NACIONAL. *Lideranças integralistas filiam-se ao PTB*. 24 jun. 2021. Disponível em: <https://integralismo.org.br/movimento/liderancas-integralistas-filiam-se-ao-ptb/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Produtora do Porta dos Fundos no Rio sofre ataque com coquetel molotov. *El País Brasil*, 24 dez. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019-12-24/produtora-do-porta-dos-fundos-no-rio-sofre-ataque-com-coquetel-molotov.html>. Acesso em: 08 jan. 2026.

TIGRE, Rod. *Integralismo linear e o quinto evangelho de Jesus Cristo verdadeiro*. Integralismo Linear, 7 fev. 2024. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/o-integralismo-linear-e-o-quinto-evangelho-do-jesus-cristo-verdadeiro/>. Acesso em: 03 jan. 2026.

VASCONCELLOS, Sérgio. *Apêndice histórico*. FIB. Sem data. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/apendice-historico/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

@integralismo_. Matheus Batista. X/Twitter. 10 jun. 2024. Disponível em: https://x.com/integralismo_/status/1800315109287624974. Acesso em: 17 jan. 2026.

III- FONTES AUDIOVISUAIS:

BURIL, Bárbara. *Arte: da vanguarda ao Realismo Socialista*. Revista Continente, 1 maio 2017. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/197/arte--da-vanguarda-ao-realismo-socialista>. Acesso em: 17 jan. 2026.

CRUZ, Luiz. *Candidatos 100% pró-vida*. FIB, 15 ago. 2006. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20060830190337/http://www.integralismo.org.br/novo/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *7 de setembro pelo Brasil*. FIB, 08 set. 2008. Disponível em: <https://www.web.archive.org/web/20080913010303/http://www.integralismo.org.br:80/novo/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Ação coordenada simultânea em todos os núcleos*. Sem data. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20060701053027/http://www.integralismo.org.br:80/novo/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Apresentação*. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/apresentacao/>. Acesso em: 18 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Início*. Sem ano. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Integralismo no Dia da Independência do Brasil*. São Paulo, 07 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ugj3s99xV0k>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Página inicial do canal no YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/@FrenteIntegralistaBrasileira>. Acesso em: 18 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Presidente da FIB discursa na grande manifestação contra o PT em São Paulo*. 30 set. 2019. Disponível em: https://www.web.archive.org/web/20181224051147/http://integralismo.org.br/?cont=780&ox=199#.XC_BqpHbP32c. Acesso em: 19 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *Nacionalistas limpam a estátua de Borba Gato*. YouTube, 01 ago. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LUM8gChH4RQ>. Acesso em: 19 jun. 2025.

INTEGRALISMOBRASIL. *“Deus, Pátria, Família”*. *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*. YouTube, 22 mar. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hJ6WyFwTrKg>. Acesso em: 19 jun. 2025.

FRENTE INTEGRALISTA BRASILEIRA. *INSCRIÇÃO EAD – 2015/4*. Sem data. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScx9xkUqNP5rPKb0ZP7lP34X2lXhHRKA87U2H2sOo18Gq7Hw/viewform>. Acesso em: 19 jun. 2025.

LIMA, Moisés. *A teoria dos movimentos humanos – a quarta humanidade (parte I)*. YouTube, 03 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9kAtGFHvIPY>. Acesso em: 20 jun. 2025.

LIMA, Moisés. *Como ingressar na Frente Integralista Brasileira?* YouTube, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B0rfFh1YQac>. Acesso em: 18 jun. 2025.

LIMA, Moisés. *Existe neointegralismo?* YouTube, 12 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e7uP2GeOxM0>. Acesso em: 19 jun. 2025.

LIMA, Moisés. *Integralistas estão de volta!* YouTube, 19 dez. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4kq4OUNWifo>. Acesso em: 19 jun. 2025.

LIMA, Moisés. *Marco Antonio Villa e Olavo de Carvalho*. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Whne1l3UAB8>. Acesso em: 20 jun. 2025.

LIMA, Moisés. *O que é Integralismo?* YouTube, 01 fev. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rk8Lbg2yK0Y>. Acesso em: 20 jun. 2025.

LIMA, Moisés. *O verdadeiro integralismo de Plínio Salgado (introdução)*. YouTube, 28 out. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZOjf7o0XCQ8>. Acesso em: 19 jun. 2025.

LIMA, Moisés. *Página inicial do canal no YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/Mois%C3%A9sLimaFIB>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MATOS, Dídimos. *Encontro Nacional Evoliano*. 30 dez. 2009. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20100602040557/http://encontronacionalevoliano.com.br/>. Acesso em 20 jan. 2026

MOVIMENTO INTEGRALISTA LINEARISTA BRASILEIRO. *Logo da MIL-B*. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/>. Acesso em: 06 jan. 2026.

MOVIMENTO INTEGRALISTA LINEARISTA BRASILEIRO. *Imagem “Galo Tupã”*. Sem data. Disponível em: <https://integralismolinear.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Galo-Tup%C3%A3.jpg>. Acesso em: 03 jan. 2026.

NOVA OFFENSIVA. *Integralismo: intercâmbio na Europa*. Disponível em: <https://integralismo.org.br/internacional/integralismo-intercambio-na-europa/>. Acesso em: 20 jan. 2026.

NOVA OFFENSIVA. *Palestra sobre integralismo reúne 200 estudantes*. FIB, 29 set. 2015. Disponível em: <https://www.web.archive.org/web/20190204030548/http://integralismo.org.br/?cont=780&ox=163>. Acesso em: 18 jun. 2025.

O DILEMA DAS REDES. Direção: Jeff Orlowski. Produção: Exposure Labs. Estados Unidos: Netflix, 2020. Documentário.

PORTAL NACIONAL. *Lideranças integralistas filiam-se ao PTB*. 24 jun. 2021. Disponível em: <https://www.integralismo.org.br/movimento/liderancas-integralistas-filiam-se-ao-ptb/>. Acesso em: 16 jun. 2025.

QUEIROZ VIA ROMANA, Rafael. *A desorientação da Frente Integralista: entrevista com Marcelo Silveira*. YouTube, 15 set. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hcd_5mYdutQ. Acesso em: 17 jan. 2026.

@integralismo_. *Perfil*. Sem data. Disponível em: https://x.com/integralismo_. Acesso em: 05 jul. 2025.

@integralismo_, *Meme economia*. X/Twitter. 12 mar. 2020. Disponível em: https://x.com/integralismo_/status/1238261812061143042/photo/1. Acesso em: 18 jun. 2025.

@integralismo_. *Médici*. X/Twitter 08 abr. 2021. Disponível em: <https://x.com/integralismo/status/1380353953582477313/photo/1>. Acesso em: 18 jun. 2025.

@integralismo_. *Integralistas e Monarquistas*. X/Twitter. 19 mai. 2023. Disponível em: <https://x.com/integralismo/status/1659676238452084736/photo/1>. Acesso em: 18 jun. 2025.

@igrejalinear. *Anésio Lara* X/Twitter. 28 ago. 2024 Disponível em: <https://x.com/i/status/1828860232447001025>. Acesso em: 02 jan. 2026.

BIBLIOGRAFIA

- ALAMBERT, Francisco. *A Semana de 22: a aventura modernista no Brasil*. São Paulo: Scipione, 1992.
- ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. Extrema direita, Big Techs, redes sociais e fake news. In: SILVA, Bruna Giovanna da; MACHADO, Gabriel Benedito; FIGUEIRA, Giovanna de Andrade; BALESTRO, Mayara (org.). *A fabricação da verdade: a ascensão da extrema direita e a guerra de informação*. Santa Maria, RS: Arco Editores, 2025.
- ALMEIDA, Gelsom Rozentino de; CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira; BRANDÃO, Rafael Vaz da Motta (Orgs.). *Miragem do Brasil: dos governos do PT ao golpe de 2016 e à ascensão conservadora*. Rio de Janeiro: Garamond, 2021.
- AMOROSO, Mauro. Por entre margens e lugares: sobre a materialidade da memória dos moradores de favelas. In: GONÇALVES, Rafael Soares; AMOROSO, Mauro; BRUM, Mario (orgs.). *Pensando as favelas cariocas: memória e outras abordagens teóricas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.
- ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO. *Brasil Nunca Mais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma*. Marília: UNESP, 2012.
- _____. Intelectuais do Sigma e o integralismo contemporâneo: os herdeiros de Plínio Salgado. *Boletim Tempo Presente* (UFRJ), n. 4, 2013.
- BERTONHA, João Fábio. *Plínio Salgado: biografia política (1895–1975)*. São Paulo: Edusp, 2018.
- _____. Sobre fascismos e ditaduras: a herança fascista na formação dos regimes militares do Brasil, Argentina e Chile. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 9, 2015.
- CALDEIRA NETO, Odilon. *Integralismo, neointegralismo e antissemitismo: entre a relativização e o esquecimento*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.
- _____. *Nosso nome é Enéas: Partido de Reedificação da Ordem Nacional (1989-2006)*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- _____. *Sob o signo do Sigma: integralismo, neointegralismo e o antissemitismo*. Maringá: Ed. UEM, 2014.

_____. Integralismo contemporâneo ou neointegralismo? Sobre a viabilidade e possibilidades de uma definição. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto; ECHEVERRÍA, Olga (eds.). *Las derechas en el cono sur, siglo XX*. Los Polvorines, 2014.

_____. Neofascismo, “Nova República” e ascensão das direitas no Brasil. *Revista Conhecer*, v. 10, n. 24, 2020.

_____. Neointegralismo: do debate historiográfico a uma possível definição. *L’Ordinaire des Amériques*, n. 226, 2021.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

_____. Peculiaridades e paradoxos do nacionalismo integralista (1932–1964). *História: Debates e Tendências*, v. 13, n. 1, 2013.

_____. Embates e disputas em torno das jornadas de junho. *Projeto História*, v. 47, 2014.

CARDOSO, Célia Costa. Governo Castelo Branco, contragolpe e Frente Ampla nas memórias de militares e civis. *Revista Perseu*, ano 8, 2014.

CARDOSO, Tainá Agostinho. *O neointegralismo entre as permanências e atualizações de um “projeto” de nação*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Socioeconômico). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2022.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do sigma ao sigma: entre a anta, a águia, o leão e o galo*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

_____. Uma velha novidade: o integralismo no século XXI. *Boletim do Tempo Presente*, n. 3, 2015.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. *Contra a guerra ou contra o fascismo: as esquerdas brasileiras e o antifascismo, 1933-1935*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1999.

CESARINO, Letícia. *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu, 2022.

CHASIN, José. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo híper-tardio*. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAVES, Eduardo dos Santos. A Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e a construção social da ditadura civil-militar. *Temporalidades*, v. 5, n. 3, 2014.

- COSTA, Márcia Regina da. *Os Carecas do Subúrbio*: caminhos de um nomadismo moderno. São Paulo: Musa Editora, São Paulo, 1992.
- CRUZ, Natália dos Reis. A ideologia do sigma hoje. *História: Questões & Debates*, n. 46, 2007.
- _____. *O Integralismo e a Questão Racial*: a intolerância como princípio. 2004. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- CYTRYNOWICZ, Roney. O fascismo brasileiro entre as oligarquias e a modernidade. In: GUERRA, Luiz Felipe Hirtz; SOMBRA, Luiz Henrique. *Imagens do sigma*. Rio de Janeiro: APERJ, 1998.
- DREIFUSS, René Armand. *O jogo da direita*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1994.
- FAGUNDES, Pedro Ernesto. Morte e memória. *Varia História*, v. 28, n. 48, 2012.
- FREIRE, Camila de Sousa. *O pensamento e a trajetória intelectual de Gustavo Barroso*: identidade regional, redes de sociabilidade, integralismo e escrita de si (1910-1940). Tese (Doutorado em História Social), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2023.
- GONÇALVES, Leandro Pereira. *Entre Brasil e Portugal*: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012.
- _____. A formação do integralismo brasileiro e a literatura de Plínio Salgado. *Albuquerque*, v. 4, n. 8, 2017.
- GONÇALVES, Leandro; NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes*: do integralismo ao neintegralismo. Rio de Janeiro: FGV, 2020.
- GRIFFIN, Roger. Studying Fascism in a Postfascist Age. From new consensus to New Wave? *Fascism: Journal of Comparative Fascist Studies*, vol. 1, n. 1, 2012.
- GRINBERG, Lúcia. *Partido político ou bode expiatório*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *Era dos impérios*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- KONDER, Leandro. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LAQUEUR, Walter. *Fascism: past, present, future*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- LENCI, Mauro. *A destra, oltre la destra*. Pisa: Pisa University Press, 2012.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

- LIMA, Lucas Pedretti. *As fronteiras da violência política: movimentos sociais, militares e as representações sobre a ditadura militar (1970-1988)*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2022.
- LÖWY, Michael. Neofascismo: um fenômeno planetário – o caso Bolsonaro. *A Terra é Redonda*, 24 out. 2019. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neofascismo-um-fenomeno-planetario-o-caso-bolsonaro/> Acesso em: 18 jun. 2025.
- MACHADO, Débora Franco. A colonização dos dados. In: SILVEIRA, Sérgio Amadeu da, et al. (orgs.) *Colonialismo de dados*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- MANN, Michael. *Fascistas*. São Paulo: Record, 2008.
- MELO, Demian. Prefácio. In: RENTON, David. *Fascismo: história e teoria*. São Paulo: Usina Editorial, 2024.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- NOLTE, Ernst. *Three faces of fascism*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1966.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. *Projeto História*, n. 10, 1993.
- OLIVA, Laís Charski de. *Os novos contornos do sigma: neointegralismo e projeto de sociedade e educação no Brasil do século XXI*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A evolução dos estudos sobre o integralismo. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 36, n. 1, 2010.
- _____. O jornal *A Razão*. *Historiæ*, v. 7, n. 2, 2017.
- PAXTON, Robert O. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- PINHO, Rodrigo Maiolini Rebello. O pensamento integralista de Miguel Reale. *Revista Verinotio*, v. 25, n. 2, 2019.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, 1989.
- _____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992.
- PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2010.
- RAMOS, Diego da Silva. *Raymundo Padilha: do integralismo à ditadura militar*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2020.
- REIS, Daniel Aarão. *Ditadura e democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

- REVOLTA INTEGRALISTA. In: *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- SANTOS, Robson dos. A estética política: literatura e sociedade em O Esperado, de Plínio Salgado. *Revista Urutágua*, n° 12, abril/julho 2007. Disponível em: <http://www.urutagua.uem.br/012/12santos.htm>. Acesso em: 19 jun. 2025.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Maria Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SERRATO, Edegar B. F. *A Ação Integralista Brasileira e Getúlio Vargas: Antiliberalismo e anticomunismo no Brasil de 1930 a 1945*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os fascismos. In: REIS FILHO, Daniel Aarão, et al. (orgs.) *O século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. _____ . Revoluções conservadoras. In: *O século sombrio*. Rio de Janeiro: Campus, s.d.
- SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; SOUZA, Joyce; CASSINO, João Francisco (orgs.). *Colonialismo de dados*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação do corpo para o “soldado integral”. *Motriz*, v. 18, n. 2, 2012.
- TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1979.
- VISCARDI, Cláudia. *Teatro das oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.